

ANUÁRIO



ACADEMIA CAMPO-BELENSE DE LETRAS

2026

© Copyright 2026, Academia Campo-belense de
Letras

1ª edição

1ª impressão

(publicado em SETEMBRO de 2026)

Todos os direitos reservados, protegidos pela Lei
9.610/98. Nenhuma parte desta edição pode ser
utilizada ou reproduzida, em qualquer meio ou forma,
nem apropriada e estocada sem a expressa
autorização do autor.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
(CIP)

ACL – Academia Campo-belense de Letras

Partes deste livro poderão ser utilizados, desde que
informe a fonte.

Clube de Autores

ISBN: 978-85-60152-01-8

Câmara Brasileira do Livro

Coordenador

João Luiz Lacerda

Diagramação

Vicente Soares Neto

SUMÁRIO

SUMÁRIO-----	3
POSSE DO PRESIDENTE-----	11
MENSAGEM-----	11
ACADEMIA CAMPO-BELENSE DE LETRAS Patrono - José Miserani de Carvalho-----	18
JOÃO BARBOSA-----	21
OSWALDO ALVARENGA-----	24
HINO DE CAMPO BELO-----	29
PATRONOS DAS CADEIRAS-----	30
ACADÊMICOS REMIDOS-----	33
AÇÕES ADMINISTRATIVAS-----	35
DIRETORIA EXERCÍCIO 2025 A 2027-----	40
REUNIÕES MENSAIS-----	42
ATOS DA DIRETORIA-----	47
Ato da Diretoria nº 01/2025-----	47
Ato da Diretoria nº 02/2025-----	48
Ato da Diretoria nº 03/2025-----	48
Ato da Diretoria nº 04/2025-----	49
Ato da Diretoria nº 01/2026-----	51
SESSÃO SOLENE-----	53
1º de novembro de 2025-----	53
Homenagem-----	53
SESSÃO SOLENE - 25 de abril de 2026-----	59
HOMENAGENS DA ACADEMIA-----	64
ACADÊMICA INAÊ LEANDRO-----	64

Presidente homenageia os 47 anos da Academia	66
Presidente Homenageia Comendador Nílson Reis	72
Presidente homenageia Comendador Francisco de Assis Correa	75
Presidente homenageia Comendadora Júlia de Sá Carvalho	78
HINO DA ACADEMIA CAMPO-BELENSE DE LETRAS	83
CAMPO BELO EM FOTOS	91
LANÇAMENTO DE LIVROS	95
A História de Campo Belo	95
Corações e Letras	99
ALYSSON MASSOTE CARVALHO	105
ANTÔNIO BRÁS	107
ARTHUR EDMUNDO DE SOUZA RIOS	113
CARLOS HENRIQUE SOARES	116
DANIEL EDSON ALVES E SILVA	119
DENISE CÁSSIA GARCIA	130
EDILSON BORGES CARDOSO	147
EDSON JOSÉ TEIXEIRA	154
EVALDO ALVES D´ASSUMPCÃO	164
EVALDO FERREIRA VILELA	169
FRANCISCO DE ASSIS CORRÊA	177
INAÊ LEANDRO	181
JOÃO LUIZ LACERDA	184
JOSÉ NEWTON NORONHA ALMEIDA	188

JÚLIA DE SÁ CARVALHO-----	194
MIRIAN BOUERI MAGALHÃES-----	198
NILSON REIS-----	201
OTÁVIO DE AVELAR ESTEVES-----	211
RONALDO GARCIA DIAS-----	240
SÉRGIO LUIZ MAIA-----	244
VICENTE SOARES NETO-----	248

PREFÁCIO

Ao ler o *Anuário 2026 da Academia Campo-belense de Letras* e pensar o Prefácio, surgiu-me lembrança de rápida conversa com especial amiga, médica em Alfenas, a dizer-me que todo cidadão deveria escrever a sua história. Desta maneira, registros poderiam formar valioso painel familiar.

Completar 47 anos, a Academia Campo-belense de Letras – ACL, coloca em livro o *Anuário 2026* e relata o tempo e as iniciativas que a fazem permanecer ativa com atualização necessária para o fortalecimento da sua missão. O painel que se apresenta, liga o tempo silencioso de anos passados e demonstra princípios que valorizam cultura e persistência.

As páginas iniciais reafirmam o passado onde pontuam as figuras de José Miserani de Carvalho e João Barbosa, referências na história de Campo Belo, e destaca a atuação do dr. Oswaldo Alvarenga que capitaneou a realidade dos primeiros dias da Academia. Na obra que se apresenta

agora, conhecemos mais alguns aspectos biográficos destes homens, com inclusão de informações coletadas no Anuário de 1979-1994. A história que se iniciou no ano do centenário de Campo Belo e se solidifica neste momento, é pautada com o mesmo esmero que diretorias anteriores se dedicaram a valorizar na manutenção da caminhada.

No *Anuário 2026*, somos informados de ações importantes que, além de modernizar a estrutura administrativa, também, em alguns aspectos, podem atrair cidadãos interessados em leitura de livros dos acadêmicos e, possivelmente, novos e jovens escritores que, com livros editados em PDF, encontram espaço para apresentar, sem custo, suas obras no saite da ACL, recentemente criado. Condições administrativas também tornam a condução da Instituição mais segura nos aspectos financeiro e patrimonial e conta bancária que confirmam *organização e compromissos com a cultura e a sociedade*.

Envolvimento com recursos tecnológicos disponíveis e sempre em evolução, permitiu que reuniões com

presença dos acadêmicos para discussões de tomadas de decisões e informações pudessem ser mais frequentes e, muito importante: a utilização de recursos virtuais. A implantação desta iniciativa permite ser julgada como incentivo aos valores humanos no envolvimento dos acadêmicos que, desta maneira, podem participar dos encontros em qualquer lugar se encontrem. E mais ainda, torna-se oportunidade de descontração e diálogos entre confrades e confreiras participantes.

Na leitura do *Anuário 2026*, é perceptível a presença do passado nas atividades que foram responsáveis no enfrentamento de vitórias e adversidades comuns em associações. Homenagens a duas mulheres que ocuparam a presidência em períodos distintos, realizaram-se com a presença de ambas. Na comemoração dos 47 anos da Academia, vultos importantes, da Instituição e amigos da Academia, não foram esquecidos, receberam honrarias em sessão solene. Outro destaque na comemoração é a apresentação do Hino da Academia

Campo-belense de Letras, poesia e música e a escrita musical.

Mais à frente na leitura, tomamos conhecimento biográfico dos Acadêmicos e em continuação da leitura, encontramos dois lançamentos de livros que realçam a importância cultural da Academia com a apresentação da edição do Acadêmico Edson José Teixeira que realizou valiosa e extensa pesquisa *A História de Campo Belo*. O presidente da Academia, Vicente Soares Neto, apresentou sua obra histórica e pessoal sobre sua vivência e convívio ao longo de muitos anos na Academia Campo-belense de Letras com o título *Corações e Letras*.

Gratificante e motivo de orgulho para os campo-belenses essa publicação que eleva e dignifica a cultura em Campo Belo, e valoriza atuação e presença da *Academia Campo-belense de Letras*.

João Luiz Lacerda -

ACL

POSSE DO PRESIDENTE

MENSAGEM

Boa noite...!

Excelentíssimos confrades, confreres, autoridades aqui presentes, familiares, amigos e amantes das letras de nossa querida Campo Belo.

É com o coração pleno de emoção, e um profundo sentimento de gratidão, que assumo, neste instante solene, a honrosa missão de presidir a Academia Campo-belense de Letras.

Jamais imaginei, naquele longínquo 25 de setembro de 1993 — quando tive a alegria de ser admitido nesta augusta casa, que um dia estaria diante de todos vocês com esta sublime missão e responsabilidade.

Permitam-me, inicialmente, voltar um pouco no tempo.

A memória me leva ao dia 21 de abril de 1979, quando, no salão nobre da Câmara Municipal, um sonho tomou forma, pelas mãos visionárias do saudoso Dr. Oswaldo Alvarenga.





Arquivo: Vicente Soares Neto

Nascia, ali, nossa Academia. Um templo de pensamentos e das palavras. Um santuário de ideias e de memórias. Um berço da cultura campo-belense.

Foi naquele momento inaugural que o jornalista e poeta, Professor João Barbosa, foi aclamado nosso Presidente de Honra — justo reconhecimento a uma alma que viveu a palavra com intensidade e ternura.

E, como Patrono, foi escolhido o ilustre José Miserani de Carvalho, cuja obra *Velharias*, nos legou os primeiros alicerces da história de nossa cidade.

Esses nomes não pertencem apenas ao passado. Eles ecoam ainda hoje, em cada canto da cidade, e na

verdade, são faróis que continuam a nos guiar.

Quero também fazer uma reverência especial à querida confreira Marli Carvalho Pacheco, então Presidente da Academia na ocasião de minha admissão.

Marli, recebi de suas mãos acolhedoras o ingresso neste seletor grupo, com carinho e dignidade. Seu trabalho generoso permanece vivo na memória desta casa.

E, não poderia deixar de me dirigir com respeito e afeto à confreira Denise Garcia, a quem tenho a honra de suceder nesta Presidência.

Denise, sua dedicação e sensibilidade, marcaram um tempo de luz e de renovação. Você soube escutar as palavras que vinham do papel e as que vinham do silêncio.

Minha missão, a partir de hoje, é continuar o trabalho magnífico que você realizou, com a mesma paixão, com o mesmo amor, e com o mesmo compromisso com esta instituição, que tanto amamos.

A Academia Campo-belense de Letras não é apenas um conjunto de cadeiras ocupadas por escritores e poetas.

Ela é uma guardiã da alma da cidade. Aqui preservamos histórias, valorizamos nossa cultura, exaltamos nossos talentos e alimentamos o espírito de toda uma cidade. Cidade que tanto amo.

É neste espaço, onde convivem a memória e o sonho, o passado e o futuro, que encontraremos sempre as palavras certas, para inspirar as novas gerações. Porque a palavra escrita é um ato de eternidade.

Queridos confrades e confreiras, eu não caminho sozinho. Carrego comigo os versos que li e que fiz, os livros que me formaram e, os livros que escrevi, sobretudo, a fé, de que as letras podem transformar o mundo.

E, com vocês ao meu lado, sei que continuaremos a trilhar este caminho, com respeito, união, entusiasmo e, acima de tudo, com amor por Campo Belo.

Com imensa emoção, dou continuidade ao nosso discurso, agora com o coração voltado para o presente — e para os ventos de mudança, que sopram sobre nós, sobre o Brasil e sobre o mundo.

A Academia Campo-belense de Letras, esta joia preciosa fincada no coração das Alterosas, não está isolada no tempo nem no espaço. Estamos inseridos, num cenário global em transformação profunda — e não há como ignorar a travessia pela qual todos passamos nos últimos anos.

A pandemia da Covid-19, com sua força devastadora, deixou marcas profundas em nossas vidas. Sofremos perdas irreparáveis, silêncios inesperados e distâncias que pareciam eternas. Mas, também, nos aproximamos por outras vias.

Reinventamos formas de estar juntos. E, nesse processo, as palavras ganharam ainda mais valor. Foram elas que nos consolaram, que nos reconectaram, que nos fizeram resistir.

E como se não bastasse, essa travessia dolorosa, eis que surge um novo tempo, veloz, desafiador e

fascinante, impulsionado pelas tecnologias que agora moldam, com vigor, cada aspecto da vida humana. Vivemos a aurora de uma nova era: a era da Inteligência Artificial.

O mundo mudou. Mudou de maneira profunda e irreversível. E nós, escritores, poetas, cronistas, historiadores, somos testemunhas dessas mudanças, mas, mais do que isso, somos também parte ativa dessa transformação.

A palavra continua a ser o elo entre o ontem e o amanhã. E mesmo diante de algoritmos e máquinas que escrevem, compõem e até pensam, há algo que jamais será substituído: a alma humana que pulsa por trás de cada ideia, de cada verso, de cada livro e de cada lembrança.

A nós, da Academia Campo-belense de Letras, cabe agora não apenas o papel de conservar a memória, mas também o de dialogar com este novo mundo que se apresenta.

Não há mais espaço para o medo da mudança. Ou nos adaptamos, ou nos calaremos. E se nos calarmos, fatalmente morreremos.

Mas eu sei, e sinto, que esta Academia não nasceu para o silêncio. Nós não tememos o novo. Nós o abraçamos com sensibilidade, com inteligência e com o coração aberto.

Seremos, mais do que nunca, ponte entre as tradições que reverenciamos e os futuros que vislumbramos. Porque a cultura, a literatura e a memória não são inimigas da tecnologia. Pelo contrário: são seus alicerces mais humanos.

Esta casa seguirá viva, atuante e integrada. Seremos exemplo para os jovens, referência para os estudiosos, farol para os que buscam sentido em meio ao turbilhão das mudanças. E faremos isso, com doçura, com afeto e com paixão.

Por fim, deixo aqui um compromisso: sob a luz dos que nos antecederam, com os olhos firmes no horizonte e os pés enraizados em Campo Belo, faremos da palavra — escrita, falada, cantada ou digital, o nosso eterno instrumento de transformação.

Que nossa Academia, continue sendo esta chama que aquece corações e ilumina consciências.

Muito obrigado!

Campo Belo, 12 de julho de 2025.

**ACADEMIA CAMPO-BELENSE DE
LETRAS Patrono - José
Miserani de Carvalho**



*Escritor José Miserani de Carvalho - Patrono da Academia
Campo-belense de Letras. **Foto: Anuário 1979 - 1994***

“Este livro não foi escrito para o velho campo-belense, para aqueles cuja infância já vai longe, lá no passado silencioso e talvez distante.

Para estes, estas páginas nada encerram de novo: eles conhecem tudo que aí está e de quase tudo se recordam.

Escrevemo-lo para os meninos, para as crianças do Grupo e para os alunos das nossas diversas escolas. Ele conta às crianças e aos jovens a formação da nossa terra e lhes dá, ainda, alguns traços da sua evolução, registrando os feitos dos homens de outrora.”

José Miserani de Carvalho

(“Velharias”, pág. 6 - 2ª edição, dezembro de 1936)

O Anuário da Academia de 1979 - 1994 relata em detalhes a fundação da Academia, em 21 de abril de 1979, vitória do empenho e dedicação do Dr. Oswaldo Alvarenga. Naquela oportunidade, Dr. Oswaldo sugeriu o nome do José Miserani de Carvalho como Patrono da nossa Academia.

No prefácio do livro “VELHARIAS”, João Barbosa, Professor e Jornalista combativo, revela sua verve ao confirmar na crítica ferina que *“Nessas circunstâncias, continuo a pensar, escrevendo ou falando, como quando estamos juntos, aí nessa morada de vespas, que é o seu quarto, analisamos a grandeza catastrófica da derrocada social em que os patifes e os safados são sempre os primeiros da fila de pregoeiros da virtude e do bem”*.

Natércia Silva Villefort (Acadêmica da ACL): *“Muitos motivos me prendem, pois, na vida e na morte, a Campo Belo, por considerá-la minha terra também. Aqui cheguei há cerca de 25 anos, contando dois anos de idade e aqui arraiguei, educando-me e vivendo no adorável convívio destas montanhas e vales risonhos, onde escoaram os doces dias da minha infância e onde nasceram meus irmãos. Aqui descansaram os meus entes tão caros, que foram a luz de minha vida e o encanto da minha meninice. Aqui, enfim, eu me compreendi por gente na escola e nos folguedos, quando criança, e no comércio e na sociedade, quando rapaz. Tantos motivos para mim de elevada*

significação me bastam para que eu tenha Campo Belo por berço. (capítulo “Toscos quadros de minha infância” (“Velharias”), transcrito por Natércia Silva Villefort no livro “Campo Belo, Presença do Passado” do Acadêmico Antônio Brás.

Na edição do jornal “A Columna”, 6 de janeiro de 1934, está informação que HELIO é o pseudônimo do José Miserani de Carvalho.

JOÃO BARBOSA

Presidente de Honra da Academia Campo-belense de Letras

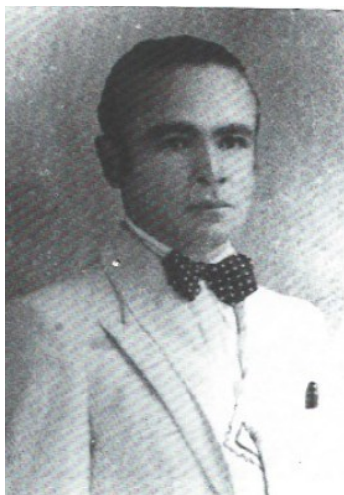


Foto: Anuário 1979 - 1994

Novamente, Dr. Oswaldo Alvarenga é personagem ao propor, em 21 de abril de 1979, PARA PRESIDENTE DE HONRA DA NOSSA ACADEMIA DE LETRAS o Professor, Jornalista e Poeta JOÃO BARBOSA.

Texto de uma carta do Presidente de Honra: “Assim, meu caro Lindolfo Cazéca, jornalista vibrante e sincero: *lave as ruas da cidade com as minhas lágrimas para que todos os ilustres visitantes de 28 de setembro vejam uma cidade limpa e digna, limpa pela pureza de seus filhos honrados, que lutam e lutarão sempre pela sua grandeza; digna, grande e exaltada pela força da saudade daqueles que aí viveram...*”

(“O imenso e saudoso mestre João Barbosa” - Lindolfo Cazéca, pág. 125, em “Campo Belo, Presença do Passado”, do Acadêmico Antônio Brás.

“João Barbosa, a quem devemos, neste momento, a realização do 1º Congresso dos Jornalistas do Interior, foi a alma desse mesmo Congresso em o qual empenhou o máximo dos seus esforços, a sua energia indômita de batalhador em prol dos interesses da

classe a que honra com sua atuação desassombrada de mestre da pena e de defensor das boas causas.” (Jornal O Alfenense, Alfenas 23 de julho de 1939).

“A COLUMNA” “Periódico independente, literário, científico e de interesses gerais”.

“A imprensa é representada agora em Campo Belo unicamente pelo semanário “A Columna”, de redação e propriedade do Professor João Barbosa, por quem foi fundado. (...) inaugurou-se em oficinas próprias aos 6 de outubro de 1929... (“Velharias”, José Miserani de Carvalho, pág. 136, 2ª edição).

*Edição de 19 de outubro de 1930:
Director-redator-proprietário: João
Barbosa – Redação e administração: Av.
Cônego Ulysses.*

Circulou até fins da década de 1940.

(Arquivo da Fundação Museu e Arquivo Público do Município de Campo Belo)

OSWALDO ALVARENGA



Foto: Anuário ACL 1979 - 1994

Campo Belo foi, ao longo do século XX, berço de homens públicos e profissionais liberais que ajudaram a

construir a identidade social e humana da região. Entre estes nomes destaca-se o Dr. Oswaldo Alvarenga, médico cuja atuação profissional marcou gerações pelo espírito humanitário, dedicação à saúde pública e profundo compromisso com a população campo-belense.

Dotado de reconhecida vocação para a Medicina, Dr. Oswaldo Alvarenga exerceu sua profissão em uma época em que o atendimento médico ainda enfrentava grandes limitações estruturais no interior mineiro. Sua presença tornou-se sinônimo de confiança, acolhimento e esperança para inúmeras famílias, especialmente nos momentos mais difíceis enfrentados pela comunidade.

Ao longo de sua trajetória profissional, destacou-se pela conduta ética, pela atenção dedicada aos pacientes e pelo exercício da medicina pautado na sensibilidade humana. Em tempos nos quais os recursos hospitalares eram restritos e os deslocamentos difíceis, sua atuação ultrapassava os limites do consultório, alcançando lares, comunidades rurais e pessoas desprovidas de recursos financeiros.

Seu nome consolidou-se no imaginário popular como exemplo de médico comprometido com o bem-estar coletivo, sendo frequentemente lembrado pelo espírito solidário e pela disposição em servir à população sem distinções sociais. A relação de respeito e carinho construída junto à comunidade transformou sua atuação em verdadeiro patrimônio afetivo da história local.

Além do exercício profissional, Dr. Oswaldo Alvarenga participou do desenvolvimento humano e social de Campo Belo, contribuindo para fortalecer os valores de fraternidade, responsabilidade social e dedicação ao próximo. Sua trajetória representa o modelo clássico do médico interiorano que, mais do que tratar enfermidades, tornou-se conselheiro, amigo e referência moral para a sociedade de seu tempo.

Dr. Oswaldo Alvarenga é uma dessas raras presenças que o tempo transforma em referência, e a memória coletiva converte em gratidão. Homem de visão, sensibilidade e profundo amor pela cultura, teve a grandeza de plantar uma semente que floresceria em conhecimento, arte e valorização das

letras: foi o fundador da Academia Campo-belense de Letras. Seu gesto ultrapassou a criação de uma instituição; representou a construção de um verdadeiro abrigo para os sonhos, pensamentos e talentos de inúmeras gerações. Seu nome permanece ligado à nobre missão de preservar a cultura, incentivar a literatura e fortalecer os laços intelectuais de sua terra, deixando um legado que ecoa com carinho e admiração.



Dr. Oswaldo Alvarenga e Celeste
Arquivo: Colégio Dom Cabral

Foto: Arquivo Dom Cabral

Além de sua marcante contribuição à vida cultural, Dr. Oswaldo Alvarenga também trilhou uma admirável trajetória no Rotary, sendo um rotariano extremamente atuante e dedicado às causas humanas. Sua atuação sempre refletiu os mais elevados valores do servir, da solidariedade e do compromisso com o próximo. Em cada ação, reunião ou projeto, levava consigo a generosidade de quem compreendia que a verdadeira grandeza reside em estender as mãos e unir pessoas em favor do bem comum. Seu exemplo permanece como inspiração, lembrando que homens assim não apenas participam da história: ajudam a iluminá-la com trabalho, bondade e amor ao próximo.

A memória de Dr. Oswaldo Alvarenga permanece viva entre aqueles que reconhecem sua importância para a história da medicina regional e para o desenvolvimento social de Campo Belo. Seu legado ultrapassa os registros profissionais, permanecendo preservado no reconhecimento popular e na gratidão das gerações que tiveram o privilégio de

conhecer seu trabalho e sua dedicação à vida humana.

HINO DE CAMPO BELO

João Barbosa

***Campo Belo Cidade Montesa,
Que branquejas no altar de uma serra,
Numa eterna expressão de beleza
Como igual não há outra na Terra:***

***És a paz, o trabalho que ufana,
Do progresso no espírito novo,
E em teu seio de brava serrana***

Vive e esplende a grandeza de um povo!

***Sempre forte na luta da vida,
Soberana entre as mais no trabalho,
para os bons em teu seio há guarida,
para os pobres há pão e agasalho.***

***Eis porque, laboriosa e tranquila,
Desde a fábricas à escola e à charrua
O esplendor do teu nome cintila
Sob as bênçãos do sol e da lua!***

***Nobre, ilustre e viril, tua raça
Que hoje cresce em ciclópico apuro,
Ainda mesmo no século que passa
E no domínio terás no futuro.***

***Para à luz da mais justa vitória,
Triunfal e vibrante, altaneira,
Proclamar entre brados de glória
Que és rainha da terra mineira!***

PATRONOS DAS CADEIRAS

Nº	CADEIRA	PATRONO
1	Cadeira 1	Alphonsus de Guimarães
2	Cadeira 2	Alvares de Azevedo
3	Cadeira 3	Augusto dos Anjos
4	Cadeira 4	Basílio da Gama
5	Cadeira 5	Bernardo Guimarães
6	Cadeira 6	Cassimiro de Abreu
7	Cadeira 7	Castro Alves
8	Cadeira 8	Cecília Meireles
9	Cadeira 9	Cláudio Manoel da Costa
10	Cadeira 10	Cruz e Souza
11	Cadeira 11	Érico Veríssimo
12	Cadeira 12	Euclides da Cunha
13	Cadeira 13	Gonçalves Dias
14	Cadeira 14	Guilherme de Almeida
15	Cadeira 15	Guimarães Rosa
16	Cadeira 16	Humberto de Campos
17	Cadeira 17	Joaquim Manoel de Macedo
18	Cadeira 18	Juscelino Kubitschek
19	Cadeira 19	Machado de Assis
20	Cadeira 20	Manoel Bandeira
21	Cadeira 21	Mário de Andrade
22	Cadeira 22	Monteiro Lobato
23	Cadeira 23	Olegário Mariano
24	Cadeira 24	Oswaldo de Andrade
25	Cadeira 25	Raul Pompéia
26	Cadeira 26	Santa Rita Durão
27	Cadeira 27	Silva Alvarenga
28	Cadeira 28	Tomáz Antônio Gonzaga
29	Cadeira 29	Vicente de Carvalho
30	Cadeira 30	Víncius de Moraes

Nº	CADEIRA	PATRONO
31	Cadeira 31	José Américo de Almeida
32	Cadeira 32	João Cabral de Melo Neto
33	Cadeira 33	José Martiniano de Alencar
34	Cadeira 34	Josué Castro
35	Cadeira 35	Ruy Barbosa
36	Cadeira 36	Olavo Bilac
37	Cadeira 37	Menotti Del Picchia
38	Cadeira 38	Carlos Drummond de Andrade
39	Cadeira 39	Austregésilo de Athayde
40	Cadeira 40	J.G. de Araújo Jorge

ACADÊMICOS ATIVOS

Nº	ACADÊMICOS ATIVOS
1	Alysson Massote Carvalho
2	Antônio Brás
3	Arthur Edmundo de Souza Rios
4	Carlos Henrique Soares
5	Daniel Edson
6	Denise Cássia Garcia
7	Edilson Borges Cardoso
8	Edson José Teixeira
9	Evaldo Alves D Assumpção
10	Evaldo Ferreira Vilela
11	Francisco de Assis Corrêa
12	Inaê Leandro
13	João Luiz Lacerda
14	José Newton Noronha Almeida
15	Júlia de Sá Carvalho
16	Mirian Boueri Magalhães
17	Nilson Reis
18	Otávio de Avelar Esteves
19	Ronaldo Garcia Dias
20	Sérgio Luiz Maia
21	Vicente Soares Neto

ACADÊMICOS REMIDOS

ACADÊMICOS REMIDOS
Marli Carvalho Pacheco
Luiza Maria Tagliaferri Menezes
Josephina Marisa Massote Teixeira de Carvalho
Alessandra Garcia Trindade
Nathércia Silva Villefort Costa
Édson Resende de Castro
Júlio Fernando Martins
Maria Aparecida Cardoso Furtado
Anelise Suseley Leite Cambraia

AÇÕES ADMINISTRATIVAS

A Academia Campo-belense de Letras (ACL) iniciou um novo ciclo administrativo marcado pela coragem de inovar e pela consciência de sua responsabilidade cultural. Cada ação empreendida foi guiada não apenas pela necessidade de organização, mas pelo compromisso de perpetuar o legado literário de seus membros.

A criação de um site institucional representou um dos primeiros grandes desafios. Mais do que uma presença digital, tratava-se de construir uma vitrine viva da produção intelectual da Academia, capaz de conectar passado, presente e futuro em um único espaço acessível a todos.

O desenvolvimento desse site exigiu planejamento, dedicação e superação de limitações técnicas. Foi necessário transformar ideias abstratas em uma plataforma concreta, funcional e atrativa, capaz de refletir a identidade da ACL com dignidade e modernidade.

Para formalização de correspondências oficiais, suportadas pela modernidade, foi criado um E-mail

para o Presidente – presidente@aclcb.com.br e um para o Tesoureiro – tesouraria@aclcb.com.br, registrando o domínio necessário nos órgãos competentes.

Dentro dessa iniciativa, surgiu a proposta de disponibilizar livros em formato PDF, gratuitamente. Essa decisão reafirmou o compromisso da Academia com a democratização do conhecimento e com o acesso irrestrito à cultura.

Entretanto, disponibilizar obras sem custos trouxe consigo desafios relacionados à organização, digitalização e padronização dos conteúdos. Cada livro precisou ser cuidadosamente preparado, respeitando direitos autorais e garantindo qualidade na apresentação.

A ação revelou-se transformadora: leitores passaram a acessar obras antes restritas ao meio físico, ampliando o alcance da produção acadêmica e fortalecendo o papel da ACL como agente difusor da literatura.

Paralelamente, tornou-se essencial realizar um levantamento detalhado do patrimônio da Academia. Esse processo

exigiu identificar bens e reconstruir registros muitas vezes dispersos ao longo do tempo.

O desafio não foi apenas técnico, mas também histórico. Cada item identificado carregava consigo parte da memória institucional, exigindo cuidado e respeito na sua catalogação.

Com base nesse levantamento, foi possível estabelecer uma visão clara da realidade patrimonial da ACL, criando condições para uma gestão mais transparente e responsável.

Outro avanço significativo foi a exigência de balancetes mensais e do balanço anual por junto do escritório de contabilidade. Essa medida fortaleceu os princípios de controle e transparência administrativa.

A implementação desse controle enfrentou resistências iniciais, sobretudo pela mudança de cultura organizacional. No entanto, gradualmente, consolidou-se como prática essencial para a credibilidade institucional.

A inclusão das horas trabalhadas pelos acadêmicos nos balancetes

mensais trouxe uma inovação importante. Pela primeira vez, o esforço intelectual e administrativo dos membros passou a ser mensurado de forma concreta.

Esse registro revelou o verdadeiro valor do trabalho voluntário, evidenciando que a Academia é sustentada não apenas por recursos financeiros, mas pelo tempo e dedicação de seus integrantes.

Ao incorporar esses dados, a ACL passou a reconhecer formalmente o capital humano como parte fundamental de sua estrutura, valorizando o empenho coletivo.

Outro passo decisivo foi a inclusão dos valores patrimoniais no balanço geral da Academia. Essa medida integrou informações antes dispersas, proporcionando uma visão mais ampla e precisa da instituição.

O desafio esteve na avaliação correta desses bens, exigindo critérios técnicos e responsabilidade na atribuição de valores, sempre respeitando a realidade e a história da ACL.

Com isso, a Academia passou a apresentar relatórios mais completos, fortalecendo sua governança e ampliando sua capacidade de planejamento estratégico.

A abertura de uma conta corrente na Caixa Econômica Federal marcou um avanço na formalização financeira da instituição. Essa iniciativa trouxe segurança e organização às movimentações financeiras.

O processo, no entanto, exigiu adequações documentais e cumprimento de exigências legais, o que demandou esforço coletivo e persistência administrativa.

Superadas as etapas burocráticas, a ACL conquistou maior autonomia e transparência em suas operações financeiras, consolidando um novo padrão de gestão.

Essas ações, quando observadas em conjunto, revelam uma Academia que se reinventa sem perder suas raízes, enfrentando desafios com determinação e visão de futuro.

Assim, a ACL reafirma seu papel não apenas como guardiã da literatura,

mas como exemplo de organização, inovação e compromisso com a cultura e a sociedade.

DIRETORIA EXERCÍCIO 2025 A 2027

1. Presidente

Vicente Soares Neto.

2. Vice-Presidente

Edson José Teixeira.

3. Secretária

Júlia de Sá Carvalho.

4. Tesoureiro

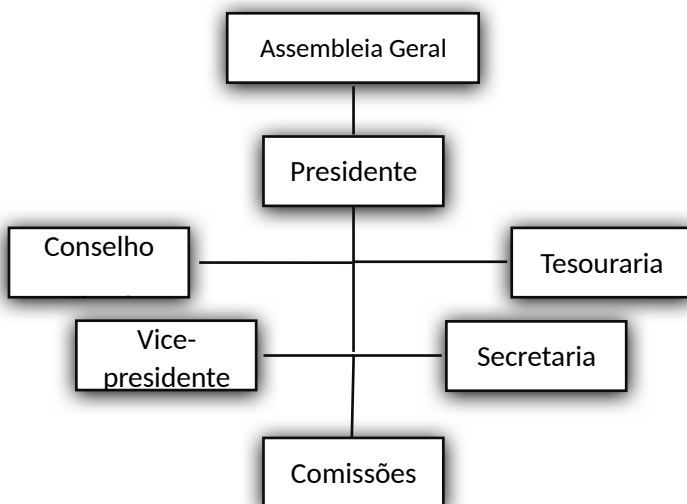
Carlos Henrique Soares.

5. Conselho Fiscal

A. Primeiro Conselheiro

Denise Cássia Garcia

B. Segundo Conselheiro
Inaê Leandro.



REUNIÕES MENSAIS

As reuniões mensais da Academia Campo-belense de Letras (ACL) tornaram-se, ao longo do tempo, verdadeiros encontros de espírito e de propósito, onde a distância geográfica jamais foi obstáculo para a união dos acadêmicos. Realizadas de forma virtual, essas reuniões nasceram da necessidade de integrar membros que, embora espalhados por diferentes cidades, mantêm em comum o amor pela literatura e pela Academia.

A escolha do formato virtual revelou-se não apenas uma solução prática, mas também uma demonstração de adaptação aos novos tempos. Cada conexão estabelecida representava mais do que um acesso digital: era um elo que aproximava

corações e ideias, fortalecendo os laços entre os acadêmicos, mesmo à distância de Campo Belo.

A convocação das reuniões sempre ocorria de maneira organizada e antecipada, por meio do grupo de WhatsApp denominado ACL_OFICIAL. Ali, mais do que um simples aviso, era construído um convite à participação consciente, com a apresentação prévia dos temas que seriam debatidos.

Esse cuidado em pautar previamente os assuntos conferia às reuniões um caráter de respeito ao tempo e à contribuição de cada participante. Cada acadêmico chegava preparado, com reflexões amadurecidas, pronto para enriquecer o diálogo coletivo.

Com sensibilidade e firmeza, a Presidência assumia o papel de conduzir os encontros com objetividade. Ao estabelecer previamente o tempo destinado a cada tema, garantia-se que todos os pontos fossem abordados sem dispersão, mantendo o foco e a produtividade.

Essa organização não limitava a expressão dos acadêmicos, mas, ao

contrário, valorizava cada intervenção. O tempo bem administrado permitia que diferentes vozes fossem ouvidas, compondo um mosaico rico de opiniões e ideias.

Pontualmente, às 19 horas, as reuniões tinham início, marcando um compromisso coletivo com a disciplina e o respeito mútuo. Esse horário, quase simbólico, tornava-se um ponto de encontro esperado, um momento de reencontro entre mentes e sentimentos.

Da mesma forma, o encerramento às 20 horas refletia não apenas uma questão de organização, mas também de consideração com a rotina de cada participante. Em uma hora, condensavam-se debates, decisões e trocas significativas.

Mesmo quando os temas despertavam debates mais intensos, por vezes calorosos, as reuniões sempre transcorreram na mais perfeita ordem. O respeito prevalecia como valor fundamental, permitindo que divergências fossem tratadas com maturidade e elegância.

Esses momentos de maior fervor não eram sinais de conflito, mas de

envolvimento genuíno. Demonstravam o quanto cada acadêmico se importava com os rumos da Academia e com a relevância de suas decisões.

Havia, em cada reunião, um clima de acolhimento e pertencimento. Mesmo através de telas, era possível perceber a proximidade afetiva entre os membros, construída ao longo de experiências compartilhadas.

As vozes que ecoavam nas reuniões carregavam histórias, vivências e saberes diversos. Essa pluralidade enriquecia os encontros, tornando-os espaços férteis para o crescimento coletivo.

A tecnologia, nesse contexto, deixou de ser apenas ferramenta e tornou-se ponte. Uma ponte que ligava diferentes realidades em torno de um ideal comum: o fortalecimento da cultura e da literatura.

Cada reunião era, assim, um capítulo vivo da história da ACL, escrito a muitas mãos e com múltiplas perspectivas, mas sempre orientado por um propósito maior.

O grupo ACL OFICIAL, por sua vez, ultrapassava sua função organizacional. Tornava-se também um espaço de convivência, onde a comunicação fluía de forma leve e constante, aproximando ainda mais os acadêmicos.

A condução equilibrada dos encontros permitia que decisões fossem tomadas com clareza e consenso, reforçando a confiança entre os membros e a solidez da gestão.

A disciplina nos horários e na pauta não tornava as reuniões rígidas, mas sim harmoniosas. Havia espaço para a formalidade necessária, sem perder o calor humano que caracteriza a Academia.

Ao final de cada encontro, permanecia a sensação de dever cumprido e de continuidade. A certeza de que, mesmo à distância, a Academia seguia viva, atuante e unida.

Assim, as reuniões mensais da ACL consolidaram-se como um verdadeiro símbolo de organização, respeito e afeto, demonstrando que a presença física pode ser substituída, mas o compromisso e a união permanecem inabaláveis.

ATOS DA DIRETORIA

Ato da Diretoria nº 01/2025

O Presidente da Academia Campo-Belense de Letras, no uso das atribuições que lhe confere o Estatuto Social, especialmente o disposto no Artigo 12, inciso I.

RESOLVE:

Art. 1º – Fica criada, no âmbito da Academia Campo-Belense de Letras, a Comissão do Patrimônio, com caráter

especial e temporário, destinada a cuidar, organizar e zelar pelo patrimônio material e imaterial da instituição.

Art. 2º - Fica designada a acadêmica Júlia de Sá como Gerente da Comissão do Patrimônio, cabendo-lhe coordenar os trabalhos, apresentar relatórios e submeter propostas à Diretoria.

Art. 3º - A Comissão exercerá suas atividades em consonância com as diretrizes da Diretoria, permanecendo em funcionamento até deliberação em contrário.

Art. 4º - Este Ato entra em vigor na data de sua assinatura.

Campo Belo, 24 de setembro de 2025.

Ato da Diretoria nº 02/2025

O Presidente da Academia Campo-Belense de Letras, no uso das atribuições que lhe confere o Estatuto Social, especialmente o disposto no Artigo 12, inciso I,

RESOLVE:

Art. 1º - Fica criada, no âmbito da Academia Campo-Belense de Letras, a

Comissão para elaborar o REGIMENTO INTERNO, com caráter especial e temporário.

Art. 2º - Fica designada os acadêmicos Carlos Henrique Soares e Arthur Edmundo de Souza Rios, cabendo-lhes coordenar os trabalhos, apresentar relatórios e submeter propostas à Presidência.

Art. 3º - A Comissão exercerá suas atividades em consonância com as diretrizes da Diretoria, permanecendo em funcionamento até deliberação em contrário.

Art. 4º - Este Ato entra em vigor na data de sua assinatura.

Campo Belo, 25 de setembro de 2025.

Ato da Diretoria nº 03/2025

A Diretoria da Academia Campo-Belense de Letras, no uso das atribuições que lhe confere o Estatuto Social, especialmente o disposto no Artigo 12, inciso I,

Encerra os trabalhos da Comissão Especial para elaboração do Regimento

Interno da Academia Campo-belense de Letras.

Art. 1º - Considerando que o Regimento Interno da Academia Campo-belense de Letras foi aprovado pela Assembleia Geral realizada em 11 de novembro de 2025, ficam encerradas as atividades da Comissão Especial instituída pelo Ato nº 02/2025, destinada à elaboração do referido documento.

Art. 2º - A Diretoria agradece aos acadêmicos Carlos Henrique Soares e Arthur Edmundo de Souza Rios pelos relevantes serviços prestados na condução dos trabalhos e pela dedicação na conclusão do Regimento Interno.

Art. 3º - Este Ato entra em vigor na data de sua assinatura.

Campo Belo, 13 de novembro de 2025.

Ato da Diretoria nº 04/2025

O Presidente da Academia Campo-Belense de Letras, no uso das atribuições que lhe confere o Estatuto Social, especialmente o disposto no Artigo 12, inciso I,

Cria a Comissão de Jovens Acadêmicos, nomeia sua Presidente e dá outras providências.

Art. 1º – Fica criada, no âmbito da Academia Campo-belense de Letras, a Comissão de Jovens Acadêmicos, com caráter especial, destinada a promover a integração de jovens talentos literários e a fortalecer o vínculo entre as novas gerações de escritores e esta Casa Literária.

Art. 2º – Fica nomeada a Acadêmica Titular Inaê Leandro para presidir a Comissão de Jovens Acadêmicos, conduzindo os trabalhos de identificação, seleção e incentivo a jovens escritores que possam, futuramente, compor a Academia Campo-belense de Jovens.

Art. 3º – Compete à Comissão de Jovens Acadêmicos propor critérios de seleção, acompanhamento e formação dos jovens escritores, observando os valores, princípios e objetivos da Academia Campo-belense de Letras.

Art. 4º – Fica estabelecido que os patronos das cadeiras da Academia Campo-belense de Jovens serão os Acadêmicos que primeiramente

ocuparam uma das quarenta cadeiras desta instituição.

Art. 5º – Este Ato entra em vigor na data de sua publicação.

Ato da Diretoria nº 01/2026

O Presidente da Academia Campo-Belense de Letras, no uso das atribuições que lhe confere o Estatuto Social, especialmente o disposto no Artigo 12, inciso I,

Cria a Comissão do Jubileu de 47 Anos da Academia, nomeia os Acadêmicos e dá outras providências.

Art. 1º – Fica criada, no âmbito da Academia Campo-Belense de Letras, a Comissão do Jubileu de 47 Anos da Academia, com caráter especial, destinada a planejar, coordenar e executar as festividades comemorativas, bem como deliberar sobre escolha de local, programação, homenagens, condecorações e demais providências necessárias à celebração.

Art. 2º – Ficam nomeadas para compor a Comissão as Acadêmicas Júlia de Sá Carvalho e Inaê Leandro, que poderão convidar outros confrades e

confreiras para colaborar nos trabalhos, conforme a necessidade.

Art. 3º - A Comissão terá autonomia organizacional, devendo submeter à Diretoria as decisões de maior relevância institucional e orçamentária.

Art. 4º - Este Ato entra em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Campo Belo, 22 de janeiro de 2026.

SESSÃO SOLENE

1º de novembro de 2025

Homenagem

Denise Cássia Garcia

Marli Carvalho Pacheco

Senhoras e senhores, nesta noite em que a palavra se veste de gala e o tempo se curva diante da memória, a Academia Campo-belense de Letras abre suas portas, e seu coração para celebrar duas mulheres que são pilares da cultura de nossa terra:

Marli Carvalho Pacheco e Denise Cássia Garcia.

A mim, que tenho a honra de presidir esta sessão, cabe o privilégio de ver reunidas aqui duas figuras que representam o que há de mais nobre no espírito acadêmico: a dedicação, o talento e a fidelidade à causa da cultura.

A Comenda Dr. Osvaldo Alvarenga, instituída em memória do primeiro presidente desta Casa, não é apenas uma distinção.

É um símbolo.

Um gesto de reverência àqueles que transformam a palavra em ação, o sonho em realização, e a arte em herança viva.

Marli Carvalho Pacheco, quando presidiu esta Casa, tempo em que nela tive o privilégio de ingressar, deixou gravadas, nas paredes da memória da Academia, as marcas da serenidade e da sabedoria.

Jornalista de pena inspirada, escritora de alma sensível e professora de coração generoso, Marli sempre esteve à frente dos movimentos que exaltam o valor da arte e da educação.

Foi ao lado da doutora Denise Cássia Garcia que Marli ajudou a erguer a Casa da Cultura, um templo construído não em pedra, mas em ideias, que desde então, abriga o pulsar da arte e da história campo-belense.

E é sobre Denise, mulher de coragem serena e inteligência luminosa, que também se debruça esta homenagem.

Líder nata, voz firme, pensamento claro, Denise conduziu esta Academia

com o mesmo amor com que se dedica à sua cidade.

Sua gestão foi uma travessia de luz, marcada pela união, pelo entusiasmo, e pelo respeito às tradições que sustentam esta Casa de Miserâni.

Hoje, nesta primeira Seção Solene ao sucedê-la na presidência, sinto-me herdeiro não apenas de um cargo, mas de um legado: a fé no poder transformador da cultura e da literatura como força que enriquece o espírito humano.

Confreiras Marli e Denise, duas mulheres, dois destinos, um mesmo ideal: fazer da palavra um instrumento de elevação.

Ambas representam a força criadora da mulher campo-belense, que ensina, que escreve, que lidera e que acolhe.

São exemplos de perseverança e sensibilidade, espelhos nos quais se refletem gerações de sonhadores e artistas.

Esta Comenda Dr. Osvaldo Alvarenga, que hoje lhes é entregue, é mais que um reconhecimento.

É um abraço da história.

É o testemunho de que o trabalho silencioso e fecundo de ambas floresceu, e continuará florescendo nos jardins da cultura desta terra.

Que esta solenidade seja, pois, uma canção à amizade, ao talento e à dedicação. Que o brilho dessas duas acadêmicas siga iluminando os caminhos de todos os que buscam, nas letras, a essência do ser humano e a alma de Campo Belo.

À Marli Carvalho Pacheco e à Denise Cássia Garcia, nossa gratidão, nosso respeito e nossa eterna admiração.

Vocês não apenas escreveram páginas na história da Academia, vocês são parte viva da própria história que esta Casa guarda e exalta.

E que, sob a luz serena desta noite, o eco de seus nomes se confunda com o som da palavra imortal: cultura!



Foto: Roberto Murilo



Foto: Roberto Murilo

SESSÃO SOLENE - 25 de abril de 2026

Boas-vindas,

Senhoras e senhores, estimados acadêmicos, autoridades, convidados e amigos da cultura, é com profunda alegria e elevado sentimento de gratidão que declaramos aberta esta Sessão Solene Comemorativa dos 47 anos da Academia Campo-belense de Letras.

Ao longo de quase meio século, esta respeitável instituição tem sido guardiã da memória, promotora da cultura e palco onde florescem as letras, os pensamentos e os sonhos daqueles que acreditam na força transformadora da palavra. Hoje celebramos não apenas uma data, mas uma trajetória construída com dedicação, idealismo e amor à literatura.

Nesta ocasião tão especial, registramos nossos mais sinceros agradecimentos à secretária da Academia, Júlia de Sá Carvalho, e à dedicada confreira Inaê Leandro, cujo empenho, organização e sensibilidade

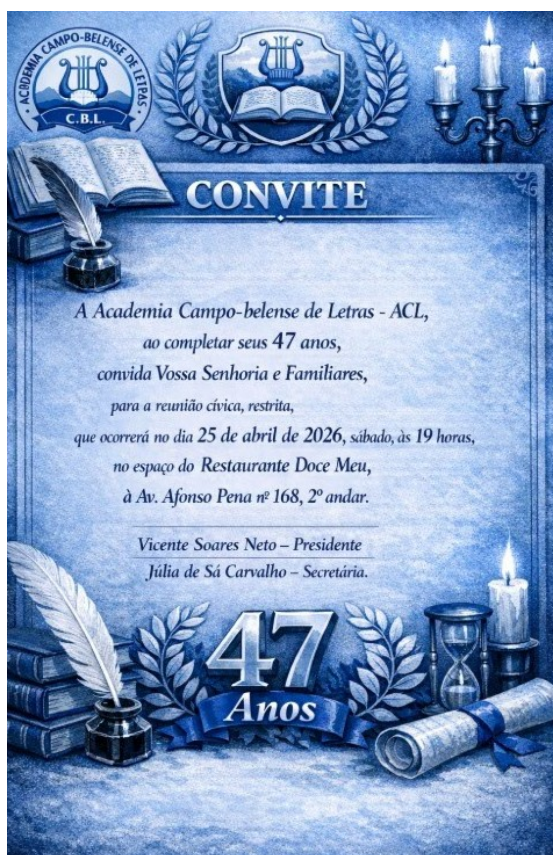
tornaram possível a realização desta solenidade.



Foto: Roberto Murilo



Foto: Roberto Murilo



Também agradecemos ao Sr. Carlucio Murta, e equipe pela valiosa amizade que possibilitou estarmos hoje aqui, realizando esta Sessão Solene.

O trabalho cuidadoso de todos, realizado com zelo e espírito de colaboração, reflete o compromisso com a grandeza desta Casa de Letras e demonstra que os bastidores de uma celebração também são espaços de

verdadeira dedicação cultural. A todos os presentes, acadêmicos, autoridades, familiares e amigos, expressamos nossa mais sincera gratidão pela honrosa presença nesta noite memorável.

A participação de cada um fortalece os laços que unem esta comunidade literária e reafirma o valor da Academia Campo-belense de Letras como espaço de encontro, reflexão e celebração da cultura. Que esta sessão seja marcada pela alegria, pelo reconhecimento e pela renovação do compromisso com as letras, com a história e com o futuro da nossa Academia.

Com profunda alegria no espírito e reverência no coração, saudamos a todos os presentes e declaramos aberta esta Sessão Festiva da Academia Campo-belense de Letras.

Reunimo-nos nesta noite de memória e celebração para honrar a trajetória luminosa de 47 anos de dedicação ininterrupta à cultura da Língua Portuguesa e à grandeza da Literatura Brasileira, missão que esta Casa tem abraçado com zelo, dignidade e amor às letras.

A Academia Campo-belense de Letras, ao longo de sua fecunda caminhada, tem sido abrigo generoso e altar simbólico do pensamento, acolhendo em seu seio mulheres e homens cuja inteligência, sensibilidade e compromisso cívico engrandecem o nosso patrimônio cultural. Aqui se entrelaçam as vozes de escritores, cronistas e poetas; aqui floresce o saber de professores, médicos, advogados, engenheiros e magistrados.

Aqui se elevam, com nobre distinção, personalidades que se destacam nas múltiplas vertentes das ciências e das artes do espírito.

Nesta sessão particularmente significativa, além de celebrarmos quase meio século de labor cultural, temos a elevada honra de outorgar a Comenda Dr. Osvaldo Alvarenga a diversos confrades e confreiras cujo mérito intelectual, dedicação à cultura e serviços prestados à comunidade literária e social os tornam dignos do mais respeitoso reconhecimento desta Casa.

Que esta solenidade seja, ao mesmo tempo, tributo e inspiração —

tributo àqueles que edificaram e sustentam esta Casa de Letras, e inspiração para que prossigamos, com ternura e firmeza, no cultivo da palavra, na defesa da cultura e no engrandecimento do espírito humano.

Sejam todos, calorosamente bem-vindos.

HOMENAGENS DA ACADEMIA

ACADÊMICA INAÊ LEANDRO

Temos uma grande surpresa para esta noite. A apresentação aos imortais desta Casa, do Hino da Academia Campo-belense de Letras. Com música de José Newton Almeida Noronha e letra de Vicente Soares Neto.

José Newton Almeida Noronha nasceu em 11 de julho de 1951, na cidade de São Gonçalo do Sapucaí, no Sul de Minas Gerais, filho de David Carvalho Almeida e Adelina de Siqueira Noronha. Desde muito cedo revelou sua sensibilidade artística, iniciando sua trajetória musical aos oito anos de idade, quando, de forma autodidata, começou a tocar acordeão.

Aos quatorze anos, encontrou no violão o instrumento que se tornaria seu grande companheiro de expressão musical.

Durante o período estudantil, participou de inúmeros festivais na região sul-mineira, onde seu talento ganhou destaque não apenas como instrumentista, mas também como compositor, letrista e intérprete, consolidando uma identidade artística marcada pela emoção e pela autenticidade.

Paralelamente à música, José Newton trilhou uma sólida carreira profissional. Graduou-se em Administração e atuou em importantes instituições e empresas, como General Motors, Telemig, Valep e ECT – Correios. Mesmo dedicando-se intensamente à vida profissional, jamais se afastou da arte que sempre pulsou em seu coração.

A música permaneceu como presença constante em sua vida, seja por meio de apresentações individuais ou participando de grupos musicais. Hoje, residindo na cidade de Pouso Alegre, Minas Gerais, continua cultivando a criação musical, mantendo

viva sua inspiração na Música Popular Brasileira, com composições que em breve estarão disponíveis nas plataformas digitais.

Foi esse talento musical que levou José Newton Almeida Noronha a compor a melodia e a harmonia do Hino da Academia Campo-belense de Letras, obra que ganhou forma poética através da letra escrita pelo escritor e poeta Vicente Soares Neto, nosso atual Presidente. Reconhecido por sua sensibilidade literária e profundo amor pelas letras, Vicente Soares construiu versos que exaltam a cultura, a memória e a vocação literária da instituição.

A união entre a musicalidade inspiradora de José Newton e a poesia elegante de Vicente Soares Neto deu origem a um hino que simboliza o espírito da Academia, transformando música e palavra em um tributo permanente à arte, à cultura e ao legado intelectual da Casa de Miserani.

Por esta grande contribuição musical para a Academia Campo-belense de Letras, nesta data em que completamos 47 anos de existência, a Casa de Miserani, concede o *Título de*

Acadêmico Honorário ao confrade compositor José Newton Almeida Noronha.

Presidente homenageia os 47 anos da Academia

Confreiras e Confrades, Senhoras e Senhores,

Ao recordarmos esta noite tão significativa, parece que o tempo nos convida a voltar, com delicadeza e reverência, àquela tarde luminosa de 21 de abril de 1979.

Campo Belo celebrava o centenário de sua história, e o próprio céu parecia inclinar-se sobre a cidade como quem guarda um segredo.

No Salão Nobre da Câmara Municipal, enquanto o sol dourava telhados e memórias, algumas almas inquietas se reuniam não apenas para uma reunião formal, mas para dar abrigo a um sonho antigo: o de que as palavras também precisavam de uma casa.

No centro desse instante majestoso estava o doutor Oswaldo Alvarenga, homem que compreendia que cuidar de uma cidade não é apenas tratar suas

dores visíveis, mas preservar aquilo que sustenta sua alma: a memória, a cultura e o pensamento.

Ao redor dele, reuniam-se professores, poetas, jornalistas, educadores e sonhadores, homens e mulheres que, cada qual à sua maneira, traziam nas mãos não apenas papéis, mas fragmentos da própria história desta Terra.

E, mesmo aqueles que não estavam fisicamente presentes, pareciam ocupar silenciosamente suas cadeiras, como se o espírito das letras tivesse decidido, naquele instante, tomar morada definitiva entre nós. Quando as primeiras palavras ecoaram naquele salão, talvez ninguém pudesse imaginar plenamente o alcance daquele gesto.

Fundar a Academia Campo-belense de Letras era mais do que instituir uma entidade: era acender uma chama que deveria atravessar gerações. Uma chama que guardaria histórias, inspiraria novos escritores, despertaria leitores e manteria viva a delicada arte de transformar a vida em palavra.

Um convite que continua sendo
aceito para cada acadêmico, para cada
leitor, para cada voz que encontra
abrigo nesta casa das letras. Porque a
Academia nasceu naquele dia, é
verdade..., mas sua história, como toda
grande obra, continua sendo escrita,
verso por verso, sonho por sonho,
coração por coração.

Numa pequena cidade mineira chamada Iguatama, no dia 19 de março de 1924, nascia uma alma destinada a caminhar entre duas harmonias eternas: a das palavras e a da música.

ANUÁRIO - 2026



Entrega da Medalha de Comendador “in memoriam” ao José Augusto de Carvalho, recebida pelo seu filho Carlos Carvalho - Foto: Roberto Murilo

Incentivado pelo avô Pedro, formou ainda menino uma pequena biblioteca infantil, como se pressentisse que, nas páginas silenciosas, habitavam universos inteiros.

Aprendeu a ler muito cedo, e, desde então, a leitura tornou-se para ele não apenas hábito, mas companhia constante na travessia da vida.

Pouco depois, outro encanto lhe abriu novos horizontes: a música. Sob o incentivo de seu tio-avô José Sabino de Carvalho, aproximou-se das bandas e dos instrumentos, descobrindo na

requinta e na clarineta novos modos de conversar com o mundo.

Aos dez anos já dominava a leitura e a escrita musical, e, aos treze, tocava órgão e harmônio com notável habilidade. Era como se as notas também desejassem morar em seu espírito. Não tardou para que começasse a compor, dando início a uma produção que, ao longo da vida, resultaria em dezenas de melodias.

Em 1940, seus caminhos o trouxeram a Campo Belo, onde ingressou no Colégio Dom Cabral. Ali, entre estudos e livros, chegou a substituir professores nas aulas de francês, revelando desde cedo sua vocação para o saber e para o ensino. Foi também naquele ambiente que encontrou o grande amor de sua vida, Nilza Eliazar de Carvalho, com quem se casaria após ingressar no Banco do Brasil.

Sua trajetória profissional o levaria a diversas cidades do país, mas o vínculo com Campo Belo permaneceria profundo, como uma raiz que nunca se desprende da terra que escolheu para florescer.

E foi justamente em Campo Belo que sua história se entrelaçou definitivamente com a cultura da cidade.

Em 1979, durante as celebrações do centenário municipal, tornou-se um dos fundadores da Academia Campo-belense de Letras. Autor de obras dedicadas à memória cultural e à música erudita, compositor de hinos e reconhecido com diversas honrarias: entre elas o título de Cidadão Benemérito de Campo Belo e a Medalha da Inconfidência, deixou um legado que ultrapassa partituras e páginas. Quando partiu, em 15 de fevereiro de 2015, não levou consigo o silêncio; deixou, antes, uma melodia duradoura de saudade, que ainda ecoa na memória da cidade e nas páginas da cultura que ajudou a construir.

Homenageamos aqui, por indicação do Professor Edson José Teixeira o Comendador José Augusto de Carvalho, *in memoriam*, na presença de seu filho e meu grande amigo Carlos Roberto de Carvalho.

Presidente Homenageia Comendador Nílson Reis

Entre as paisagens serenas de Cristais, em Minas Gerais, nasceu, em 8 de fevereiro de 1939, o Comendador Nilson Reis, filho de Modestino Ferreira Reis e Nazira Conceição Reis.

Desde cedo, sua vida começou a ser tecida entre o estudo, a disciplina e o profundo respeito pelo conhecimento. Das primeiras letras aprendidas nos grupos escolares de Cristais e de Campo Belo até os bancos do tradicional Colégio Dom Cabral, já se percebia o espírito atento de um jovem que buscava na educação não apenas um caminho profissional, mas uma forma de compreender e servir.

Essa jornada de formação conduziu-o a Lavras e, depois, a Belo Horizonte, onde consolidou sua vocação jurídica ao ingressar na Faculdade de Direito da Universidade Federal de Minas Gerais, formando-se em 1964.

Ali floresceu não apenas o estudante dedicado, mas também o líder acadêmico, participando ativamente da vida universitária. Mais tarde, aprofundaria seus estudos com a

pós-graduação em Direito Público, fortalecendo uma trajetória que o conduziria a ocupar alguns dos mais respeitados postos da magistratura mineira.



Entrega da Comenda ao Nilson Reis pelo Arthur Rios

Ao longo dos anos, o Comendador Nilson Reis construiu uma carreira marcada pela responsabilidade pública e pela busca constante pela justiça.

Atuou como juiz, chegou ao Tribunal de Alçada e tornou-se desembargador do Tribunal de Justiça de Minas Gerais, deixando sua marca em diversas comissões, conselhos e projetos institucionais. Além disto,

recebeu a condecoração com a Medalha de Honra da Inconfidência Mineira.

Paralelamente, nunca abandonou a vocação pelo ensino e pela reflexão intelectual: foi professor, conferencista, articulista e autor de relevantes estudos jurídicos, compartilhando saberes com gerações de estudantes e profissionais do direito.

Mas sua história também se entrelaça profundamente com a cultura e a vida intelectual de Campo Belo. Membro fundador da Academia Campo-belense de Letras, onde exerceu a presidência com grande liderança, Nilson Reis ajudou a consolidar esta casa como espaço de pensamento, diálogo e memória.

Condecorado com inúmeras honrarias e reconhecido em várias cidades mineiras, sua trajetória revela algo maior que cargos ou títulos: revela o compromisso silencioso de uma vida dedicada à justiça, ao saber e ao fortalecimento das instituições que preservam a dignidade humana e a cultura de nossa terra.

Presidente homenagem Comendador Francisco de Assis Correa

Em 29 de agosto de 1963, na querida cidade de Campo Belo, nascia o Comendador Francisco de Assis Corrêa, filho de Vicente de Paulo Corrêa e Maria Aparecida Corrêa, ambos já saudosos na memória de todos que os conheceram.

Primogênito de uma família humilde e trabalhadora, cresceu ao lado dos irmãos José de Paulo e Joaquim, sob o calor de um lar onde imperavam o afeto, a responsabilidade e o espírito de colaboração. Mais tarde, formaria sua própria família ao lado de Maria Aparecida Silva Corrêa, união que floresceu na filha Júnia Caroline e, com o passar do tempo, nos netos Isabella e Gabriel, novas luzes que prolongam, com ternura, a continuidade de sua história.

Sua juventude foi marcada por esforço e perseverança. Estudou nas escolas tradicionais de Campo Belo, no Grupo Escolar Abílio Neves, na Escola Polivalente e no Colégio Armstrong, e, diante das dificuldades naturais de

quem precisava custear os próprios estudos, não hesitou em trabalhar.

Foi garçom, atuou nas lavouras de café e iniciou sua vida profissional ainda muito jovem, registrando sua primeira carteira de trabalho em 1980.

Passou por diferentes atividades até ingressar na MinasCaixa, período em que, conciliando trabalho e estudo, graduou-se em Direito pela Faculdade de Direito de Varginha, abrindo assim as portas de uma trajetória marcada pela dedicação à justiça.



Entrega da Comenda ao Comendador Francisco de Assis Corrêa pela Comendadora Denise Cássia Garcia

Os caminhos da vida o levaram à Defensoria Pública e, mais tarde, ao respeitado escritório de advocacia “Modestino Ferreira Reis”, convite que recebeu com orgulho e gratidão.

Em 1997, ingressou na magistratura mineira, iniciando uma jornada que o conduziria por diversas comarcas do Estado. Atuou com zelo e responsabilidade em Patos de Minas, Cláudio e, posteriormente, em Divinópolis, onde passou a exercer a titularidade da Vara de Execuções Penais e Precatórias Criminais.

Seu compromisso com a justiça e com a sociedade rendeu-lhe reconhecimentos importantes, entre eles os títulos de Cidadania Honorária nas cidades de Cláudio e Divinópolis.

Mas sua história não se escreve apenas nos autos judiciais. Desde cedo, revelou sensibilidade pela cultura, pela música e pela língua portuguesa.

Ainda jovem ingressou na Corporação Musical Santa Cecília de Campo Belo, tornando-se músico, professor e maestro por mais de uma década.

Também encontrou espaço nas letras, como articulista do Jornal Liberdade, experiência que o aproximou da Academia Campo-belense de Letras, a querida Casa de Miserani, onde chegou a exercer a presidência.

O Comendador Francisco de Assis Corrêa é, assim, exemplo de uma vida construída com trabalho, amor às letras e profunda devoção à sua terra natal, a qual, com emoção poética, costuma chamar de “minha pequena pátria.”

Presidente homenageia Comendadora Júlia de Sá Carvalho

Permitam-me, por fim, reservar estas palavras para uma homenagem muito especial. Deixei para o último momento a lembrança carinhosa de uma amiga querida e grande referência nesta Casa: a Comendadora Júlia de Sá Carvalho.



Entrega da Comenda à Comendadora Júlia de Sá Carvalho pelo Presidente Vicente Soares Neto

Mais do que uma confreira ilustre, ela foi, e continua sendo, uma verdadeira professora na arte de servir à cultura e às letras.

Por isso, ao evocá-la nesta celebração, faço-o com profundo respeito e gratidão, reconhecendo nela uma presença luminosa na história da Academia Campo-belense de Letras.

Júlia de Sá Carvalho nasceu em 4 de dezembro de 1947, na cidade de Bom Jardim de Minas, filha de Adelino Cardoso de Sá e Alice de Carvalho Sá.

Ainda muito pequena, com apenas dois anos de idade, mudou-se para

Campo Belo, cidade que adotou como sua e onde construiu toda a sua trajetória de vida.

Primogênita de uma numerosa família, cresceu cultivando desde cedo o espírito de responsabilidade e de colaboração, ajudando os pais na criação dos irmãos.

Mais tarde, formaria também sua própria família ao lado de Benjamin Barbosa Carvalho, com quem teve três filhos, Giulliano, Luciano e Bárbara Alice, e hoje celebra a alegria de cinco netos que ampliam o círculo de seu afeto.

Sua formação revela uma personalidade dedicada e multifacetada.

Estudou no Grupo Escolar Professor José Monteiro, no Colégio São José e concluiu o curso normal no Instituto Evangélico Armstrong em 1970.

Antes disso, já havia se formado técnica em contabilidade pela Escola de Comércio Dom Cabral. Ainda jovem ingressou na vida profissional, trabalhando na coletoria estadual, na indústria e posteriormente na Companhia Energética de Minas Gerais

— CEMIG, onde construiu sólida carreira até sua aposentadoria.

Contudo, mesmo entre números e responsabilidades administrativas, jamais abandonou o amor pelas letras, escrevendo desde os tempos escolares para jornais locais e participando ativamente da vida cultural da cidade.

Esse compromisso com a cultura encontrou expressão maior quando, em 1979 — no centenário de Campo Belo — foi convidada a integrar a Academia Campo-belense de Letras, ocupando a cadeira nº 22, cujo patrono é Monteiro Lobato.

Desde então, tornou-se uma das grandes guardiãs da memória desta instituição, exercendo com dedicação a função de secretária por décadas.

Participou também da criação da Fundação Casa da Cultura e da Fundação Museu e Arquivo de Campo Belo Divino Dias Maciel, além de atuar como Secretária Municipal de Cultura e conselheira de importantes órgãos culturais.

Tornada cidadã campo-belense em 1998, Júlia de Sá Carvalho simboliza

uma vida de entrega à família, à cultura e à cidade que aprendeu a amar desde a infância, uma trajetória que honra esta Academia e enriquece a memória de Campo Belo.

HINO DA ACADEMIA CAMPO-BELENSE DE LETRAS

Conforme pronunciamento da confreira Inaê Leandro na sessão solene de 25 de abril de 2026, comemorativa aos 47 anos da Academia Campo-belense de Letras, retrata a emoção contida em todos, motivada pela execução do Hino da Academia.

Senhoras e senhores, imortais desta nobre Casa... por um instante, permitam que o tempo desacelere.

Há noites que passam. Há noites que ficam. E há aquelas, raríssimas, que nascem para a eternidade.

Esta é uma delas.

Porque o que estamos prestes a viver não é apenas uma apresentação... é uma revelação. Um daqueles momentos em que a história deixa de ser escrita apenas em páginas e passa a pulsar no ar, na emoção, no silêncio que antecede o inesquecível.

Há uma surpresa preparada. Mas não uma surpresa qualquer.

Algo que foi cuidadosamente tecido entre notas e palavras, entre

sensibilidade e inspiração... algo que carrega a alma desta Academia. Algo que, a partir desta noite, deixará de ser promessa para se tornar legado.

Hoje, será apresentado, pela primeira vez aos imortais desta Casa, o Hino da Academia Campo-belense de Letras. E antes que ele ecoe... é preciso compreender de onde vem sua força.

A melodia nasce da sensibilidade de um artista cuja vida é, por si só, uma composição. José Newton Almeida Noronha, filho da terra acolhedora de São Gonçalo do Sapucaí, descobriu ainda menino que a música não era apenas som — era linguagem da alma. Aos oito anos, sem mestres, sem mapas, encontrou no acordeão seu primeiro diálogo com o mundo. Mais tarde, no violão, encontrou não apenas um instrumento... mas um destino.

E assim, entre festivais, palcos e aplausos, foi moldando sua identidade artística, não apenas como músico, mas como criador de emoções. Um homem que, mesmo trilhando caminhos firmes no universo profissional, jamais silenciou a voz que vinha do coração.

Hoje, vivendo em Pouso Alegre, continua compondo — como quem respira, como quem sente, como quem entende que a música é uma forma de eternidade. Mas toda grande melodia precisa de palavras à altura.

E elas vieram.

Vieram da sensibilidade, da vivência e da profunda conexão com as letras de Vicente Soares Neto, presidente desta Academia. Em seus versos, não há apenas poesia, há identidade, há memória, há pertencimento. Há a essência desta Casa traduzida em palavras que tocam, elevam e permanecem.

E então... acontece o encontro.

Música e poesia.

Som e sentimento. Inspiração e propósito.

Dessa união nasce algo maior que uma obra. Nasce um símbolo. Um eco permanente daquilo que somos, do que fomos... e do que ainda seremos.

Mas... ainda não.

Porque há um instante sagrado antes do primeiro acorde. Há um silêncio

que antecede a emoção. Há um suspiro coletivo que prepara o coração para aquilo que jamais será esquecido. E é exatamente nesse instante... que nos encontramos agora.

Senhoras e senhores, ao celebrarmos 47 anos de existência da nossa querida Academia Campo-belense de Letras, a Casa de Miserani não apenas apresenta seu Hino — ela consagra um legado.

E, como reconhecimento à grandeza desta contribuição, concede, nesta noite histórica, o Título de Acadêmico Honorário ao confrade e imortal José Newton Almeida Noronha. Agora... o silêncio se transforma em expectativa. A expectativa... em emoção.

E a emoção... em eternidade.



Entrega da partitura do hino da ACL pelo Comendador Francisco de Assis Corrêa

HINO DA ACADEMIA CAMPO-BELENSE DE LETRAS

Letra: Vicente Soares Neto

Música: José Newton Noronha Almeida

*No vale onde o livro floresce,
a voz da palavra é luz,
do campo que o sonho
enaltece,
surge a letra que a alma
conduz.*

*São vozes que guardam
memórias,
do povo, da fé e do chão,
tecendo o saber em histórias,
que vivem no verso e na mão.*

(refrão)

*Campo-belense, nobre saber,
És chama que nunca se
apaga!
No livro, a esperança a
crescer,
Na pena, a palavra que afaga.
(bis)*

*São letras que erguem o
tempo,
da mente, da vida e da luz,
semeando saber no momento,
que a chama do verbo
conduz.*

*Que o tempo nos traga a
constância,
do verbo que ergue e refaz,
e em letras semeie a herança,
de um povo que escreve a
paz.*

(refrão)

*Campo-belense, nobre saber,
és chama que nunca se apaga!
no livro, a esperança a crescer,
na pena, a palavra que afaga.
(bis)*

Anuário da Academia Campo-belense de Letras

Hino da Academia Campo-belense de Letras

Letra Vicente Soares Neto
Música José Newton Noronha Almeida

D Bb° Bm

No va-le on-de o li-vro flo-res-ce a

Bm/A Em B/F# Em B/F#

voz da pa-la-vra é luz do cam-po que o so-nho e-nal-

Em Em/G E E/G# A

-te-ce sur-ge a le-tra que a al-ma con-duz são

F# F#/E Bm Bm/A E E/G# A D/C

vo-zes que guar-dam me-mó-rias do po-vo da fê-e-do chão te-

G F# Bm G D A

-cen-do o sa-ber em his-tó-rias que vi-vem no ver-so e na

D F# Bm

mão Cam-po - be-len-se no-bre sa-ber és

E A D/C G F#

cha-ma que nun-ca se a-pa-ga no li-vro a espe-ran-ça a cres-

Bm G 3 D A D 3 F#

-cer na pe-na a pa-la-vra que a-fa-ga Cam-po - be-len-se

Bm 3 E A D/C

no-bre sa-ber és cha-ma que nun-ca se a-pa-ga no

G F# Bm G 3 D A D

li-vro a espe-ran-ça a cres-cer na pe-na a pa-la-vra que a-fa-ga São

2 D Bb° Bm Bm/A Em B/F# 3

le---tras que er---guem o tem---po da men---te da vi---da e da luz se---me-

Em B/F# Em Em/G E E/G#

-an---do sa---ber no mo---men---to que a cha---ma do ver---bo con-

A F# F#/E Bm Bm/A E E/G#

-duz que o tem---po nos tra---ga a cons---tân---cia do ver---bo que er---gue e re-

A D/C G F# Bm G D A

-faz e em le---tras se---me---le a he---ran---ça de um po---vo que es---cre---ve a

D F# Bm 3 3

paz Cam---po - be---len---se no---bre sa---ber és

E A D/C G F#

cha---ma que nun---ca se a---pa---ga no li---vro a espe---ran---ça a cres-

Bm G 3 D A D 3 F#

-cer na pe---na a pa---la---vra que a---fa---ga Cam---po - be---len---se

Bm 3 E A D/C

no---bre sa---ber és cha---ma que nun---ca se a---pa---ga no

G F# Bm G 3 rall. D A rall. D

li---vro a espe---ran---ça a cres---cer na pe---na a pa---la---vra que a---fa---ga

CAMPO BELO EM FOTOS





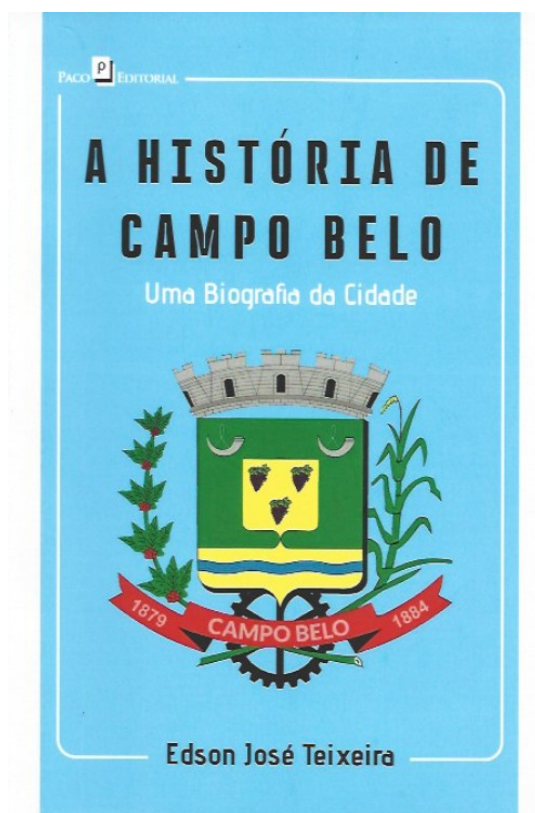




LANÇAMENTO DE LIVROS

A História de Campo Belo

Poucas obras possuem o mérito de transformar a memória de um povo em patrimônio permanente. A História de Campo Belo – Uma Biografia da Cidade é uma dessas raras realizações.



Fruto de quase duas décadas de intensa pesquisa conduzida pelo professor Edson José Teixeira, o livro reúne, com rigor histórico e admirável dedicação, documentos, relatos, registros e informações que permitem reconstruir a trajetória de Campo Belo desde os seus primórdios, quando a região era habitada pelos índios Cataguases, passando pelo período da colonização, pela formação do povoado, pelo desenvolvimento urbano e pela consolidação da cidade como importante referência do Centro-Oeste mineiro.

Mais do que uma simples narrativa cronológica, esta obra apresenta uma verdadeira biografia de Campo Belo. Assim como uma pessoa possui infância, amadurecimento, desafios, conquistas e identidade própria, também a cidade revela, em suas páginas, a construção de sua personalidade histórica, cultural e social.

O leitor encontra um relato claro, objetivo e cuidadosamente fundamentado, que preserva a memória daqueles que contribuíram para edificar a comunidade campo-belense ao longo das gerações.

O propósito maior deste trabalho é proporcionar aos cidadãos o conhecimento de suas próprias raízes. Nas escolas, é comum que os estudantes tenham contato com a história universal, nacional e dos grandes personagens que marcaram o Brasil e o mundo. Entretanto, raramente lhes é oferecida a oportunidade de conhecer, com a mesma profundidade, a história da terra onde nasceram, cresceram e vivem. Conhecer Campo Belo é compreender a formação de seu povo, reconhecer seus pioneiros, valorizar suas tradições e fortalecer o sentimento de pertencimento que une gerações.

Lançado oficialmente em 4 de julho de 2026, este livro representa um marco para a cultura campo-belense. Sua publicação ultrapassa o interesse acadêmico e historiográfico, tornando-se uma valiosa contribuição para a preservação da memória coletiva e para a valorização da identidade local. A obra oferece uma fonte segura de consulta para pesquisadores, professores, estudantes e para todos aqueles que

desejam compreender a evolução histórica da cidade.

Também merece destaque o significado desta publicação para a Academia Campo-belense de Letras, instituição dedicada à preservação da cultura, da literatura e da história regional. Ao acolher e prestigiar esta obra, a Academia reafirma sua missão de incentivar a produção intelectual e de preservar o patrimônio imaterial de Campo Belo para as futuras gerações.

O trabalho do professor Edson José Teixeira constitui, sobretudo, um legado. Seu esforço paciente e perseverante permitiu reunir informações que poderiam perder-se com o passar do tempo, transformando-as em conhecimento acessível a toda a comunidade. É um exemplo de compromisso com a educação, com a pesquisa histórica e com o amor à Campo Belo.

A História de Campo Belo – Uma Biografia da Cidade não é apenas um livro sobre o passado. É um instrumento para compreender o presente e inspirar o futuro.

Suas páginas preservam a memória dos que construíram esta cidade e oferecem às novas gerações a oportunidade de conhecer suas origens, fortalecer sua identidade e cultivar o orgulho de pertencer a uma terra cuja história merece ser lembrada, estudada e perpetuada. Trata-se, sem dúvida, de uma obra de grande relevância cultural, histórica e educacional, que enobrece Campo Belo e perpetua a memória de seu povo para as gerações presentes e futuras.

Corações e Letras

Corações e Letras – A História da Academia Campo-belense de Letras foi lançada pela Editora Clube de Autores em 24 de junho de 2026, e pela Editora Amazon em 14 de julho de 2026.



CLUBE DE AUTORES



AMAZON

Penso em começar diálogo com versos que acumulam encantos da poesia, poeta não sou. Na indecisão momentânea, reflexões invasoras me socorrem na lembrança de leitura antiga, época da juventude, do sonho e ideais de solidariedade humana a embalar corações: “Meu caro João, pediste-me um poema/ Verei, portanto, se algo te consigo...” – e nosso poeta juvenil me estende versos que me iniciam no diálogo com Corações e Letras – livro retrospectiva da nascença e caminhada da Academia Campo-belense de Letras – do confrade-presidente agora – Vicente Soares Neto

que, em parágrafo alhures define a trajetória da Academia como O tempo correu lento, como correm os rios quando ainda estão aprendendo seu curso.

Vicente Soares, por ele mesmo, Engenheiro de Telecomunicações, Eletricista ambos pela Inatel, é escritor e poeta também. Traz dentro de si a trajetória guardada com sensibilidade dos que enxergam além do visível, e no domínio das Letras possui o engenho e a arte do bem escrever com correção e, sem atenção com a rima, o coração na mão. Desta maneira, alguns títulos do Sumário contam sobre o escritor e sua obra: as palavras ganharam casa, aprendemos a cantar, a licença não ausente, os votos aprendem a sonhar, entre sinos e silêncios, o nome gravado no tempo, as letras pediram futuro, o livro que fez a memória sorrir – o rio da história da Academia Campo-belense de Letras não corre apenas lento, também expande margens de paz e sentimento humano.

Linhas, entrelinhas, um pouco mais se revela do autor que escuta misteriosamente o passado de Campo Belo, e visualiza, e presente suas

gentes vivenciando, indígenas, negros, brancos e mais advindos a ocupar a sesmaria da Catarina Parreira e por isso e talvez seja por isso que, até hoje, ao caminhar por aquelas ruas antigas e sentir o vento que vem das serras, há quem diga que Campo Belo vive, não apenas na terra, mas na memória das almas que a sonharam primeiro – e ele, Vicente Soares, que vive, e se deixa sonhar com Campo Belo que o recebeu três meses após seu grito de surgimento para a vida na Tupaciguara das Minas Gerais.

Os passos do autor de *Corações e Letras* passa pelo século 19, adentra século 20, rápido, e encontra, enfim, o início de um sonho que brota no coração e atende seu mundo misterioso das letras: naquela tarde de abril, Campo Belo parecia respirar diferente. O sol descia lentamente sobre as fachadas antigas, dourando telhados, janelas e silêncios, como se soubesse que algo invisível, porém definitivo, estava prestes a nascer. Era 21 de abril de 1979. Dia de Tiradentes. Ano do centenário da cidade. No calendário, em 19 de maio, a palavra passava a ter

morada permanente. Tudo estava apenas começando.

Vicente Soares, a partir deste começando, permanece fiel à imaginação fértil, passeia tranquilo pelas figuras de linguagem do idioma, a Academia não começava ali. Ela apenas se revelava. Seu verdadeiro nascimento acontecera muito antes, no coração de professores anônimos, em linhas impressas quase apagadas, em sonhos que jamais desistiram de esperar. Descreve momentos e sentimentos como se surgissem gravados nas paredes, semblantes, e corações dos personagens. As leituras e pesquisas feitas em todas as atas da Academia afirmam, com veemência, a busca pela verdade e o compromisso com a realidade vivida e sentida. Como brisa suave e inesquecível, imaginação, sonho e paixão circulam ao redor da narrativa cativante. A solidariedade, mesmo momentânea, é-lhe expressiva. A paixão pelo fazer, e fazê-lo bem, é obrigação de compromisso incrustado no seu caráter. Assim, percorre fielmente todos atos e presenças da Academia nos seus 47 anos com sua humanidade presente a distribuir

bondades e respeito: Pois alguns homens não se ausentam: recolhem-se. E no fazê-lo, permanecem ainda mais presentes.

Vicente Soares manifesta com serenidade e modéstia a contribuição que o livro poderá servir às gerações futuras porque, no fundo, escrever é isso: conversar com o tempo. E a Academia Campo-belense de Letras, ao longo de suas atas, continua, silenciosa e fiel, a responder, página após página, que nada do que é vivido com amor se perde. No capítulo “Uma eleição emocionante”: há algo profundamente poético em descobrir, décadas depois, que pertencemos a um lugar antes mesmo de sabermos. Como se a Academia me tivesse escolhido antes que eu pudesse escolhê-la.

O Autor expõe sentimento nobre ao exprimir que com esse reencontro tardio com minha própria eleição não trouxe surpresa apenas, trouxe gratidão. Gratidão por aqueles que confiaram, por aqueles que escreveram, por aqueles que guardaram.

O livro nas mãos, olhos do leitor, de curiosos por que não, dedos acariciam

primeiras páginas, encontra o Prefácio do autor, lê silenciosamente, curiosamente, e, na página final, Vicente Soares Neto sintetiza o motivo do livro, o sentido da vida:

“Corações e Letras” é o testemunho de um tempo em que a emoção e a razão se encontraram sob o mesmo teto. Um tempo em que a presidência foi, acima de tudo, um ato de amor: pelas letras, pela Academia e por Campo Belo.

João Luiz Lacerda - ACL

ALYSSON MASSOTE CARVALHO



Doutor em Psicologia pela Universidade de São Paulo- USP. Pós-doutorado na The University of North Carolina at Greensboro- UNCG. Foi Coordenador dos Programas de Ação Social e Comunitária da Pró-Reitoria de Extensão da UFMG e Secretário Executivo do Programa Minas por Minas- Universidade Presente. Ex-Conselheiro do CNE e presidente da Câmara de Educação Superior. Atualmente é Diretor Geral do Instituto Presbiteriano Gammon, um dos Vice-Presidentes da ABIEE- Associação Brasileira de

Instituições Educacionais Evangélicas e
membro do CEE-MG.

ANTÔNIO BRÁS



Antônio Brás nasceu em 19 de janeiro de 1942, na querida terra de Campo Belo, Minas Gerais, como quem chega ao mundo trazendo nos olhos a luz serena dos homens destinados a deixar marcas.

Filho de Maria da Conceição, carregou desde cedo o nome da mãe como um amuleto invisível, desses que protegem o coração e moldam o caráter.

Há pessoas que atravessam a vida; outras fazem a vida atravessar seu nome. Antônio Brás pertence a essa segunda espécie rara.

Seu caminhar nunca foi apenas uma sucessão de dias. Foi estrada, ponte, construção e esperança.

Em cada amanhecer de sua juventude havia um menino observando o horizonte de Campo Belo e sonhando com um mundo maior.

Talvez sem saber, já carregava no peito o dom dos que nasceram para servir e construir.

Em 1962 surgiu o primeiro emprego registrado, na Construtora Ribeiro Ltda., iniciando uma jornada que seria marcada pelo trabalho digno e pela perseverança.

Participar da construção do CEASA, em São Paulo, não era apenas trabalhar numa obra; era erguer, tijolo por tijolo, parte do futuro.

Sob a orientação do engenheiro César J. M. Ribeiro, que hoje alcança a admirável marca de mais de um século de vida, Antônio escrevia seus próprios alicerces.

E entre plantas, projetos e sonhos, cada esforço parecia anunciar silenciosamente: "a caminhada apenas começou."

Depois veio a Fundação Cásper Líbero, em São Paulo, em 1964.

Ali, na pavimentação asfáltica, Antônio seguia fazendo aquilo que os grandes homens fazem sem perceber: ajudava caminhos a nascer.

Porque existem pessoas que constroem estradas. E existem pessoas que também se tornam estrada para muitos outros.

Minas Gerais, Goiás, Mato Grosso, São Paulo e Sergipe conheceram seus passos.

Cada estado recebeu algo mais do que um trabalhador: recebeu um homem de alma generosa.

Mas Antônio não edificava somente concreto. Enquanto muitos escreviam apenas paredes, ele escrevia palavras.

Desde o final da década de 1950 tornou-se colunista de jornais locais. E assim descobriu que a escrita também pode ser construção. Com palavras ergueu pontes invisíveis entre pessoas, sentimentos e memórias.

Os livros vieram naturalmente, como rios procuram o mar. Seis obras

publicadas tornaram-se sementes lançadas ao tempo. E sementes verdadeiras sempre encontram terra fértil. As suas obras ultrapassaram fronteiras e chegaram a bibliotecas importantes do país.

Livros seus alcançaram espaços onde o conhecimento repousa em silêncio esperando tocar novas almas. No Senado Federal, na Biblioteca Nacional, em museus e centros culturais, suas palavras encontraram morada.

Em 1999, o Memorial JK recebeu o lançamento de "Perfil da Vida Real".

E talvez o título já revelasse muito sobre seu autor: um homem profundamente ligado à vida verdadeira.

Mas Antônio Brás nunca viveu apenas para si. Seu coração sempre soube reconhecer que viver é repartir.

Em 1992 fundou a Irmandade Nossa Senhora do Rosário do São Benedito em Campo Belo. Foi mais que fundar uma instituição. Foi plantar fé, pertencimento e identidade. Foi oferecer raízes a uma comunidade inteira.

Sua atuação social tornou-se extensa como rios mineiros.

Museu, música, cultura, igualdade racial, patrimônio histórico e assistência humana passaram a fazer parte de seu cotidiano.

Antônio compreendeu cedo algo que poucos aprendem: a grandeza não mora nos cargos; mora no serviço.

Desde 1983 participa dos Alcoólicos Anônimos. E há enorme beleza em quem estende a mão para caminhar ao lado do próximo. Porque algumas vitórias pessoais tornam-se bênçãos coletivas.

Participou de solenidades presidenciais, enviou correspondências importantes, propôs melhorias urbanas e sonhou uma cidade melhor.

Não observava a sociedade pela janela; caminhava dentro dela.

Também realizou ações humanitárias silenciosas, dessas que raramente buscam aplausos.

Após as enchentes em Blumenau, doou livros gratuitamente. Doou conhecimento quando muitos ainda

pensavam apenas nos escombros. E seu sangue do tipo O positivo parece simbolizar algo maior. Porque sua existência inteira parece ter sido uma permanente doação.

Vieram homenagens, medalhas, diplomas, moções e reconhecimentos. Vieram aplausos, convites, honrarias e troféus. Mas nenhuma dessas condecorações parece superar a maior delas. O carinho sincero das pessoas que encontraram em Antônio Brás uma referência humana.

O tempo passou. Os anos avançaram. Mas há homens que envelhecem apenas nos calendários. Porque na alma permanecem jovens enquanto seus ideais continuam vivos.

Em 2025, ao tomar posse como Acadêmico Honorário da Academia Campo-belense de Letras, mais uma página luminosa foi escrita. Era como se a própria história dissesse: "ainda há muito a agradecer."

Hoje, olhar para a trajetória de Antônio Brás é como abrir um livro raro.

Cada capítulo possui trabalho.
Cada página possui coragem. Cada linha
possui humanidade.

E entre todas as palavras possíveis
para defini-lo, talvez a mais bela seja
simplesmente esta: Antônio Brás não
passou pela vida. Ele permaneceu nela.

ARTHUR EDMUNDO DE SOUZA RIOS



Arthur Edmundo de Souza Rios (Arthur Rios), nascido aos 22/8/38, na cidade de Campo Belo (MG). Graduação em Direito pela (PUC/MG e Jornalismo pela (PUC/GO); Possui “Mestrado em Direito Agrário e Meio Ambiente” (UFG). Autor de várias obras jurídicas como Manual de Direito Imobiliária (6e edição)

- Juruá-Curitiba; Regularização Imobiliária Urbana (Juruá); Direito Agrário (UFG); Responsabilidade Civil Objetiva e por Dano Moral. Na literatura tem obras como 'AMERICANO DO BRASIL'. Reconhecido criador dos princípios do Direito Imobiliário, dando-lhe autonomia científica perante o Direito Civil (1997). Seus pais são Paulo Leite Rios (advogado) e Maria das Dores de Souza Rios; a origem familiar é das cidades de Formiga e Cristais; sua irmã é Marília de Souza Rios Carvalho (odontóloga). Cresceu em Campo Belo (MG), tendo estudado nos Colégio São José, Instituto Armstrong, Colégio Marista (Varginha) e Ginásio Dom Cabral (Ginásio) onde foi orador da turma de concluintes.

Mudando para Belo Horizonte, estudou o segundo grau no Colégio Arnaldo. Graduiu-se em Direito pela PUC/MG, onde foi presidente do Centro Acadêmico. Concomitantemente, foi jornalista do jornal "O Diário" e oficial de gabinete da Secretaria da Fazenda (MG), no período ocupada por Tancredo Neves (1957/1961)

Formado em Direito, mudou-se para Goiânia-GO, onde secretariou o

deputado federal José Peixoto da Silveira, candidato a governador do Estado; foi jornalista do jornal “O Popular”, advogou; foi aprovado em concurso da Universidade Federal de Goiás (Direito), onde lecionou por trinta anos e se aposentou. Foi o mais votado no antigo Tribunal Federal de Recursos (TRF) para desembargador no atual TRF 1. Deixou de se empossar, para continuar na carreira de advogado e professor universitário em Goiânia. Seu escritório foi contratado pelo governo federal, para, em Brasília, analisar toda a documentação imobiliária do Sistema Telebrás, para a privatização ou desestatização ocorrida em 1998. Foi defensor do efeito de propriedade da Lei n. 601 de 1850, que regulamentado pelo Decreto 1318/1854, onde criava o Registro do Vigário ou Registro Paroquial. A argumentação foi aceita pelo governo de Castelo Branco quando editou o Decreto-Lei 203/1967, que reconhecia os efeitos de propriedade no “Registro do Vigário”, para a regularização do terreno de Brasília. O efeito não poderia ser restrito à Brasília, teria que ser para todo o território nacional conforme decisão do STF no RE 80.412, em que participou.

Casado em terceiras núpcias com Alda Maria de Moraes Rios. Pai de Paulo José, Mirian, Carlos Eduardo e Arthur Junior (4); avô de Isabela, Marina, Gabriela, Isabela Machado, Rafael, João Otávio, Samuel e Lara (8) e bisavô de Henri e Vitor (2). Tem como hobby: Tenis e Futebol. Sua filosofia de vida é espiritualista (kardecista). Vive hoje em Goiânia e Caldas Novas (GO.) A integridade do caráter e dignidade e a importância do trabalho dedicado às terras (rurais e urbanas) é o legado que deixa.

CARLOS HENRIQUE SOARES



Carlos Henrique Soares: Nascido em 21 de novembro de 1977, na acolhedora cidade de Campo Belo, Carlos Henrique Soares construiu sua trajetória unindo conhecimento, dedicação e profundo compromisso com a Justiça. Desde cedo, compreendeu que o Direito não é apenas um conjunto de normas, mas uma ferramenta de transformação social, capaz de assegurar dignidade, liberdade e respeito às pessoas.

Sua formação acadêmica foi integralmente desenvolvida na PUC Minas, instituição na qual obteve o título de Bacharel em Direito e, posteriormente, concluiu o Mestrado e o Doutorado em Direito Processual. Nessa mesma casa de ensino, tornou-se professor da disciplina de Direito Processual Civil, dedicando-se à formação de inúmeras gerações de estudantes, transmitindo não apenas conhecimento técnico...

Seu compromisso com a cultura, a educação e a valorização da palavra também encontraram expressão no campo literário. Desde o ano de 2025, Carlos Henrique Soares integra a Academia Campo-belense de Letras, instituição dedicada à preservação da memória, da cultura e da produção intelectual de sua terra natal. Em sua primeira participação na diretoria da Academia, assumiu o cargo de Tesoureiro, colaborando ativamente para o fortalecimento institucional da entidade sob a presidência do confrade Vicente Soares Neto.

Sua presença na Academia representa uma extensão natural de sua trajetória acadêmica e profissional.

Cultivando profundo apreço pela literatura, pela história e pela reflexão humanística, Carlos Henrique Soares reafirma, por meio dessa atuação, sua convicção de que o conhecimento deve transcender os limites das salas de aula e dos tribunais, alcançando a sociedade por meio da cultura, do diálogo e da preservação das tradições intelectuais.

Assim, entre o Direito e as Letras, entre a docência e a advocacia, entre a pesquisa e a vida pública, Carlos Henrique Soares constrói uma trajetória marcada pelo compromisso com o saber, pela defesa intransigente das liberdades fundamentais e pelo permanente desejo de contribuir para uma sociedade mais justa, culta e humana.

DANIEL EDSON ALVES E SILVA



Daniel Edson Alves e Silva, brasileiro, nascido na cidade de Campo Belo/MG, no dia 17/6/1992, filho primogênito de José Bento da Silva e Ariândna Alves Costa.

Cresceu em um lar simples com uma formação cheia de princípios herdados, principalmente, avós maternos, que foram trabalhadores rurais, marceneiro e costureira; obtendo

conhecimento e a cultura tradicional dos antepassados, que de certa forma influenciou a sua formação, como por exemplo, o interesse pela leitura e história.

Na sua infância, conviveu com avós tios e primos maternos de Campo Belo/MG e os paternos da cidade de Oliveira/MG. Um período saudável, de muitas brincadeiras e leituras, sem a tecnologia da internet, em uma época em que as crianças só tinham os velhos vídeos games.

Na adolescência, participou do INTERACT CLUB. Promoveu algumas festas e eventos, como: Organização Concurso Beleza Negra, 2023. (Concurso, Organização de evento), Primeira Semana da consciência negra de Campo Belo, 2023; I Encontro dos Atiradores do Tiro de Guerra 04-008 (turma de 2011) em 2021; torneio de jogos na faculdade. Católico, participa da equipe da liturgia como leitor, do movimento do terço dos homens, fundador do grupo Caminhadas de fé, promove peregrinações para determinados lugares de devoção.

Começou os seus estudos aos 4 (quatro) anos, no período maternal, na Escola Infantil Stela Maris. Após concluir, o chamado "pré-primário", ingressou na primeira série, no respeitável Colégio Dom Cabral (dirigido pela Ordem de Santa Cruz) onde concluiu o segundo grau com boas notas em todas as matérias no ano de 2009.

Logo após (2010/2014), obteve o título de graduação no CURSO DE DIREITO na Universidade José do Rosário Vellano UNIFENAS de Campo Belo/MG.

Entre 2015/2018, fez o curso de MESTRADO EM DIREITO na Faculdade de Direito do Sul de Minas - FDSM, Pouso Alegre/MG, com apresentação da dissertação intitulada: Discurso de Ódio nos Tribunais: A construção do conceito de ódio na jurisprudência brasileira, em 2018, sendo o orientador: o professor Dr. Rafael Simioni Lazzarotto.

Em busca de novos conhecimentos aperfeiçoou com diversos cursos, palestras, eventos: 2005 - Curso de Direito Administrativo (60h/aulas); Projeto de Nivelamento UNILER (20h/aulas); 2010- Fórum Social de Combate e erradicação do trabalho

Infantil - NUPETI, (05 horas/aulas), IV- Congresso de Direito UNIFENAS, (20 horas/aulas), 2010 - Programa de Monitoria na Disciplina/Direito Penal 1, UNIFENAS (80 horas/aulas); 2011- Programa de Monitoria Penal III - UNIFENAS (80 horas/aulas); 2011- V- Congresso de Direito - Atualidades Jurídicas, UNIFENAS, (20h/aulas); 2011 - Programa de Monitoramento, disciplina Direito Penal II, (80 horas/aula); 2011- XVI encontro de Estudos Jurídicos, OAB/MG; 2012- Palestra "programa Institucional de Monitoria da UNIFENAS", (42 horas/aulas); 2012- "Os Desmembramentos da Bigamia", (02horas/aulas); 2012- Palestra " Os Crimes a Dignidade sexual", (1h/aula); 2013- Programa Institucional de Monitoria de UNIFENAS - Direito Penal V (50 horas/aulas); 2012- seminário -"os crimes contra a dignidade sexual, (2horas/aula); 2012- Ministrou o Seminário "Dos Crimes a Dignidade Sexual (02 horas/aulas); 2012- Ciclo de Palestra (6horas/aulas); 2012- VI Congresso de Direito, (30horas/aulas); 2013-ciclo de Estudos de Direito Público em Piumhi, (10h/aulas); 2013 - Míni curso Dependência e Codependência - Uma perspectiva sociofamiliar,

(02horas/aulas), 2013 - curso Envelhecer com Qualidade (02 horas/aulas); 2013 - Seminário Pronúncia e Impronúncia no Direito Penal III, (02horas/aula); 2013 - Atividade de Monitoria na disciplina Legislação Extravagante (74 horas/aulas); 2013- Seminário "A Possibilidade da Utilização das Provas ", na disciplinas Direito Penal III, (02 horas/aulas), 2013- Seminário "Aspectos do Sistema Acusatório" no direito Penal III (02horas/aulas); 2013 - "XI Treinamento do Sindec - Sistema Nacional de Informações de Defesa do consumidor" (14horas/aulas); 2013- I Semana Vocacional ", (03 horas/aulas); 2020 - seminário " Direito na Escola/Brasil Canadá 2020, (40 horas/aulas), ministrou palestra "como abrir uma ONG", 2015 - palestra "As Novas Oportunidades e Desafios no Mercado de Trabalho, (01hora/aula); 2013- " Ciclo de Debate sobre Abuso e Exploração Sexual de Criança e Adolescentes", (04 horas/aulas); 2014 - Curso Saúde Vocal para Professores- (20h/aula); 2010- curso de Administração Judiciária, com ênfase para concurso TJMG, (24 horas/aulas); 2023 -"Décima Conferencia Municipal de

Saúde no Município de Campo Belo/MG; 2014/2014 - Curso de curta duração em Saúde Vocal. (Carga horária: 20h). Secretaria do Estado de Saúde de Minas Gerais, SES, Brasil 2013-2013 Extensão universitária em treinamento do SINDEC.

(14horas/aula); Sistema Nacional de Informações de Defesa do Consumidor, SINDEC, Brasil; 2011- Curso de curta duração em SEMANA ABERTA. (17 horas/aulas); Rede de Ensino Luiz Flávio Gomes, LFG, Brasil 2010 Curso de curta duração em inglês. (12 horas/aula). Curso de Inglês e espanhol, CCAA, Brasil 2010 - 2011 Informática. (180horas/aula). Dígitos Informática, DG, Brasil; 2010 Curso de curta duração em Administração Judiciária. (72horas/aulas). Hugo Novato Gondim, GGA, Brasil 2003-2004 Curso de Informática e demais palestras e cursos promovidos, entre outros.

Atuou profissionalmente, como estagiário os seguintes estabelecimentos e funções: estagiário: 1a vara cível da comarca de Campo Belo-TJMG 2010; na Vara Criminal da comarca de Campo Belo/MG-TJMG 2012/2013; na Administração do fórum

Raphael Magalhães, no Procon (2013/2013), na secretaria da décima quinta subsecção da OAB/MG e no Escritório de Advocacia (Gusmão Gondim Advocacia), Professor a título precário de Sociologia. Assessor Jurídico nos sindicatos dos Servidores Públicos do Município de Santana do Jacaré - SINDISERV 2013 e Sindicato dos Servidores Públicos do Município de Aguanil - SINDIAGUANIL 2013 - Foi aprovado na prova da Ordem dos Advogados do Brasil em 29/04/2013, inscrito sob o número, 158.749 - OAB/MG.

Realizou diversas publicações em jornais de notícias e Artigos: "Comentário a Lei do Feminicídio" jornal Ocasão, Campo Belo, p.6 - 6, 2015; "Cuidados com o Carnaval" jornal Ocasão, p.3 - 3, 2015.; "Depois dos Limites do Direito, da Moral e da Ética" jornal Ocasão, p.10 10, 2015. "O Dano no Acidente de Trânsito" jornal Ocasão, p.7 - 7, 2015; "O Grande Risco da Igualdade" jornal Ocasão, p.10 - 10, 2015; "O que está acontecendo com o mundo?" jornal Ocasão, p.10 - 10, 2015; "O Troitor da Democracia. Ocasão", p.9 - 9, 2015; "Reflexão Sobre os Múltiplos

Corpos do Rei" jornal Ocasão, p.10 - 10, 2015; "Sobre o comportamento da Indonésia." jornal Ocasão; "Aos meus amigos cães e aos seus inimigos" jornal Hoje Em Dia, p.5 - 5, 2014." Da constitucionalidade do art. 285-A do CPC" jornal Ocasão, p.10 - 10, 2012; "Interact Club de Campo Belo comemora 1 ano de vida" jornal Ocasão e outros. Alguns Artigos de periódicos: "Linguagem Distinção e Sentença expectativas Procedimentalistas de Decisões Jurídicas no Brasil" - Revista Caribena de Ciencias Sociais v309, p-19, 2018. "Verdade, consenso e os discursos contemporâneos, o que estamos verdadeiramente proclamando?". Jus Navigandi (Online). v.5386, p.1 - 1, 2018.

Apresentação de trabalhos e palestras: "Aula magna sobre direitos humanos", 2024. "Palestra Direitos Humanos, 2024". Participação voluntária nos projetos Comissão Direito na Escola, 2024. "Participação como Mediador, 2023; Palestra no Conselho Municipal de Promoção de Igualdade Racial, 2023; "Palestra Igualdade Racial nos dias atuais, 2023"; Palestra Promoção Igualdade Racial,

2023."Palestra sobre a importância da semana da consciência negra, 2023"; Palestra sobre Igualdade Racial, 2023. "Palestra de Igualdade Racial, 2023; "seminário Regional de Direito, 2023 ". Comparecimento no 6º colégio de dirigentes de interiorização da OAB/MG, 2023. 10ª conferência Municipal de Saúde de Campo Belo, 2023. Empregabilidade no Brasil de Hoje, 2018; palestra "Desdobramento dos Direitos Humanos no mundo moderno" e outros; 2016; Palestra "Direitos Humanos em tempos modernos", 2016. Palestra "O que é ser 'ser humano' na atualidade, 2016"; Palestra "Movimentos Sociais, Origem, História e Desdobramentos", 2015. Desdobramentos da CLT em Tempos Modernos, 2014." I Intensivão para o ENEM do Polivalente, 2014. Palestra "Aspectos do Sistema Acusatório no Brasil", 2013. "Pronúncia e Impronúncia no Tribunal do Júri, 2013." " Os Crimes Contra a Dignidade Sexual, 2012".

Participou de diversas bancas de trabalhos acadêmicos e publicou os seguintes livros:

1- "A Vida da Cinza", ed.1. São Paulo: Scortecci, (2013), v.1

2- Capítulo publicado no livro "CUMPLICIDADE DE MOVIMENTOS", ed.1. São Paulo: Scortecc, Summum Bonum, ed.1. São Paulo: Scortecc P. 45/49;(2014)

3- "SENTIMENTO DE ÓDIO NO ESTADO DEMOCRÁTICO", ed.1. São Paulo: Scortecci Editora, ed.1. São Paulo, (2016)

4- "DISCURSO DE ÓDIO NOS TRIBUNAIS - A CONSTRUÇÃO DO CONCEITO DE ÓDIO NA JURISPRUDÊNCIA BRASILEIRA" ed.1. São Paulo: Recanto das Letras, (2019), v.1. (1 EDIÇÃO)

5- "DISCURSO DE ÓDIO NOS TRIBUNAIS - A CONSTRUÇÃO DO CONCEITO DE ÓDIO NA JURISPRUDÊNCIA BRASILEIRA" ed.2. São Paulo: Recanto das Letras, (2025), 2ª edição

Recebeu diversos prêmios e títulos: Em 2023 Certificado Melhor do Ano Categoria Advogado, Pablo Patriki Pereira, 2023 - Honra ao mérito categoria Advogado, Jornal A Tribuna 2022, Láurea de Agradecimento, OAB/MG; 2021- Diploma de Atirador Ilustre, Exército Brasileiro 2021 Excelência a Tribuna, Jornal a Tribuna; 2019 - Excelência 2019 na categoria

Advogado, A Tribuna 2017 - Associado Honorário, Associação Comunitária dos Moradores do Bom Jardim 2017 Visão e Cidadania, Via Montesa; 2016-Excelência 2016 na categoria Advogado, A Tribuna 2016; Honra ao mérito feitos pertinentes a promoção humana, Família Silva 2016; Moção 05/2016, Câmara Municipal de Aguanil 2016 Prêmio Excelência, Jornal A Tribuna 2015, Título de Excelência na categoria Direito do Trabalho e Sindical, A Tribuna 2014 Monção; Formandos 2014 da Escola Estadual Pe. Alberto Fuger, Êxodo Formaturas 2013; Monção 04/2013, Câmara Municipal de Campo Belo 2011 e 2024, Honra ao Mérito, Tiro de Guerra 04-008, entre outros.

Foi o primeiro presidente do Conselho Municipal de Promoção da Igualdade Racial – COMPIR de Campo Belo. Atualmente ocupa a cadeira número 19 da Academia Campo-belense de Letras - ACL, cujo patrono é o imortal Machado de Assis.

É o sócio fundador e proprietário do Escritório de Advocacia "Alves&Silva" (OAB/MG 11.013), situado na Rua Santos Dumont, 271, Centro, Campo Belo/MG, endereço eletrônico:

advdanieledson@yahoo.com.br.

Organiza caminhadas de fé, é católico, devoto de Nossa Senhora Aparecida, e todos os anos participa da romaria.

DENISE CÁSSIA GARCIA



Filiação: Dalmo Garcia de Carvalho e Dolores Costa de Carvalho. Nascimento: 25/6/58 Campo Belo (MG) - Brasil

FORMAÇÃO ACADÊMICA

Administração de Empresas – Faculdade de Ciências Econômicas, Administrativas e Contábeis de São João Del Rei - atual

Universidade Federal de São João Del Rei
- MG

Direito - Faculdades Integradas Bennett
- Rio de Janeiro - RJ

Administração Financeira - Fundação
Getúlio Vargas - Rio de Janeiro (RJ)

Contratos Comerciais - Fundação
Getúlio Vargas - Rio de Janeiro - RJ

Pós-Graduação - "Sensu Lato" -
Université de Droit d'Economie et de
Sciences sociales de Paris (Panthéon-
Sorbonne) - Direito Internacional Público
- Paris - FRANÇA.

FORMAÇÃO E EXTENSÃO CULTURAL

Inglês Básico - Centro de Cultura Anglo
Americana - São João Del Rei - MG

Estudos Práticos da Aliança Francesa -
CEPAL - Rio de Janeiro - RJ

Inglês - Brasil América Sociedade de
Inglês - Rio de Janeiro - RJ

Alemão - Instituto Goethe - Belo
Horizonte - (MG)

Piano - Campo Belo e São João Del Rei -
MG

Civilização Francesa - Université de La Sorbonne - Paris - FRANÇA

ESTÁGIOS

Cerâmica São Judas Tadeu Ltda - Campo Belo - MG

Escritório de Assistência Gratuita da OAB - Defensoria Pública - Rio de Janeiro - RJ
- Direito Comercial, Civil, Penal e Trabalhista.

Advocacia em escritório particular especializado em Direito Civil, Internacional e Comercial - Rio de Janeiro - RJ

ATIVIDADE PROFISSIONAL

Advogada - direito cível e trabalhista

Administradora de Empresas

Produtora Rural (cafeicultora) desde 1979, em Campo Belo (MG).

TRABALHOS DE PESQUISAS REALIZADOS

Pesquisa para a Fundação Projeto RONDON: como estabelecer sistema de assistência social e médica nas favelas

Pesquisa genealógica - migração açoriana para o Brasil e sua descendência

Pesquisa sobre a História de Campo Belo (MG)

Participação no Grupo de Pesquisa e Projeto do FUNDO ESTADUAL DO CAFÉ - agosto/2011.

Grupo de Trabalho Geoportal do Café de Minas Gerais - Mapeamento do Parque Cafeeiro - abril/2012

PARTICIPAÇÃO EM CURSOS, CONGRESSOS E SEMINÁRIOS

Curso de Marketing Integrado - 1979 - Fundação Municipal São João Del Rei - MG

Curso de Liderança Empresarial - 1979 - Fundação Municipal São João Del Rei - MG

Curso de Introdução de Sistema de Computadores - 1979 - Fundação Municipal São João Del Rei - MG

Curso de Noções de Segurança no Trabalho e Implantação de CIPA nas Empresas - São João Del Rei - MG

Curso de Moda e Beleza Fragile, no período 15/08/1991 - FRAGILE - BELO HORIZONTE - MG.

Diploma de Sócia Efetiva da Academia Campo-Belense de Letras (José Miserani de Carvalho) - 25/9/1993.

Participação com Certificação no 2º Seminário das Fundações de Direito Privado do Estado de Minas Gerais, no período de 26/11/1993 - FEDERAÇÃO DE FUNDAÇÕES DE DIREITO PRIVADO DO ESTADO DE MINAS GERAIS - BELO HORIZONTE - MG.

Participação com Certificação no curso de “Treinamento Gerencial Básico Rural”, no período de 7 a 11/2/1994 - SEBRAE - (MG).

Participação com Certificação no Curso de Aperfeiçoamento Social, no período 30/8/1994 - SOCILA (Sociedade Civil de Intercâmbio Literário e Artístico) - BELO HORIZONTE - MG.

Participação com Certificação no Curso Intensivo de “Iniciação em Folclore”, ministrado pelo Prof. Dr. Saul Alves Martins, no período de 2 a 5/09/1996 - FUNDAÇÃO CASA DA CULTURA DE CAMPO BELO

Participação com Certificação no Curso Equilíbrio Emocional – Integração Mente Corpo – Introdução à Medicina Natural – INSTITUTO DE FILOSOFIA E MEDICINA ORIENTAL - 24/3/1997.

Participação com Certificação no 3º encontro Sul Mineiro de Cafeicultura, no período de 6 a 8/5/1997 - realização: UFLA, EMATER, EPAMIG, OCEMG

Participação com Certificação na Oficina de Textos, ministrada pelo Prof. Ronald Claver Carmargo, no período de 11 a 12/5/1997 - FUNDAÇÃO CASA DA CULTURA DE CAMPO BELO - MG.

Participação com Certificação Certificado do Seminário sobre “Gerência da Moderna Cafeicultura: Marketing, Qualidade e Competitividade”, no período de 27 a 29/10/1998 - FAEPE - LAVRAS - MG.

Participação com Certificação no “1º Seminário de Integração das Políticas Sociais dos Municípios do Entorno Mineiro da Fernão Dias - Br 381” no período 4 e 5/3/1999 - FUNDAÇÃO DE APOIO COMUNITÁRIO - FAC - VARGINHA - MG

Participação com Certificação no Curso de “Latim & Cultura da Linguagem – “GRADUS PRIMUS”, no período de 14 a 30/4/1999 – FUNDAÇÃO CULTURAL DOS PROFESSORES DO ESTADO DE MINAS GERAIS.

Participação com Certificação no Treinamento para Presidente de Sindicatos dos Produtores Rurais, no período 24 a 26/10/2000 – FAEMG (Federação da Agricultura do Estado de Minas Gerais) – BELO HORIZONTE – MG.

Curso de Aperfeiçoamento no Cultivo de Plantas Ornamentais, no período 20/10/2002 a 1/11/2002 – SENAR- MG

Participação no “Programa Liderar” realizado pelo SEBRAE-MG em julho/2004

“Programa Novos Rumos” realizado pela FAEMG, SENAR –MG e SEBRAE – MG, em Belo Horizonte - outubro/2004

Participação no Seminário do Café – “Novos desafios e Oportunidades”, promovido pela Comissão de Relações Exteriores no Palácio do Itamaraty em Brasília-DF - fevereiro/2005

Participação em Seminário “Contribuição Previdenciária Rural”

realizado em Campo Belo -
setembro/2005

Participação em “Encontro de Presidente de Sindicatos Rurais” realizados em Roças Novas/Caeté, pela FAEMG e SENAR MINAS - agosto/2007, agosto/2008 e agosto/2011

Participação com Certificação no Treinamento em “Legislação e Rotina da Previdência Social” realização SENAR-MG - julho/2008

Participação com Certificação no “Curso de Negociação Coletiva do Trabalho” realizado pela FAEMG em Alfenas (MG) - fevereiro/2009

Participação com Certificação no curso de “Novas Lideranças Rurais” realizado pela FAEMG em Belo Horizonte (MG) no período de abril a junho/2009

Participação com Certificação no “Treinamento para Advogados Prestadores de Serviço aos Produtores Rurais e aos Sindicatos de Produtores Rurais” realizado em Belo Horizonte/MG pela FAEMG - outubro/2009

Participação com Certificação no curso de “Degustação e Classificação de Café” - SENAR-MG - março/2010

Participação com Certificação no curso de “Café – Preparo Pós- colheita” - SENAR-MG - maio/2010

Participação com Certificação no Treinamento em “Legislação e Rotina da Previdência Social” - SENAR-MG - julho/2011

Participação com Certificação no curso de Gestão em Qualidade no Sindicato - GQS realizado pelo SENAR-MG - julho/2011

Participação no Seminário “Os Desafios do Brasil como 5ª Potência Mundial e o Papel do Agronegócio” realização CNA/SENAR, em Brasília-DF - 23/11/2011

Participação com Certificação no curso de “Café – Poda Manual” - SENAR-MG - agosto/2012.

Participação com Certificação no curso de Trabalhador na Fabricação de cachaça / Análise Sensorial de Cachaça - SENAR MG

Participação com Certificação no curso “Classificação e Degustação de Cachaça” - SENAR MG

Participação com Certificação no curso de “Manejo Integrado de Pragas e Doenças no Café” – SENAR MG.

Participação com Certificação no curso de “Trabalhador na Manutenção de Roçadeiras” - SENAR MG

Participação com Certificação no curso de “Trabalhador da Pecuária – Equitação” – SENAR MG

Participação com Certificação no curso de “Prevenção de Acidentes e Noções Básicas de Primeiros Socorros” – SENAR MG

Participação com Certificação no curso de “Trabalhador na Fruticultura Convencional” – SENAR MG

Participação com Certificação no curso de “Trabalhador na Administração de Empresas Agropastoris – Comercialização de Café” - SENAR MG

Participação com Certificação no curso de “Artesanato de Bordados – Bainhas e Xadrez” – SENAR MG

Participação com Certificação no curso de “Trabalhador na Cultura do Café – Classificação e Degustação de Cafés Especiais” – SENAR MG

Participação com Certificação no curso de “Trabalhador na Cultura de Especiarias – Cogumelo Shitake – Implantação a Colheita” – SENAR

Participação com Certificação no curso de “Produção Artesanal de Derivados de Café” – SENAR MG

Participação com Certificação no curso de “BARISTA” – SENAR MG

Participação com Certificação no curso de “Drone – Asas Rotativas - Básico” – SENAR MG

Participação com Certificação no curso de “Trabalhador da Cultura de Café – Torra de Café” – SENAR MG

Participação em Missão Técnica para visitas à fazendas na Nova Zelândia e Austrália em 2016.

Participação com Certificação na Oficina de Oratória promovida pelo SENAR em 2023

Participação e qualificação para Novos Agentes de Desenvolvimento Rural - ADR em 2023

Participação e promoção do Encontro das Famílias Rurais (SENAR) em Campo Belo em 2025

ATIVIDADES CULTURAIS E SOCIAIS **CLASSISTAS,**

Membro do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais

Diretora Social do Campo Belo Country Club - Campo Belo - MG - de 1991 a 2011

Sócia Efetiva da Academia Campo-belense de Letras - ACL - cadeira Menotti del Picchia - posse em 05/09/93

Presidente da Fundação Casa da Cultura de Campo Belo, por 04 mandatos consecutivos - de 1993 a 2001

Diretora Secretária do Sindicato Rural Patronal de Campo Belo - gestões 1993 a 1996 e 1996 a 1999 - Campo Belo - MG

Conselheira Efetiva do 1º Conselho Consultivo do COMPAC - Conselho do Patrimônio Histórico de Campo Belo, nomeada através do Decreto Municipal 1.346 de acordo com a Lei 1.939 de 24/3/1997 e empossada em 4/4/1997

Vice-Presidente da Academia Campo-belense de Letras - ACL de 26/7/97 a 12/6/98

Membro do Conselho Fiscal da Fundação Museu e Arquivo Público de Campo Belo, desde fevereiro/1998

Presidente da Academia Campo-belense de Letras – Campo Belo – MG – de junho/1998 a 1 de novembro/2025

Conselheira Efetiva da APAMA – Associação de Política Agrícola e do Meio Ambiente de Campo Belo, empossada em 14/8/1999.

Membro do CEPAM – Conselho de Política Agrícola Municipal de Campo Belo (MG), empossada em 25/8/1999

Conselheira do CONSEP – Conselho Comunitário de Segurança Preventiva de Campo Belo, empossada em 17/7/2000

Conselheira Fiscal da Fundação Casa da Cultura de Campo Belo (MG) de 2001 a 2017.

Membro Efetivo (usuário) do Comitê da Bacia Hidrográfica do Entorno do Lago de Furnas – CBH FURNAS, empossada em 24/10/2002.

Vice-Presidente da Comissão Técnica de Café da Federação da Agricultura e Pecuária de Minas Gerais – FAEMG, de 2002 a 2022.

Conselheira efetiva do CMDRS – Conselho de Desenvolvimento Rural

Sustentável do Município de Campo Belo, desde 2005.

Presidente do Sindicato dos Produtores Rurais de Campo Belo (MG) - gestões 1999 / 2001, 2001 /2003, 2003/2005, 2005/2008, 2008 a 2011, 2011/2014, 2014/ 2017, 2017 a 2021, 2021 a 2025

Vice-presidente do Sindicato dos Produtores Rurais de Campo Belo (MG) - gestão 2025/2029.

Conselheira Efetiva do Conselho Municipal de Turismo de Campo Belo (MG) - CONTUR desde junho/2008.

Membro do Grupo de Trabalho Mulheres no Agro 2019 - CNA - Confederação Nacional da Agricultura e Pecuária do Brasil - CNA

Vice-Presidente (suplente) da Federação da Agricultura e Pecuária de Minas Gerais - FAEMG - gestão 2008/2011 e gestão 2011/2014.

Coordenadora da CAMARA SETORIAL DE CAFÉ DA SEAPA - Secretaria de Estado de Agricultura, Pecuária e Abastecimento de Minas Gerais, nomeada em Resolução SEAPA n.º 1.166, de 09 de novembro de 2011.

Nomeada para o Grupo de Trabalho Geoportal do Café de Minas Gerais - Mapeamento do Parque Cafeeiro (Portaria nº 05/2012 - 17 de abril de 2012)

Vice-Presidente (titular) da Federação da Agricultura e Pecuária de Minas Gerais - FAEMG - gestão 2018/2021

Conselheira Administrativa (suplente) do SENAR MINAS de dezembro/2022 a setembro/2025.

Conselheira Fiscal da Academia Campo-Belense de Letras - gestão 2025/2027.

TRABALHOS PUBLICADOS E PALESTRAS MINISTRADAS

Livro: OS GARCIA “FRADES” - Ascendentes e Descendentes - 1990 Imprensa Universitária - Belo Horizonte - MG

REMEXENDO O BAÚ - HISTÓRIA DE CAMPO BELO (em coautoria com Carla Maria Junho Anastasia) - 2008 - 1ª Edição, 2010 - 2ª Edição - Mazza Editora - Belo Horizonte - MG.

Vários artigos no Jornal “Ocasão”, Jornal “Liberdade” de Campo Belo - e em diversos Jornais de Minas Gerais (MG)

Palestras diversas sobre escritores patronos da ACL, na Academia Campo-belense de Letras – Campo Belo – MG.

Palestra sobre a Nova Ortografia Brasileira – Fundação Casa da Cultura de Campo Belo – Campo Belo – MG.

Palestra sobre “Estudo de Genealogia do Centro-Oeste e Sul de Minas” ministrada na Jornada Mineira do Patrimônio Cultural de 2009, em Arcos – MG.

Palestra proferida no II ENCONTRO DAS EMPREENDEDORAS DO AGRO MG (virtual) realizada pela FAEMG em outubro/2020.

AGRACIAÇÕES E HOMENAGENS

Medalha de Ouro - Homenagem do Ministério da Agricultura e INCRA – Prêmio Produtividade Rural – PRODUTOR RURAL MODELO 1983 - pelo desempenho no setor agropecuário.

Medalha “CIDADE MONTESA” – Prefeitura Municipal de Campo Belo – MG

Certificado de Honra ao Mérito – pelo Trabalho, Honestidade, Dinamismo e Valor pelo Cargo que administra – 13/4/2000 – Novo Horizonte Promoções.

Placa de Homenagem Colégio Dom Cabral – Campo Belo (MG) - 1998 (pelo Trabalho dedicado à Cultura e à Educação)

Placa de Homenagem da Câmara Municipal de Campo Belo (MG) -1996 (pela idealização da “Semana da Cultura de Campo Belo”).

Certificado de Destaque da 161ª Cia da Polícia Militar pelo empenho e apoio à criação e manutenção da Patrulha Rural no município de Campo Belo/MG

Medalha MÉRITO RURAL DE MINAS GERAIS concedida em 2011 pela Federação da Agricultura e Pecuária de Minas Gerais – FAEMG pela atuação na presidência do Sindicato dos Produtores Rurais de Campo Belo - Minas Gerais.

Prêmio “MULHERES NOTÁVEIS DE MINAS GERAIS 2013” na categoria representação classista, concedido pela FEDERAMINAS.

COMENDA DR. OSWALDO ALVARENGA – da Academia Campo Belense de Letras em reconhecimento a trajetória e a contribuição cultural e literária – 1/11/2025.

PROJETOS/TRABALHOS AGRACIADOS

GRUPO DE EXPRESSÃO FOLCLÓRICA
ARUÊ - 1993 - PRÊMIO PRATA - oferecido
pela Federação de Fundações de Direito
Privado do Estado de Minas Gerais -
FEDERAMINAS - Belo Horizonte - MG.

ESCOLA DE MÚSICA da Fundação Casa
da Cultura de Campo Belo - Ministério da
Cultura - 2000.

EDILSON BORGES CARDOSO



Em uma manhã de primavera do dia 26 de outubro de 1953 nascia Edilson Borges Cardoso, segundo dos três filhos de Edson Cardoso e Elza Borges Cardoso, que já contavam com uma filha, Edilza Cardoso Gambogi e depois se completou com o caçula, Edyr Borges Cardoso.

Seu pai, Edson Cardoso, natural de Campo Belo, segundo de nove filhos sobreviventes dos treze nascidos de Saturnino Cardoso e Francisca Cardoso, este natural de Santana do Jacaré-MG e

ela proveniente de Santo Antônio do Amparo-MG.

Edson Cardoso integrou o exército brasileiro fazendo parte da gloriosa FEB, indo lutar nos campos de batalha da Itália durante a Segunda Grande Guerra entre 1942 e 1945, o que sempre foi motivo de muito orgulho na família. Foi bancário do Banco Mineiro da Produção, depois denominado BEMGE.

Sua mãe, Elza Borges Cardoso, primeira de três filhos de Pedro Borges e Maria Borges de Resende, natural de Araxá, onde concluiu os estudos secundários, mudando-se para Campo Belo após seu casamento em 1951.

Edilson iniciou seus estudos pré-escolares no Centro Educacional Infantil Stella Maris, na época denominada Jardim de Infância Stella Maris.

Em 1961 cursou o ensino fundamental no Grupo Escolar Prof. José Monteiro, situado na época à Rua Santos Dumont nº 300, que logo passou a dividir simultaneamente as mesmas instalações com o Grupo Escolar Cônego Ulisses, devido ao desabamento parcial da escola na rua Santos Dumont.

O ensino fundamental complementar, abrangendo as quatro séries seguintes, foram cursadas entre 1965 e 1969, no mesmo Colégio Dom Cabral em que cursaria entre 1970 e 1972, o curso científico.

Durante todo o ano de 1972, paralelamente ao 3º ano científico, prestou o serviço militar no Tiro de Guerra 04-075 com mais 106 atiradores, ano após o qual, o serviço militar naquela modalidade passou a ser cumprido em apenas um semestre.

No ano de 1971 iniciou sua participação no movimento católico religioso juvenil Shalom, de iniciativa dos Padres Crúzios e coordenação do saudoso padre Agostinho, tornando-se também dirigente do movimento. Cabe uma menção honrosa ao seu guru padre Agostinho, a quem deve muito de meu desenvolvimento e formação moral, religiosa, espiritual, elevando a autoestima e o orientando numa idade de incertezas e decisões que traçariam um norte para seu futuro.

No mesmo ano, participou da UEC-União Estudantil Católica como presidente, época em que a UEC Campo-

belense era também a sede da UEC Minas Gerais, coordenando, orientando o movimento estudantil católico para toda a macrorregião de Campo Belo, ainda as cidades de Juiz de Fora, Passa Quatro, Sete Lagoas, além de várias outras cidades mineiras. Vale ressaltar que as carteiras estudantis de todas estas cidades eram emitidas em Campo Belo, na época, pela UECMG.

Neste ano, por iniciativa do padre Agostinho, reviveu e reeditou, junto a outros jovens idealistas, o jornal 100 NOME, periódico estudantil semanal onde atuou como presidente, em uma época em que Campo Belo não contava com nenhum periódico impresso. Como curiosidade, este jornal, chegava a circular com editais oficiais jurídicos e publicações da prefeitura, chamando os brios alguns intelectuais da época, motivando-os a criarem o Jornal Tribuna de Campo Belo, por iniciativa do Dr Atala Isaías, advogado e professor na época.

Alternou também apresentações do programa de rádio estudantil de variedades e cultura, semanalmente veiculado através da Rádio Clube de Campo Belo, UEC-Jovem Educativo, com o apresentador oficial de programa, o

brilhante Efraim Lázaro dos Reis, seu colega de diretoria da UEC e do jornal 100 NOME.

Prestou vestibular em Viçosa-MG para Agronomia e na Universidade Católica de MG, aprovado em ambos, optou por cursar Engenharia Mecânica em Belo Horizonte entre 1973 e julho de 1977.

Trabalhou durante seu curso, entre 1974 e 1977, na Lança - Eng^a Planejamento e Adm., inicialmente como estagiário, depois como responsável pelo departamento Projetos Industriais de viabilidade econômica junto ao BDMG.

Como engenheiro mecânico, trabalhou na Açominas entre agosto de 1977 e 1983, inicialmente como engenheiro de manutenção até 1980, ano em que internamente, especializou-se em informática, atuando no centro de processamento de dados da Açominas entre 1980 e 1982 quando se transferiu para a Cemig em Belo Horizonte, onde atuou como Analista de Sistemas até o ano de 1986.

Em meados de 1986 retornou a Campo Belo, onde exerceu a atividade

de empresário no ramo de materiais de construção. Exerceu outras funções, entre elas, implantou na confecção infantil Bala de Goma, um sistema informatizado, tornando-a pioneira ao empregar informática em sua programação de produção, com desenvolvimento de sistemas próprios e não apenas programas auxiliares prontos de controle de pessoal ou contábeis, como as demais empresas locais da época.

Entre 1998 e 2002, cursou Direito na Unifenas, graduando-se como advogado aprovado na OAB, exercendo a atividade advocatícia por um período.

Entre 2000 e 2002, trabalhou na Prefeitura Municipal de Campo Belo, coordenando no Departamento de Obras, os trabalhos de diagnóstico físico econômico e infraestrutura, resultando no levantamento geral da cidade, também a digitalização do mapa municipal, onde cada bairro foi analisado e discriminado individualmente em um diagnóstico denominado Conhecendo Campo Belo.

Ingressou na Caixa Econômica Federal em fevereiro de 2002,

inicialmente na cidade de Perdões, posteriormente em Campo Belo por um breve tempo, transferindo-se para Conselheiro Lafaiete onde exerce a função de avaliador de penhor na CEF até a presente data, onde também reside.

Teve sete filhos de dois casamentos, Ivan Neves Santiago Cardoso, Luciano Neves Santiago Cardoso, Pedro Ivo Neves Santiago Cardoso e Juliana Neves Santiago Cardoso, filhos da união com Gisele Neves Santiago; Marina Alves Gonçalves Cardoso, Henrique Gonçalves Cardoso e Luiza Gonçalves Cardoso, do matrimônio com Maria Helena Gonçalves.

Em 2026, com muito orgulho passou a integrar a Academia Campo-belense de Letras como membro correspondente.

EDSON JOSÉ TEIXEIRA



O radialista, jornalista, biógrafo, folclorista, poeta, memorialista, historiador, professor e palestrante, Edson José Teixeira, nasceu em Nepomuceno-MG em um domingo, às 9h15 min de 31 de maio de 1953. Segundo filho de Ana do Nascimento e

João Batista Teixeira, casal que tivera mais dois filhos: Beatriz do Nascimento Teixeira, a primeira; e Silvio Teixeira do Nascimento, o caçula. O nome Teixeira vem de sua pentavó, Ursula. Seus pais eram moradores do Distrito de Nazaré de Minas, naquele Município; seus penta-avós maternos, que eram descendentes de portugueses, foram Antônio Mendes Carneiro e Maria Francisca do Rosário, os tetra-avós Joaquim Lopes do Prado e Vitória Maria de Jesus, as trisavós Custódio José de Oliveira e Felícia Maria de Jesus, os bisavôs Alexandre José de Oliveira e Escholástica Maria de Jesus, os avós, Manuel Antônio Pereira e Mariana Ponciana do São José.

Os heptavós paternos, portugueses de Vila Real, Fernando Pereira e Úrsula Teixeira; os hexavós Francisco Teixeira da Silva que veio para o Brasil e se casou em Campanha MG, com Jerônima Corrêia, os pentavós Manoel Teixeira da Silva e Magdalena Luz da Conceição que viveram em Lavras, as tetravós Antônio Teixeira da Silva e Gertrudes Maria de Jesus que se casaram em Bom Sucesso; os trisavôs Mathias (Matheus?) Teixeira da Silva e Maria Filisbina dos

Anjos; bisavós Cândido Teixeira da Silva, nascido em Bom Sucesso, e se casou em Nepomuceno, em 1874 com Maria Policena de São José, porém o casamento foi anulado por serem primos e não contarem com a devida autorização da Igreja, o casamento foi revalidado pela própria Igreja em 1883. Os avós, José Teixeira da Silva e Maria Blandina de Jesus que se casaram em 1903 na “Fazenda Barreiro dos Mendes”, no Porto dos Mendes, hoje município de Nepomuceno.

Desde aos sete anos trabalhou; primeiro como aprendiz de sapateiro, depois de padeiro, foi balconista de armazém, jornaleiro (quando ampliou seu gosto pela leitura e a escrita, tendo feito suas publicações no Jornal “A Vanguarda” de Boa Esperança), vendedor de loja de armarinhos e garçom de bares e restaurantes.

Fez seus primeiros estudos nas Escolas Combinadas de Nazaré de Minas, tendo concluído o ensino fundamental na E. E. Dr. Sá Brito, já na cidade de Boa Esperança. Posteriormente, em Campo Belo, tornou-se morador da Rua Campos Sales e fez o Curso de Admissão na E. E. Miguel

Rogana, que na época, ficava na Rua Cesário Alvim, esquina com Lourenço Castanho. Em seguida, ingressou, após a Admissão, como aluno da E. E. José do Patrocínio Cardoso, curso noturno, após aprovação no tradicional e temido exame de seleção que era praticado pela escola em função do grande número de candidatos e das vagas limitadas; naquela que era a única escola pública com curso ginásial, onde foi aluno, dentre outros, das professoras Nelzira Garcia, Antônio de Ázara Maia, Martha Peixoto, Marly Carvalho Pacheco, Laíz Gomes da Silva e, como diretor, o professor Wagner Cardoso, todos integraram a ACL. Nesse tempo, participou de concursos de poesias realizados pela UEC - União Estudantil Católica.

Iniciou o curso científico no Colégio Armstrong, de onde se transferiu para o Colégio Dom Cabral e lá foi aluno dos Professores Célio Bastos e Braz Saturnino, no curso de Contabilidade, porém, desentendeu-se com o Padre Justino Obers, que era Diretor e desistiu do curso, retornando e concluindo o científico no Instituto Evangélico Armstrong.

A citação dos professores das escolas de Campo Belo deve-se ao fato de todos eles já serem membros da Academia Campo-belense de Letras, da qual Edson se tornou integrante efetivo em 1986, ocupando a Cadeira 25, que tem como patrono o escritor Raul Pompéia.

Ao longo de sua trajetória, foi Secretário Geral da UEC – União Estudantil Católica de Minas Gerais, Auditor, Presidente da Junta de Justiça Desportiva, Secretário e Superintendente da Liga Campo-belense de Desportos, Secretário do Lions Clube Campo Belo, quando recebeu a Medalha como Secretário 100%, oferecida pelo Lions Internacional. Ainda, Presidente do Lions Campo Belo, Membro do Corpo de Jurados da Comarca de Campo Belo por 10 anos, membro permanente do Conselho da Fundação Museu de Campo Belo. Integrou, como historiador e biógrafo, da Comissão para o processo de beatificação de Padre Alberto Föger, Corretor Autônomo, tendo atuado em Campo Belo para a EPTV, na apuração das eleições de 1990. E, como cristão católico, participou do ECC – Encontro de Casais com Cristo; MFC – Movimento

Familiar Cristão, Pastorais da Liturgia e do Batismo.

Tornou-se Radialista, após concorrer, em 1976, com mais 27 candidatos ao cargo de locutor da Rádio Clube de Campo Belo, onde foi o criador do noticiário de hora em hora, e de outros vários programas de sucesso, como o da participação dos ouvintes, ao vivo, pelo telefone, programa que era vigiado pelos defensores da ditadura militar, regime que lhe suspendeu por um ano do “Programa Edson José, Diferente! que acontecia aos sábados; por ter criticado a prorrogação dos mandatos dos prefeitos em 1980.

Foi um dos fundadores da Equipe 1001 de Esportes, como repórter e comentarista, tendo acompanhado o futebol amador e profissional de Campo Belo por mais de duas décadas, assim como foi pioneiro nas transmissões dos principais jogos do Campeonato Mineiro, Brasileiro e Mundial de Clubes (com destaque para os jogos de Cruzeiro e Atlético), assim como os de Comercial (terceira e segunda divisão) e do Sparta, na segunda divisão do mineiro.

Fez muito sucesso com o programa que levava seu nome, apresentado com a participação ao vivo dos ouvintes pelo telefone e que era vigiado pelos defensores do regime ditatorial militar; ditadura que lhe afastou por um ano do Programa Edson José, Diferente! que ia ao ar aos sábados; por ter feito críticas à prorrogação dos mandatos dos prefeitos eleitos em 1976. Foi eleito pelo povo, através da Empresa Nacional de Pesquisas e Promoções Sociais, como o melhor radialista da cidade nos anos 80/81.

Como único radialista-locutor-entrevistador com registro profissional (Número 993, Livro 06 folhas 95-V de 25 de março de 1983 DRT-MG), filiado ao Sindicato dos Radialistas de Minas Gerais a atuar em Campo Belo; foi subgerente e gerente da Rádio Clube; em Belo Horizonte foi Gerente de Publicidade da Revista Minas Gerais, órgão da Imprensa Oficial do Estado; interventor nomeado pelo Ministério das Comunicações para a regularização da documentação da Rádio Serra da Boa Esperança, locutor e gerente da Rádio Campestre FM; repórter e apresentador

do Jornal da TVN (TV Comunitária de Campo Belo).

Colaborou escrevendo para os Jornais: 100 Nome, O Campo Belo, Folha Campo-belense, Jornal Em Dia, Jornal Ocasão e Diário Em Dia, dentre outros. Bem como colunista de várias revistas publicadas em Campo Belo, como: Conthato, Via Montesa e Exclusiva Magazine. Ainda, como servidor público integrou as Comissões Municipais de: Trânsito, Turismo, Cultura e Meio Ambiente de Campo Belo.

Foi eleito para a Academia Campo-belense de Letras em 1986 e foi um dos autores, como poeta, do Anuário da Academia de Letras e, como historiador e memorialista, escreveu, em 2010, em revista própria, a história da Associação Comercial e Empresarial de Campo Belo - ACE que comemorava 70 anos. Participou dos livros Remexendo o Baú (2008), usado na rede pública municipal, e Centro-Oeste Mineiro: História e Cultura (2008), que faz um retrato da história e potencialidades desta região mineira, além de ter ampliado o trabalho de Flávio Flora, que se tornou no livro chamado de Manual do Bom Político, que é um curso de política.

Tornou-se, por concurso, funcionário público da Prefeitura de Campo Belo e ocupou o cargo de Chefe do Setor de Secretaria e Arquivo, posteriormente Chefe do Setor de Bibliotecas. Ampliou a Biblioteca José Miserani e, no mesmo período, foram criadas as sucursais dos Bairros da Feira, Davis e São Luis.

Cursou História na UNIFOR – Universidade de Formiga, posteriormente, aprovado no concurso como professor de História da rede estadual, tendo lecionado na Escola Estadual Carmelita Carvalho Garcia (Santana do Jacaré), Escola Estadual Abílio Neves, CESEC Prof. João Barbosa e Escola Estadual Jarbas Gambogi.

Como mencionado, foi eleito pela opinião pública nos anos de 1980/1981 como melhor radialista, quando recebeu o Diploma, conforme pesquisa da Empresa ENAPES – Santos Pesquisa Promoções Sociais; Recebeu o Diploma da IV Convenção Interdistrital de Caxambu do Lions Clube Distritos L- 18 e L- 120, em 05 de abril de 1987; do 4º Prêmio Top Of Mind como Professor e Historiador, entregue pelo Jornal Em Dia, em 16 de setembro de 2005; do Prêmio

Excelência do Jornal ATRIBUNA como Servidor Público e Professor, em 11 de setembro de 2009; a Moção nº 09/2010 concedida pela Câmara de Vereadores de Campo Belo pelo excelente trabalho como Coordenador do Setor de Bibliotecas Públicas e ainda com nome destacado em outras atividades como Escritor, Historiador, Biógrafo, Folclorista, Poeta, Radialista, Jornalista e Professor; Conquistou também o Diploma Mérito Rotário em 11 de janeiro de 2012; o Diploma de Colaborador Emérito do Exército em 19 de abril de 2013; o Troféu Mérito Cultural Washington Cadete 2020/2021 da Fundação Casa da Cultura; o Título de Excelência 2021 do Jornal ATRIBUNA em 16 de dezembro, como Professor e Historiador e, a Moção de Congratulação do Conselho Municipal da Igualdade Racial – COMPIR, em 12 de maio de 2023.

Casado com a Professora Raquel Pereira de Andrade Teixeira, com quem teve três filhos: Yves de Andrade e Teixeira, professor e mestre em Filosofia; Ylzes de Andrade Teixeira, professora de Sociologia e Assistente Social e Ylgner

de Andrade e Teixeira, que é, professor da Língua Inglesa e Turismólogo.

Org. Yves, Ylzes, Ylgner e Raquel; filhos e esposa do autor.

EVALDO ALVES D´ASSUMPÇÃO



Nascido em Campo Belo, MG no dia 15 de março de 1938, formou-se em Medicina pela UFMG, em dezembro de 1963, exercendo-a em Belo Horizonte e aposentando-se em 2009, quando transferiu sua residência para o Balneário de Castelhanos, em Anchieta, ES.

Especializou-se em Cirurgia Plástica e Tratamento de Queimados, e em seguida fez estágio de

aperfeiçoamento na Cronin and Brauer Clinic, Houston, Texas, EUA, em 1967.

Foi o organizador e primeiro chefe da Clínica de Cirurgia Plástica e Tratamento de Queimados do Hospital de Pronto Socorro em Belo Horizonte, no período de 1971 a 1976. Aposentou-se neste serviço em março de 1989.

Foi organizador e Chefe das Clínicas de Cirurgia Plástica dos Hospitais Sarah Kubitschek e Mater Dei, de Belo Horizonte, formando diversos novos Cirurgiões Plásticos.

Um dos fundadores e duas vezes presidente do Departamento de Cirurgia Plástica da Associação Médica de MG, depois regional mineira da Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica.

Editor-Chefe da Revista Brasileira de Cirurgia Plástica de 2004 a 2007.

Coordenador da Comissão de Ética da SBCEP-MG de 1998 a 2011.

Delegado do Comitê Ibero-latinoamericano de Prevención y Asistencia de las Quemaduras - 1980

Coordenador da Comissão de Ética do Hospital Mater Dei em 1990 e 1991,

membro da Comissão de Ética em Pesquisa da Santa Casa de Misericórdia e do Instituto Newton Paiva - 1997 e 2004.

Professor Assistente de Ética Profissional da PUC-MG de 1982 a 1985.

Professor Convidado de Bioética e Biotanatologia da Faculdade de Ciências Médicas - 2008 e 2009.

Membro-Fundador e Vice-Presidente da Comissão de Direitos Humanos da Arquidiocese de Belo Horizonte - 1979

Fundador e Presidente por dois mandatos, da Sotamig - Sociedade de Tanatologia de MG, Departamento de Tanatologia da Associação Médica de MG - 1998 a 2002

Membro Emérito e Presidente por dois mandatos (1986 e 1996), da Sobrames-MG - Sociedade Brasileira de Médicos Escritores

Membro da Academia Campo-belense de Letras - 1993

Membro Emérito do Instituto Mineiro de História da Medicina - 1986

Membro Titular em 1981, Presidente no triênio 2006-2009 e promovido a Membro Emérito em 2010, da Academia Mineira de Medicina.

Homenageado pela Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica, que deu o nome de Prêmio Dr. Evaldo D'Assumpção, ao melhor trabalho de pesquisa em Cirurgia Plástica, apresentado nos Congressos Anuais da SBCP, desde 2005.

Autor de 55 livros de medicina, biotematologia, bioética, religião, poesia, além de 2 volumes de suas memórias. Recebeu o prêmio "Anchieta Arte e Cultura - edição 2011", da Prefeitura Municipal de Anchieta, ES, pelo livro O APRENDIZ DE CASTELHANOS.

Autor do livro CASTELHANARTES (Ed. Fumarc, BH 2014), com uma coletânea de seus textos refletindo sobre a vida e para a vida, alternados com fotos feitas por ele, que também cultiva a arte fotográfica, mostrando as belezas do Balneário de Castelhanos e de sua natureza.

Conferencista em vários Estados brasileiros é autor de centenas de

artigos publicados em diversas revistas e jornais no Brasil.

Em junho de 2013 foi agraciado com o Título honorífico de Cidadão Anchietaense, dado pela Câmara Municipal de Anchieta, ES.

Tem três filhos, cinco netos e é casado em segundas-núpcias com a Sra. Edite Barbosa dos Santos D'Assumpção, artífice e comerciante de bordados finos, hoje também aposentada.

EVALDO FERREIRA VILELA



A trajetória de Evaldo Ferreira Vilela é uma daquelas histórias que inspiram não apenas pela grandiosidade dos cargos ocupados ou pelos títulos conquistados, mas principalmente pela forma humana, sensível e profundamente comprometida com a ciência e com o desenvolvimento do Brasil. Sua vida traduz a essência de

quem escolheu semear conhecimento para colher progresso coletivo.

Nascido na acolhedora cidade de Campo Belo, em terras mineiras marcadas pela simplicidade e pelo valor das relações humanas, Evaldo cresceu cercado por princípios sólidos que moldariam sua personalidade e orientariam sua caminhada.

Desde cedo, a curiosidade parecia caminhar ao seu lado. A observação cuidadosa da natureza e a busca por compreender os fenômenos da vida despertaram nele uma inquietação intelectual que o acompanharia por toda sua existência.

Como muitos filhos do interior mineiro, aprendeu ainda jovem a importância do trabalho, da dedicação e do respeito às pessoas. Esses valores, cultivados em sua formação familiar, tornaram-se pilares permanentes de sua atuação profissional e pessoal.

Com sonhos maiores do que os horizontes visíveis de sua cidade natal, escolheu seguir o caminho do conhecimento. E foi justamente através da educação que começou a construir

uma das mais brilhantes carreiras científicas brasileiras.

Sua formação em Engenharia Agrônômica ocorreu na tradicional Universidade Federal de Viçosa, instituição que se tornaria não apenas sua escola, mas também sua casa acadêmica e o palco de grande parte de sua extraordinária contribuição científica.

Em Viçosa, encontrou mais que salas de aula e laboratórios. Encontrou propósito, amizades, mestres e a certeza de que a ciência poderia ser uma poderosa ferramenta de transformação social.

Durante os anos de formação, destacou-se pelo talento acadêmico, pela disciplina e por uma impressionante capacidade de enxergar desafios como oportunidades de descoberta.

Sua paixão pelas ciências agrárias o conduziu naturalmente à pesquisa científica, caminho no qual encontrou espaço para desenvolver sua vocação investigativa e sua criatividade intelectual.

Determinado a aprofundar seus conhecimentos, prosseguiu seus estudos realizando mestrado em Entomologia pela Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz.

A escolha pela Entomologia revelou seu fascínio pelos complexos mecanismos existentes entre os organismos vivos e suas interações com o ambiente.

Seu olhar científico sempre foi além do óbvio. Ele buscava compreender sistemas, conexões e processos capazes de gerar impactos reais para a agricultura e para a sociedade.

Sua jornada acadêmica ultrapassou fronteiras quando ingressou no doutorado em Ecologia Química pela University of Southampton.

A experiência internacional ampliou sua visão científica e proporcionou contato com diferentes culturas, métodos de pesquisa e perspectivas acadêmicas.

Viver em outro país representou não apenas um avanço profissional, mas também uma experiência humana enriquecedora, marcada por

crescimento pessoal e novos aprendizados.

Seu compromisso com a excelência o levou ainda a realizar estágios de pesquisa em importantes centros internacionais.

Entre essas experiências destacam-se atividades desenvolvidas na University of California, Berkeley.

Também realizou estudos e pesquisas na University of Tsukuba, absorvendo conhecimentos de uma das culturas científicas mais respeitadas do mundo.

Sua trajetória internacional incluiu ainda a University of Erlangen-Nuremberg, fortalecendo sua formação multidisciplinar.

Cada experiência agregou novos saberes, mas jamais afastou Evaldo de suas raízes brasileiras e de seu compromisso com o desenvolvimento nacional.

Ao retornar, trouxe consigo mais do que títulos acadêmicos: trouxe ideias, conexões e uma visão moderna da ciência aplicada.

Na Universidade Federal de Viçosa, construiu uma carreira marcada pela excelência e pela dedicação integral ao ensino e à pesquisa.

Tornou-se Professor Titular, formando gerações de estudantes que encontraram nele não apenas um mestre, mas um verdadeiro orientador de vidas.

Seu estilo sempre foi marcado pela proximidade, pela generosidade intelectual e pela capacidade de incentivar talentos.

Muitos de seus alunos aprenderam com ele muito além da ciência: aprenderam valores humanos, ética e responsabilidade.

O reconhecimento de sua liderança o levou à função de Reitor da universidade que ajudou a construir e fortalecer. Como gestor, conduziu projetos, impulsionou iniciativas e trabalhou para ampliar a relevância institucional da universidade.

Sua capacidade de liderança ultrapassou os limites acadêmicos, alcançando importantes espaços

estratégicos do desenvolvimento científico brasileiro.

Exerceu o cargo de Secretário Adjunto de Ciência, Tecnologia e Inovação de Minas Gerais, contribuindo diretamente para políticas públicas voltadas ao conhecimento.

Também presidiu instituições fundamentais para a pesquisa nacional, como a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais.

Posteriormente assumiu a presidência do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, uma das maiores instituições de fomento científico do país.

Em cada função exercida, demonstrou equilíbrio, visão estratégica e profundo respeito pelos pesquisadores brasileiros. Sua contribuição ultrapassou a administração pública e alcançou conselhos, comitês científicos e importantes fóruns nacionais de inovação.

Ao longo de sua carreira, publicou mais de uma centena de artigos científicos reconhecidos

internacionalmente, além de livros e capítulos que ajudaram a formar pesquisadores. Sua produção intelectual tornou-se referência para estudantes, professores e cientistas em diversas áreas do conhecimento.

O reconhecimento veio em forma de homenagens, distinções e participações em instituições científicas de elevado prestígio.

Tornou-se membro da Academia Brasileira de Ciências, reconhecimento reservado a pesquisadores de contribuição excepcional. Também assumiu a presidência da Academia Brasileira de Ciência Agrônômica e fundou a Sociedade Brasileira de Defesa Vegetal.

Em reconhecimento à relevância de sua contribuição ao país, recebeu a Ordem Nacional do Mérito Científico, uma das maiores honrarias científicas brasileiras.

Hoje, ao olhar para a história de Evaldo Ferreira Vilela, encontramos mais do que um cientista brilhante. Encontramos um homem que fez da ciência um gesto de amor ao Brasil, um educador que transformou vidas e um

ser humano que soube unir inteligência, sensibilidade e propósito. Sua trajetória permanece como exemplo luminoso de que conhecimento, quando aliado à generosidade, torna-se uma das maiores forças capazes de transformar o mundo.

FRANCISCO DE ASSIS CORRÊA



Francisco de Assis Corrêa nasceu no dia 29/8/1963, na cidade de Campo Belo, filho de Vicente de Paulo Corrêa e Maria Aparecida Corrêa, já falecidos.

É casado com Maria Aparecida Silva Corrêa e dessa união nasceu a filha Júnia Caroline, que se uniu em matrimônio a Raphael Silveira Vilela, em julho/2015, vindo os netos Isabella Corrêa Vilela em 21/2/2021 e Gabriel Corrêa Vilela em 18/11/2022.

É casado com Maria Aparecida Silva Corrêa e dessa união nasceu a filha Júnia Caroline, que se uniu em matrimônio a Raphael Silveira Vilela, em julho/2015, vindo os netos Isabella Corrêa Vilela em 21/2/2021 e Gabriel Corrêa Vilela em 18/11/2022.

De família humilde – o pai operário e a mãe de prendas domésticas – sendo o primogênito, cresceu ao lado dos irmãos José de Paulo e Joaquim, sempre cercados pelo afeto e aconchego do ambiente familiar, onde sempre imperou a índole da responsabilidade e colaboração.

Cursou o ensino primário no então Grupo Escolar Abílio Neves; parte do Ensino Médio (5ª a 8ª série) na então Escola Polivalente e o segundo grau no Colégio Armstrong.

Por inexistir à época Escolas Estaduais para o Segundo Grau, teve de custear o estudo no referido Colégio Armstrong, para o que necessitou trabalhar como garçom e em lavouras de café. Atuou como “cobrador” na firma Irmãos Santiago Materiais de Construção, sendo nessa empresa seu primeiro registro em Carteira de

Trabalho, ainda em 02/01/1980, vindo a trabalhar como escriturário na empresa Petrofiltros Ltda em 1981 e posteriormente, aprovado em concurso público, trabalhou na Minas Caixa, de abril/82 a 15/3/91.

Nesse período de MinasCaixa, cursou Direito na Faculdade de Direito de Varginha/MG, graduando-se em dezembro/90 e com a liquidação da mencionada Instituição Financeira, optou por trabalhar na Defensoria Pública. Convidado pelo Dr. Nilson Reis a integrar a equipe do Escritório de Advocacia “Modestino Ferreira Reis”, motivo de honra e orgulho até hoje lembrado com muita emoção, ali atuou no período de dezembro de 1994 a setembro de 1997, até o ingresso na Magistratura Mineira, em 08/09/97.

Atuou nas Comarcas de Patos de Minas, como juiz cooperador, no ano de 1998, vindo para a Comarca de Cláudio em setembro/98, onde permaneceu por 11 anos, atuando como cooperador e substituto em diversas Comarcas da região, vindo assumir a Vara de Execuções Penais e Infância e Juventude da Comarca de Divinópolis a partir de 03/3/2009, onde permanece até os dias

atuais, sendo atualmente titular da Vara de Execuções Penais e Precatórias Criminais.

Foi agraciado com o título de Cidadania Honorária nas Comarcas de Cláudio (2003) e Divinópolis (2022).

Sempre manteve referência domiciliar em Campo Belo, no Alto das Mercês.

Evidenciado, desde tenra idade, o gosto pela língua pátria e pela arte e cultura, ingressou na Corporação Musical Santa Cecília de Campo Belo, aos 16 anos de idade, tornando-se músico, lecionando na Escola de Música Saturnino Cardoso e exercendo a função de maestro por mais de 10 anos seguidos.

Foi, por breve período, articulista do Jornal Liberdade, então dirigido pelo sempre lembrado Lindolfo Cazeca, o que valeu o convite para integrar o seleto grupo da Casa de Miserani, motivo de inefável orgulho, chegando a exercer a sua presidência, ainda que por breve período.

Francisco é símbolo de dedicação à família, à profissão e à cultura. Sua

trajetória é marcada por esforço a tudo que se propõe a fazer; pelo amor às letras; pelo e incontestável amor e veneração pela terra natal, a que, parodiando o poeta, sempre se refere como “minha pequena pátria”.

INAÊ LEANDRO



Inaê Leandro nasceu em 1996, na cidade de Campo Belo, Minas Gerais. É professora de português para estrangeiros, tradutora, intérprete,

escritora, ilustradora e criadora do podcast *Speak Portuguese Like a Brazilian*, voltado ao ensino do português falado no Brasil e à divulgação da cultura brasileira para falantes de outros idiomas.

Autora das obras *Eu, Construtor de Mim* (2016), publicada também em inglês com o título *I Am the Builder of Myself* (2017), e *rePense* (2018), participou ainda como coautora das obras *Sobre a Pandemia* (2021), *Ouse Realizar* (2021), *Esboços da Alma* (2021), *Palavras do Cotidiano* (2021), *Além da Terra Além do Céu: Antologia de Poesia Brasileira Contemporânea - Vol. V* (2021) e *Na Linha das Palavras* (2025). Também atuou como ilustradora do livro infantil *Nick, o Goblin* (2025).

Começou a escrever ainda na infância. Aos 10 anos, recebeu o prêmio de melhor redação do PROERD, promovido pela Polícia Militar de Minas Gerais. Já em 2013, conquistou o terceiro lugar no concurso de redação do Prêmio Jovem Senador, promovido pelo Senado Federal do Brasil.

Representou o Brasil no Global Diplomatic Forum nas edições de 2020 e

2025, realizadas em Londres, Inglaterra. Também estudou inglês e literatura inglesa na Oxford House College.

No ano de 2021, foi nomeada Sustainability Leader pela United People Global. Posteriormente, recebeu o convite para integrar a International Academy of Brazilian Literature, instituição sediada em Nova Iorque, nos Estados Unidos.

Entre 2023 e 2024, viveu em Utah, nos Estados Unidos, onde realizou trabalho voluntário que contribuiu significativamente para o desenvolvimento de suas habilidades de comunicação bilíngue, experiência que fortaleceu sua atuação como escritora, tradutora e intérprete.

Passou a integrar a Academia Campo-belense de Letras em julho de 2025. Mais tarde, em fevereiro de 2026, foi convidada a tornar-se membro da English PEN, uma das mais antigas organizações de direitos humanos do mundo, dedicada à defesa da liberdade de escrita e da liberdade de leitura.

Formada em Administração, possui MBA em Economia e formação técnica em Segurança do Trabalho pelo Instituto

Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Minas Gerais. Atualmente, estuda Letras – Português pelo Centro Universitário Ítalo Brasileiro e Professional Studies pela Brigham Young University.

JOÃO LUIZ LACERDA



Não lembro, possivelmente berrei ao chegar ao mundo, certeza que não foi pelos estertores da 2ª Grande Guerra, e tanto incomodei que apenas me lembro

de um tempo de poucas lembranças, destaque a rua do sapo, festejada pelo coral de sapos a coaxar ali perto, casa idosa ao lado de fábrica de tamancos, uma rua de terra onde meu caminhão grande, de madeira, quebrou as rodas, não com o meu peso, porém com as pedras incômodas, e festa de aniversário, minha não sei, da irmã também não sei, ambos os dois do Onofre Lacerda e Enilda Carmem Lacerda que, na sequência da vida, dispuseram-se para mais duas filhas. De outra casa, lembro vagamente, só algumas vezes a olhar por debaixo do portão as patas e mais patas do gado a passar, para onde iam... não sei - Rua do sapo de Campo Belo que nomeada tem de outro nome oficial.

No rolamento do tempo, afloram imagens poucas e uma e outra no desencaminho da prosa da vida. Lembro, ah! se lembro, e quanto... ruas de Candeias da infância querida, descalço, calça curta, suspensório, o cinema de nome tão longo quanto os seriados das matinês no Cine Círculo Operário São José. Retorno a Campo Belo adolescente e tanto mais a recordar, urge continuar que o teclado

seduz os dedos, é preciso ir em frente, embalar, estacar no balcão de padaria do tio Zé Faria, o encontro inesquecível, marcante, profundamente grato com o Dom Cabral e momentos de UEC, vogais e consoante até hoje grudados, gratamente fixados n'alma e nos fundos da igreja Matriz, flertes e planos em namoros sem eira nem beira, futebol com chuteira e sem talento.

Um fim de ano, terra natal na distância, sem volta, a percorrer ruas e casas alfeneiras de Alfenas, teatro alfenense, jornais a retirar textos das impressoras, alguns pequenos pousos no microfone da Rádio Cultura e coisas mais que muitos anos engoliram. Vivência de tudo encaminhado até mesmo uma curta morada em Machado e mais retorno, agora com mão segurando mãozinha e, na outra, diploma de Professor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. Andanças, nem sempre que pernas escolhem trilhas até que, um dia, tempo sobrou para ficar longe de tudo, e mais de nada tudo também ensacado para um novo caminho de escrita caseira sem compromissos empregatícios.

De dentro das vivências várias, enclausurar em livro o que foi o *Teatro de 55 anos*, e mais leituras e experiências, juntar esparsos conhecimentos no *Para o Teatro Amador*, e até mesmo um *Noticioso Ofidioso* desinteligível para as páginas do próprio livro. Tanta escrevinhação de longa data e tanto falatório e invenções mentais para prover o tempo com *Histórias que eu conto*. Histórias e mais histórias, passar nove anos a reencontrar um mundo distante na minha CB, nossa Camp'Belo nas reminiscências de dezenas de lembranças e emoções nas viagens de UEC – *alguma história*, alguma, sim, mas muitas abraçadas no tempo de tantos jovens que fomos, e juvenis que viveram tantos outros. De teatro, leituras e viagens mentais, decorebas mando e desmando, na catança de páginas e cenas, brotaram dois volumes das peças do calmoso e humoroso dramaturgo de Santa Rita do Sapucaí de muito e vivente de incontáveis dias e anos em Alfa, Alfenas, o *Teatro Completo do Waldir de Luna Carneiro*.

Missão Cumprida como na última edição do primeiro ano de vida do 100

NOME quase cumprida em tanto mister no teclado. E, mineiramente, ainda mais uns passos com o insurgente, pequeno, mas incômodo tabloide *UAI – um jornal bem mineiro* que acalmou espírito, mente, braços e dedos dedilhosos no teclado. Então, com a Nara Pacheco Magalhães e para sempre Lacerda, em derredor três filhos e de arredores cinco netos, a vida vai levando e sendo levada sem, no entanto, muitos incômodos a não ser os burocráticos que a todos o tempo burocratiza – paciência. Vida longa para a eternidade.

JOSÉ NEWTON NORONHA ALMEIDA



José Newton Almeida Noronha carrega em sua trajetória a rara combinação entre sensibilidade, disciplina e amor genuíno pela arte. Sua história é daquelas que parecem nascer acompanhadas pela música, como se os sons e as melodias já o aguardassem antes mesmo de seus primeiros passos.

Nascido em 11 de julho de 1951, na histórica cidade de São Gonçalo do Sapucaí onde residiu o célebre casal de

Inconfidentes, Inácio de Alvarenga Peixoto e Bárbara Heliadora da Silveira, no Sul de Minas Gerais, onde, José Newton veio ao mundo cercado por valores familiares sólidos e por uma atmosfera marcada pela simplicidade e pelos afetos verdadeiros.

Filho de David Carvalho Almeida e Adelina de Siqueira Noronha, cresceu aprendendo desde cedo a importância do respeito, da dedicação e da perseverança — princípios que mais tarde se refletiriam em todos os caminhos que escolheu trilhar.

Sua infância foi construída entre descobertas, sonhos e sensibilidades que, pouco a pouco, revelavam algo muito especial: um espírito naturalmente inclinado à arte e à expressão humana.

Enquanto muitas crianças apenas brincavam, José Newton já demonstrava uma curiosidade diferenciada diante dos sons, ritmos e harmonias que o cercavam.

Havia nele uma percepção quase intuitiva da música, um olhar sensível capaz de transformar emoções em melodia e sentimentos em inspiração.

Foi ainda muito jovem que esse talento começou a ganhar forma concreta.

Apenas aos oito anos de idade, movido por entusiasmo e determinação, iniciou sua jornada musical de maneira autodidata, aproximando-se do acordeão. Sem depender de métodos tradicionais, descobriu sozinho os caminhos das notas, dos acordes e das possibilidades infinitas que a música lhe oferecia.

Desde cedo, demonstrou uma característica que o acompanharia por toda a vida: a capacidade de aprender por paixão e dedicação. Mais do que dominar instrumentos, José Newton buscava compreender a alma da música.

Cada nota representava uma descoberta. Cada melodia parecia abrir uma nova porta para seu universo criativo.

Os anos passaram e a paixão musical cresceu junto com ele.

Aos quatorze anos, encontrou no violão um instrumento que se tornaria uma extensão de sua própria identidade artística. Não foi apenas um encontro

entre músico e instrumento. Foi o início de uma parceria construída por sentimentos, histórias e incontáveis momentos de inspiração.

O violão passou a traduzir aquilo que muitas vezes as palavras sozinhas não conseguiam dizer. Durante a juventude, especialmente no período estudantil, José Newton viveu intensamente a efervescência cultural presente nos festivais musicais da região sul-mineira.

Sua presença nos palcos nunca se limitava a simples apresentações. Havia algo especial em sua maneira de interpretar. Sua musicalidade era acompanhada de emoção, autenticidade e uma entrega que naturalmente tocava as pessoas.

Seu talento começou a chamar atenção não apenas pela execução instrumental. Pouco a pouco, também surgia um compositor sensível e um letrista capaz de transformar experiências humanas em poesia cantada.

Sua criatividade demonstrava maturidade e identidade próprias. As letras carregavam sentimentos

verdadeiros, enquanto as melodias revelavam delicadeza e profundidade.

José Newton nunca buscou caminhos artificiais. Sua arte sempre nasceu da sinceridade. E talvez exatamente por isso tenha conquistado reconhecimento e admiração entre aqueles que tiveram a oportunidade de ouvi-lo.

Mas sua trajetória não se limitou ao universo artístico.

Com determinação admirável, também construiu uma carreira profissional sólida e respeitável. Entendia que sonhos podem caminhar lado a lado com responsabilidade e compromisso.

Formou-se em Administração, demonstrando mais uma vez sua capacidade de unir sensibilidade e racionalidade de maneira harmoniosa.

Ao longo dos anos, atuou em importantes empresas e instituições, desenvolvendo uma trajetória marcada por dedicação, competência e seriedade. Por onde passou, deixou sua contribuição humana e profissional.

Construiu relações, acumulou experiências e fortaleceu valores que se tornariam parte essencial de sua história. Mesmo diante das exigências profissionais e das responsabilidades cotidianas, a música jamais ocupou um papel secundário em sua vida.

Ela permanecia presente. Silenciosa às vezes. Intensa em outros momentos. Mas sempre viva. Porque a música, para José Newton, nunca foi apenas um talento. Foi companhia. Foi abrigo. Foi linguagem do coração.

Ao longo de sua caminhada, participou de projetos musicais, realizou apresentações e continuou dividindo sua arte com aqueles que cruzaram seu caminho.

Jamais permitiu que a rotina apagasse a chama criativa que sempre carregou dentro de si.

Hoje, vivendo em Pouso Alegre, segue escrevendo mais um belo capítulo de sua trajetória. Continua cultivando sonhos, transformando emoções em canções e alimentando a inspiração que encontra na riqueza da Música Popular Brasileira. Sua essência permanece a

mesma: simples, autêntica e profundamente humana.

José Newton Almeida Noronha representa a prova de que talento verdadeiro não envelhece, não desaparece e tampouco se limita ao tempo. Porque algumas pessoas fazem da música uma profissão. Outras fazem dela parte da própria alma. E José Newton, sem dúvida, pertence a esse segundo e raro grupo.

JÚLIA DE SÁ CARVALHO



JÚLIA DE SÁ CARVALHO nasceu no dia 04/12/1947, na cidade de Bom Jardim de Minas-MG. É primogênita filha de Adelino Cardoso de Sá e Alice de Carvalho Sá, mudou-se com apenas 2 anos de idade para Campo Belo-MG, cidade onde construiu toda sua trajetória de vida onde permanece até hoje

Casou-se com Benjamin Barbosa Carvalho e tem 3 filhos Giulliano, Luciano e Barbara Alice e 5 netos Lucas,

Maria Eduarda, Henrique, Laís e Maria Sophia.

Desde muito jovem, demonstrou responsabilidade e espírito de colaboração, ajudando seus pais na criação dos 6 irmãos. Estudou o ensino primário no grupo escolar Professor José Monteiro e, mais tarde, iniciou o curso ginásial e o curso normal no colégio São José. Após uma pausa de 3 anos, concluiu a formação de professora no Instituto Evangélico Armstrong em 1970.

Também formou como técnica em contabilidade pela escola de comércio Dom Cabral, em 1969, demonstrando desde cedo uma formação sólida e multifacetada. Profissionalmente, ainda menor de idade trabalhou na coletoria estadual como auxiliar dos fiscais, atuou como industriária, sendo funcionária da Companhia Energética de Minas Gerais (CEMIG).

Tendo se aposentado aos 48 anos de idade. Mesmo com uma carreira técnica, nunca abandonou sua veia literária. Começou a escrever ainda no período escolar, colaborando com os jornais “100 Nome - 1963”, dos estudantes da União dos Estudantes

Católicos (UEC), jornal “O Campo Belo”, “Jornal Ocasão” com crônicas, poesias e notícias de acontecimentos do cotidiano. Integrou também o corpo de redação do Jornal Liberdade, onde compartilhou sua visão de mundo e contribuiu com a cultura local.

Sua dedicação à escrita e à cultura culminou em um importante reconhecimento: o convite para integrar a Academia Campo-belense de Letras (ACL) em 1979 ano do centenário de Campo Belo, onde ocupa a cadeira número 22 cujo patrono é Monteiro Lobato. Com alegria e humildade, aceitou fazer parte da entidade, comprometendo-se a trabalhar pelo engrandecimento da instituição, preservar a tradição e a pureza da língua portuguesa, respeitar O Estatuto, O Regimento e as decisões de seus órgãos diretivos atuando como secretaria desde 1989 até os dias de hoje.

Integrou o grupo de idealistas na criação da Fundação Casa da Cultura, a qual foi presidente por 3 anos; da Fundação Museu e Arquivo de Campo Belo Divino Dias Maciel onde foi coordenadora por 23 anos. Exerceu o cargo de Secretaria de Cultura no

mandato do Prefeito Romeu Tarcísio Cambraia. Continua até os dias de hoje como conselheira do Conselho Municipal do Patrimônio Cultural e da Fundação Museu.

Tornou-se cidadã Campo-belense no ano de 1998.

Julia é símbolo de dedicação à família, à profissão e a cultura. Sua estória é marcada por esforço, amor às letras e um profundo vínculo com a cidade de Campo Belo, que adotou como sua, desde a infância.

MIRIAN BOUERI MAGALHÃES



Aos 20 de março de 1961, na cidade de Campo Belo, Minas Gerais, em uma manhã, segunda-feira, nasce Miriam, a terceira filha do casal Doralice Boueri Bastos e Nestor de Bastos Neto.

Miriam era uma criança muito especial.

Aos três anos, ganhou concurso de canto num parque de diversões muito comum na época.

Aos sete anos, ganhou um concurso de canto na Rádio Clube de Campo Belo.

Miriam estudou o primário no Grupo Escolar Cônego Ulisses, o ensino fundamental no Colégio Estadual José do Patrocínio Cardoso e o científico no Colégio Dom Cabral, todos em Campo Belo, Minas Gerais.

Miriam atuou em diversos eventos ligados à arte e esporte. Fez parte do grupo de teatro, foi atleta na antiga praça de esportes local.

Aos 12 anos, começou a escrever suas poesias.

Aos 15 anos, venceu seu primeiro festival da canção em sua cidade com música de sua autoria.

Também ganhou o primeiro lugar de melhor intérprete.

Meses depois, participou do Festival da Canção em Lavras, Minas Gerais, onde ganhou o segundo lugar.

Aos 16 anos, ganhou o Festival de Poesia realizada pela UEC, União Estudantil Católica de Campo Belo.

Aos 17 anos, ganhou o Festival de Poesia realizado pela UEC Minas Gerais.

Miriam foi colaboradora do jornal “O Campo Belo” por muito tempo, com uma coluna muito especial.

Aos 19 anos, Miriam foi convidada a ingressar ao seletor grupo da Academia Campo-belense de Letras, onde ocupa a cadeira número 24, cujo patrono é nada mais que Oswald de Andrade. Miriam participou da coletânea de escritores brasileiros. Seus escritos estão ainda guardados.

Conheceu seu esposo, Ricardo Nunes de Magalhães, em Campo Belo, com quem teve três filhos, Sabrina, Vanessa e Ricardo. Tem dois netos, Lucca, sete anos, e Matteo, dois anos.

Ao casar-se, mudou-se da cidade natal, fez concurso público para o Banco do Brasil e realizou uma brilhante carreira.

Alfenas foi escolhida para sua segunda cidade. Nela, deu continuidade aos estudos e formou em Direito na

Universidade José do Rosário Velano (UNIFENAS), posteriormente fez pós-graduação em Direito Educacional, na Universidade de Jaboticabal – SP.

Atualmente aposentada, reside em Alfenas, Minas Gerais. Sua trajetória é sem dúvida marcada por superação e vitórias.

NILSON REIS



Nascimento 8/2/1939, Cristais - MG
FILIAÇÃO Modestino Ferreira Reis Nazira
Conceição Reis.

FORMAÇÃO Grupo Escolar “Padre Celso
Pinheiro” - Cristais MG Grupo Escolar

“José Monteiro Filho” - Grupo Novo -
Campo Belo MG Ginásio e

Escola Técnica Dom Cabral - Colégio
Dom Cabral - Campo Belo MG Instituto
Gammon - Lavras MG Curso
Champagnat- Belo Horizonte MG

Bacharel em Direito, pela
Faculdade de Direito da Universidade
Federal de Minas Gerais -1964; Pós-
graduação lato sensu - Direito Público -
Pontifícia Universidade Católica de
Minas Gerais. CARGOS OCUPADOS Juiz
do Tribunal de Alçada de Minas Gerais;
Desembargador do Tribunal de Justiça do
Estado de Minas Gerais - Aposentado
CARGOS OCUPADOS NA MAGISTRATURA
Assessor da Presidência do Tribunal de
Justiça do Estado de Minas Gerais em
relações institucionais junto ao IPSEMG;
Juiz de Direito Concursado;

Juiz de Direito da Comarca de
Campina Verde/MG; Membro do
Conselho da Magistratura do Tribunal de
Justiça de Minas Gerais.

NO MAGISTÉRIO: Professor de
Direito Usual, Legislação Aplicada e
Português do Colégio Dom Cabral -
Campo Belo/MG; Professor de Elementos
de Administração e Organização de

Empresa do Curso Técnico do Colégio Dom Cabral - Campo Belo/MG; Professor de Direito Civil e Processo Civil da Universidade de Alfenas - UNIFENAS - Campus Campo Belo/MG; Integrante do Corpo Docente do Curso de Formação Inicial de Juizes de Direito Substitutos - Escola Judicial Desembargador Edésio Fernandes. OUTRAS

ATIVIDADES PROFISSIONAIS:

Membro do Retiro Literário e Recreativo do Instituto GAMMON - Lavras/MG; Vice-Presidente e Presidente do Centro Acadêmico Afonso Pena - CAAP - Faculdade de Direito da Universidade Federal de Minas Gerais; Conselheiro e Vice-Presidente do Diretório Central dos Estudantes - DCE - Universidade Federal de Minas Gerais; Membro da Diretoria da 17ª subseção da OAB/MG - Lavras/MG; Fundador e Presidente da 15ª subseção da OAB - Campo Belo/MG - por três mandatos; Membro do Conselho Seccional da OAB/MG; Procurador Geral - Município de Campo Belo/MG; Assessorias Jurídicas a Prefeituras e a Câmaras Municipais;

Representante da OAB/MG em Banca Examinadora de Provas de Estagiários - Faculdade de Direito de

Varginha/MG; Membro do Conselho Editorial - Revista de Direito da Universidade de Alfenas - UNIFENAS; Membro Fundador, Presidente e Vice-Presidente - Academia Campo-belense de Letras;

Redator articulista dos Jornais "O Campo Belo", "Tribuna de Campo Belo" e "Liberdade"; Membro do Conselho Curador - Fundação Educacional de Campo Belo - MG; Coordenador da Área Cível - Centro de Estudos Jurídicos "Juiz Ronaldo Cunha Campos" - Tribunal de Alçada de Minas Gerais; Vice-Presidente - Centro de Estudos Jurídicos "Juiz Ronaldo Cunha Campos" - Tribunal de Alçada de Minas Gerais; Membro da "Comissão de Jurisprudência e Divulgação - Revista de Julgados" - Tribunal de Alçada de Minas Gerais; Representante do Tribunal de Alçada de Minas Gerais em audiências públicas destinadas à formulação do projeto da nova Lei de Organização Judiciária do Estado de Minas Gerais - Ipatinga/MG , Januária/MG e Montes Claros/MG;

Membro do Instituto dos Advogados de Minas Gerais - IAMG; Diretor Econômico do Instituto dos Advogados de MG - IAMG; Associado do

Instituto Luso-Brasileiro - Rio de Janeiro/RJ; Associado do Minas Tênis Clube - Belo Horizonte/Mg; Conselheiro do Minas Tênis Clube - Belo Horizonte/Mg; Membro e Vice-Presidente do Órgão Especial de Ética e Disciplina do Minas Tênis Clube - Belo Horizonte/Mg; Membro do CEAJ-Conselho Empresarial de Assuntos Jurídicos da Associação Comercial de Minas Gerais; Integrante do Corpo Docente de Formação Inicial de Juízes Substitutos - Escola Judicial Desembargador Edésio Fernandes, do Tribunal de Justiça de Minas Gerais; Membro do Conselho Consultivo - Escola Judicial Desembargador Edésio Fernandes; Membro da Comissão de Avaliação dos Juízes Vitaliciandos; Membro das Comissões de Organização e Divisão Judiciárias, Administrativa e do Regimento Interno - Tribunal de Justiça do Estado de Minas Gerais; Membro da Comissão Examinadora dos Concursos do Quadro de Pessoal da Primeira Instância e da Secretaria do Tribunal de Justiça do Estado de Minas Gerais; Assessor da Presidência do Tribunal de Justiça do Estado de Minas Gerais em relações institucionais com o Ministério

Público de Minas Gerais e Assembleia Legislativa do Estado de Minas Gerais;

Assessor da Presidência do Tribunal de Justiça do Estado de Minas Gerais em relações institucionais junto ao IPSEMG; Membro da Comissão de Padronização - Tribunal de Justiça do Estado de Minas Gerais; Membro da Comissão Temporária Especial destinada à unificação dos Tribunais de Justiça e Alçada do Estado de Minas Gerais; Assessoria do Poder Judiciário junto ao Conselho Administrativo do FUNPEMG - IPSEMG; Membro da Primeira Comissão Especial de Licitação para construção da Nova Sede - Tribunal de Justiça do Estado de Minas Gerais; Membro da Superintendência da Diretoria Executiva da Gestão de Bens, Serviços e Patrimônio (DIRSEP) - Tribunal de Justiça do Estado de Minas Gerais; Representante do Poder Judiciário no Conselho Estadual de Previdência (CEPREV) - junto à SEPLAG/MG por ato do Presidente do Tribunal de Justiça.

Membro do Fórum Municipal de Assuntos Estratégicos do Município de Belo Horizonte - Designação da Administração Pública em 30/06/2011, por ato do Prefeito Municipal.

Representante do Poder Judiciário no Conselho Estadual de Previdência do Regime Próprio de Previdência dos Servidores Públicos e dos Militares do Estado de Minas Gerais por ato do Senhor Presidente do Tribunal de Justiça do Estado de Minas Gerais em 09/11/2011.Reconduzido por ato publicado no Diário Oficial do Estado de Minas Gerais, edição de 09/12/2012. Conselheiro do Escritório Resende Ribeiro e Reis Advogados.

Vice-presidente do Instituto dos Advogados de Minas Gerais - IAMG. Conselheiro Titular do Conselho de Ética Pública do Município de Belo Horizonte - MG. Membro titular do Conselho Deliberativo da Fundação Complementar do Estado de Minas Gerais, PREVCOM-MG como representante do Poder Judiciário, por ato do Presidente do Tribunal de Justiça de Minas Gerais. Presidente do Instituto dos Advogados de Minas Gerais. Membro nato do Conselho Superior do Instituto dos Advogados de Minas Gerais. Membro Efetivo do Instituto dos Advogados Brasileiros, com sede no Rio de Janeiro-RJ, tendo integrado as Comissões de Direito Processual Civil e

Direito Administrativo. Representante Institucional do Instituto dos Advogados Brasileiros no Estado de Minas Gerais triênio 2025/2028.

CURSOS, PALESTRAS E SEMINÁRIOS: Congressos Estaduais e Federais da OAB; Seminários e Encontros Jurídicos - Escola Judicial Desembargador Edésio Fernandes do Tribunal de Justiça do Estado de Minas Gerais; Ciclo de Conferências sobre Direito Comparado Francês e Brasileiro - Universidade de Paris, Pantheon, Sorbone; Participante de Encontros Jurídicos da Magistratura - Minas Gerais e outros Estados; Entrevista Constante da Série Pertinente à Comemoração dos 150 Anos do Tribunal de Justiça de Minas Gerais.

PUBLICAÇÕES: "Mandado de Segurança", Livraria Del Rey Editora Ltda; "Bem de Família", trabalho jurídico - Revista de Direito da UNIFENAS; Doutrina - A Função Social da Propriedade e o Direito Urbanístico - Publicação na Revista de Julgados nº. 82, janeiro/março de 2001, do extinto Tribunal de Alçada, pág. 27/62.

Coordenador, com outros advogados, sob sua direção, da Revista do Instituto dos Advogados de Minas Gerais- IAMG, Número Especial - 2010, sobre a Lei Federal n.12.016, de 07 de agosto de 2009, que revogou o regime legal do Mandado de Segurança (Lei n. 1533/51, de 31 de dezembro de 1951, e as demais referidas no art. 29), contendo, também artigo de seus comentários doutrinários.

Trabalhos Jurídicos e Conferências sobre Responsabilidade Civil, Processo Civil, Improbidade Administrativa, Mandado de Segurança, Dano Moral, Erro Médico, Ética Profissional e Direito Ambiental; Pareceres sobre "Inexigibilidade de Licitação" e "Direito Previdenciário e FGTS de Servidor Público, em face da Constituição e da Lei Própria"; Monografias sobre Legalidade Tributária, Licitação, Orçamento Público, Função Social da Propriedade e Direito Urbanístico.

CONDECORAÇÕES: Cidadão Honorário - Ibituruna/MG; Cidadão Honorário - Campo Belo/MG; Cidadão Honorário - Arcos/MG; Cidadão Honorário - Nova Serrana/MG; Empresta seu nome ao Diretório Acadêmico da

Faculdade de Direito de Alfenas/Campus Campo Belo - DANIR, e à Sala dos Advogados do Fórum - Campo Belo/MG; Colar do Mérito Judiciário - Tribunal de Justiça do Estado de Minas Gerais; Medalha da Inconfidência - 2004.

Medalha de Honra da Inconfidência Mineira - 2005; Colar de Mérito da Corte de Contas "Ministro José Maria de Alkimim" - Tribunal de Contas do Estado de Minas Gerais; Medalha "Santos Dumont" - Governo do Estado - por indicação do Tribunal de Justiça do Estado de Minas Gerais; Comenda "Engenheiro Arquiteto Marcos José Lara de Oliveira" - Boa Esperança/MG; Medalha "Desembargador Hélio Costa" - Tribunal de Justiça do Estado de Minas Gerais; Diploma Administrativo - Instituto Mineiro de Defesa do Consumidor; Diploma "Amigo da Polícia Civil" - Polícia Civil do Estado de Minas Gerais - 52ª Delegacia Regional de Segurança Pública; Medalha do I Centenário Presidente Juscelino Kubitschek - Governo do Estado de Minas Gerais; Medalha do Mérito Legislativo - outorgada pela Assembleia Legislativa de Minas Gerais - 24/11/2008; Diploma da Medalha de

Mérito Desembargador Ruy Gouthier de Vilhena Tribunal de Justiça de Minas Gerais; Homenagem de Reconhecimento por Certificado do Município de Campo Belo (MG).

OTÁVIO DE AVELAR ESTEVES



Nasci em 10 de agosto de 1951, no centro de São João del Rei, num sobrado, localizado a uns 50 m do Teatro Municipal, na Avenida Hermílio Alves, 220. Sendo filho de médico, os partos do nascimento de seus sete filhos ocorreram em seu consultório, anexo à nossa moradia, no mesmo sobrado. Caçula da família, vivi naquela bela cidade histórica mineira até meus 10 anos, quando mudamos para a capital mineira, Belo Horizonte.

Com pouco mais de três anos, passamos a morar em uma casa muito maior, que meu pai construía na

Avenida Tiradentes, 111, onde havia um quintal de extensão muito privilegiada e ainda usufruíamos da utilização de um lote vizinho, de um amigo da família. Espaço não nos faltava para desenvolvermos uma enormidade de atividades lúdicas e para a criação de animais, cuja diversidade, era de fazer inveja: coelhos, galinhas, patos, cachorros, galinhas de angola, carneiros, pombos, gatos e até uma oncinha jaguatirica tivemos. Um detalhe interessante: o lote, em que nossa casa fora construída, era um dos extremos do campo de futebol do Colégio Padre Machado - o Colégio do Vigário Machado, como o citara D. Pedro II em seu diário, quando de sua visita a São João - que tinha se transferido para Belo Horizonte, e possuía seis largos degraus de uma arquibancada, dos quais parte foi demolida para a construção da casa. O restante permaneceu intacto, propiciando-nos um verdadeiro anfiteatro em nosso quintal, para nossas peripécias. Por tratar-se de campo de futebol, era um lote plano, dotado de uma profundidade significativa (largura de um campo oficial), que se encerrava num muro de arrimo, sobre o qual estavam plantadas árvores frondosas.

Como se não bastasse aquele espaço na nossa moradia, possuíamos uma pequena fazenda, de 23 alqueires, que nós chamávamos de Chácara, que limitava em um de seus extremos com os fundos das casas de uma rua do bairro Bonfim. Lá havia um pomar e uma horta invejáveis, tanto em quantidade, quanto em diversidade de espécies plantadas. Além da Chácara, desfrutávamos de uma fazenda de 110 alqueires, situada no distrito de Santa Rita do Rio Abaixo, hoje município de Ritópolis (a verdadeira terra natal de Joaquim José da Silva Xavier, o Tiradentes), a cerca de 20 km de São João, onde havia ruínas de uma fazenda muito antiga, que imagino ter sido construída no século XVIII, onde encontrávamos lindas cachoeiras e utilizávamos o que fora um tanque, de uma antiga fábrica de polvilho, como piscina para nosso lazer. Ali aprendi a nadar.

Naquela época, não tínhamos televisão, nem geladeira em casa e nossas refeições eram preparadas em um fogão à lenha. Mas, tínhamos um imenso rádio Philips a válvulas, em que “pegávamos” a rádio São João, Z Y I 7, e

emissoras do Rio de Janeiro e uma, ou outra mais. Além disto, meu pai comprava alguns jornais. A formação que ia adquirindo na escola, associada à aguçada curiosidade, me levava a buscar descobrir o que eles continham. O que mais me despertava interesse eram as páginas de futebol, que eu aprendi a gostar muito, mesmo sem nunca ter assistido um único jogo oficial. Adorava ouvir transmissões de jogos, inclusive os da Copa do Mundo de 1958. Eu “viajava” ouvindo transmissões dos jogos, imaginando o que poderia estar se passando. Após os jogos, passava tempos memoráveis, pensando em como aquelas falas poderiam ter chegado pelo ar até nosso rádio. Era um mistério ... Telefone, daqueles que tinham manivela para acionar a telefonista na central e solicitar-lhe conectar-nos com quem desejávamos falar, já possuíamos. Como brincávamos de fazer aqueles telefones com latinhas, unidas por um cordão longo, era mais fácil aceitar que o som viajasse pelo fio. Mas, o rádio ...

Na época em que morávamos em São João, fazíamos viagens para visitar a casa de minha avó materna, Vovó

Chiquinha, em Sete Lagoas. Até meados do Governo de Juscelino Kubitschek, ali pela segunda metade dos anos 1950, transitávamos apenas por estradas de terra, em viagens que iam de cerca das quatro da manhã, até às dez da noite. Uma verdadeira epopeia, feita num Jeep Willys 1951. Era o momento de convívio com meus familiares da família Avelar, do que tenho ótimas lembranças, em especial das comemorações de Natal, animadíssimas festas, em que a maioria da família de Vovó, que, àquela altura da vida, já contava com seus noventa anos e uma enormidade de descendentes: cerca de cem bisnetos e até trinetos. Eu o caçula dos netos.

Em São João, era o companheiro de meu pai para as idas à fazenda, do que guardo saudosas lembranças e me fizeram criar um vínculo estreito com minha terra, especificamente com aquele local, me levando a adquirir posteriormente um sítio limítrofe àquela fazenda, ali no município de Ritópolis, meu refúgio e de minha família desde a década de 70.

Embora São João del Rei tenha sido uma cidade extremamente importante nos séculos XVIII e XIX na colonização de

Minas Gerais, no decorrer do século XX entrou em um processo de declínio socioeconômico. Em 1962, já não atendia às necessidades de meus irmãos mais velhos se dedicarem a estudos superiores e encontrarem espaço para o trabalho. Nessa ocasião, minha família se viu na contingência de se transferir para Belo Horizonte.

Com dez anos, eu deixava a minha São João, rumo a uma metrópole, me vendo compelido a uma mudança de uma vida praticamente de reclusão, em termos de amplitude de convívio social, para uma realidade de vasta exposição a contatos interpessoais. Ao mesmo tempo, abandonava uma realidade de espaço físico imenso, para morar numa casa muito exígua comparativamente, com apenas um pequenino quintal cimentado. Saía de uma cidade profundamente tradicional, estudante em uma escola com regime disciplinar rigoroso, a caminho de algo que se me parecia aterrador! Uma transformação assustadora e traumática, desde o próprio momento da viagem da mudança. Fui o último dos filhos a sair com os pais no Jeep.

Lá ia eu, acuado, amedrontado e angustiado, com o que poderia encontrar ...

Meu pai, mais velho do que eu 43 anos, era o caçula dos seis médicos da família, incluindo tios dos dois ramos familiares: três irmãos dele e dois de minha mãe. Eram de uma geração em que a medicina era praticada como um verdadeiro sacerdócio: cuidar da saúde do próximo era um imperativo e não um mero exercício profissional.

No meio da viagem, nos defrontamos com um acidente seriíssimo, perto de Barbacena. Um fusca tinha se desgovernado e subira num barranco. Cena horrível! Muitos machucados, e meu pai, imbuído de seu “sacerdócio”, fazendo de minha mãe sua enfermeira foi prestar os cuidados necessários aos acidentados.

De imediato, colocou-me num Aero Willys azul piscina, que por ali passava, com um casal, que eu não sabia quem eram, para acabar minha viagem rumo ao desconhecido, ao incerto. Acentuou-se em mim a angústia da transição em direção à incerteza em que já estava imerso.

Porém, antes de me colocarem naquele carro azul, presenciei uma cena que me assustou profundamente, por não a conseguir entender e que me marcou muito e que hoje, superadas os traumas, uso como metáfora, em muitas situações do cotidiano. Na cena do acidente, onde havia uma série de pessoas com graves ferimentos, tinha uma senhora aparentemente ilesa, descabelada, com a roupa toda descomposta, com um pé calçado, em um sapato de salto alto, e o outro descalço, andando desesperada de um lado para o outro, dizendo aflita e em voz alta: “cadê meu sapato”, “cadê meu sapato”, “cadê meu sapato” ...

Aquilo introduzia traços mais drásticos e contraditórios naquela cena, que já se me parecia horripilante.

Pois é: hoje em dia me defronto com muitas situações que me resgatam a cena daquela senhora: a casa “pegando fogo” e alguém “procurando pelo seu sapato”

A escola em que estudei o Primeiro Grau, o Externato Santa Terezinha, a Escola da Dona Carmita, instituição privada, muito conhecida pela elite de

São João del Rei, adotava um currículo que ia atalhando os conteúdos do curso primário, de formas que os quatro anos eram ministrados em apenas três. Naquela ocasião, existia um tal Curso de Admissão ao Ginásio, uma espécie de “Cursinho”, que era ministrado em um ano, preparatório para o ingresso nos quatro anos subsequentes da formação escolar, o Curso Ginásial. Na Da. Carmita, o quarto ano já cumpria o papel do Curso de Admissão e os alunos terminavam os quatro anos, prontos para entrarem no colégio. Encurtava-se um ano na formação. Aqueles que logravam não ter nenhuma reprovação em sua vida acadêmica, como meus irmãos, concluíam a formação colegial com 17 anos e a superior com 22.

No início do século XX, frades franciscanos holandeses fundaram, em São João, o Colégio Santo Antônio, que, se esmerando na formação humanista e científica, virou uma referência para a educação no País. Criaram um internato, através do qual recebiam estudantes de várias regiões do Brasil. Meu pai e seus irmãos mais velhos, nascidos em uma fazenda em Santa Rita do Rio Abaixo, estudaram internos no Santo Antônio.

No meio do século, o colégio expandiu sua atuação, abrindo uma filial na capital do Estado, Belo Horizonte.

Nossa mudança para a Capital ocorreu justamente quando ia ingressar no Curso Ginásial. Por razões óbvias, meus pais escolheram o Colégio Santo Antônio para me matricular, onde acabei estudando oito anos. Como sou de agosto, os orientadores de lá entenderam que eu não tinha idade para iniciar o Ginásio e me obrigaram a repetir o Admissão. Acabou por ser uma medida positiva para me permitir tempo para adaptação ao novo contexto, o que, para uma criança, foi suficiente para que a transição ocorresse sem maiores atropelos.

Com certeza a metodologia de ensino adotada no Colégio era fantástica. Era ela que teria me instigado a gostar de aprender, embora eu imaginasse em meu íntimo que meu aprendizado ocorria devido ao meu interesse e ao meu esforço próprio, a despeito da existência de professores. Me recordo plenamente de momentos em sala de aulas em que me via “viajando” nos temas tratados na aula e registrando no caderno, anotações

próprias, distintas do que estava sendo falado ou escrito no quadro. Demonstrações pessoais para teoremas, nas aulas de Matemática, que sequer conferia o que o professor apresentara.

Não se vá imaginar, com isto, que eu tenha sido um pré e adolescente super estudioso e compenetrado. Muito pelo contrário, era assaz travesso e frequentemente envolvido em situações que traziam dores de cabeça para os pais. No meu novo endereço, Rua Padre Odorico, 88, e imediações, subia em telhados para soltar papagaios, quebrando telhas, corria sobre muros e até pegava cavalos de carroceiros (que na época entregavam leite e pães nas casas) para dar umas voltinhas à noite. Virava e mexia chegava em casa machucado. Só para se ter uma ideia: quebrei duas vezes o braço direito e, também, o esquerdo. Vivia em “peladas” de futebol pelas ruas e quadras. Fazia carrinhos de rolimã e, certa vez, mais ousado, resolvi fazer um ônibus para cinco lugares. Claro que eu seria o motorista: ao tentar freá-lo ao fim da primeira descida, o carrinho passou por cima do freio e de minha mão, ralando meus dedos, no que expôs ossos de um

dos dedos ... E o médico, que cuidada de mim, ficava pelos cabelos, quando me ouvia entrar em casa chorando.

Aprendi, desde cedo a fazer trocadilhos e nunca perdia uma oportunidade de fazer uma anedota com algum interlocutor. No final da primeira série ginásial, um professor me colocou o apelido de Risadinha, através do qual sou conhecido até hoje: Risada.

Pulava o muro para um quintal vizinho, para brincar com a criançada de lá, cuja mãe saía para trabalhar e deixava os portões trancados. Porém, o que dia a dia mais me atraía e me levava a transpor aquele muro era o despertar de um primeiro amor de pré-adolescente. Naquela casa ouvi pela primeira vez uma canção dos Beatles. Antes que a adolescência se firmasse, e com ela pudéssemos formalizar aquele incipiente romance, nos mudamos para a Rua Padre Rolim, 71, bem longe e já não era mais possível pular aquele já romântico muro. No fim de meu Curso Ginásial fui pedir ao meu pai dinheiro para ir com uma turma de vizinhos para um fim de semana em um sítio da família de um deles, em uma cidade próxima. Meu pai, daqueles austeros, que

raramente era visto sem terno, me respondeu:

- Meu filho, ganhe o seu dinheiro, que você pode fazer o que quiser com ele.

Foi um choque para mim. Ganhar dinheiro? Como?

Não passou muito tempo e percebi que a minha formação escolar era muito superior à dos meus vizinhos. Sim! Aqueles com quem eu não pude viajar para o sítio. Eles sofriam com as provas em seus colégios e eu poderia ajudá-los muito. Acenava-se, então, o início de uma carreira de magistério: comecei a dar aulas particulares de Matemática, Física, Química, Desenho etc. para meus vizinhos e em pouco tempo ampliou-se a clientela.

Naquela época surgia um cursinho pré-vestibular em Belo Horizonte, o Pitágoras, numa sociedade de quatro professores, um deles pertencente ao quadro docente do Santo Antônio. Quando fui cursar o terceiro científico, aquele Cursinho já estava consolidado e fizera um convênio com o Colégio - terceiro ano integrado: disciplinas colegiais simultâneas às de revisão. Fui

então aluno de todos os donos do emergente Pitágoras. Com o bom desempenho no Colégio e no Vestibular, fui convidado para ser Monitor de Física no Cursinho. No início do segundo semestre, na falta de um professor, me colocaram para substituir-lhe, até uma solução definitiva. Porém, entendendo que estava tendo desempenho satisfatório os gestores deixaram de procurar o “definitivo”. Ao contrário, me alocaram em turmas superintensivas a partir de outubro. No início do ano seguinte fui indicado para professor de primeiro e terceiro anos de Física em um colégio de menor expressão, enquanto já via consolidada a carreira de professor do pré-vestibular.

Naquele colégio conheci uma estudante que mexeu com meu coração, mas, por uma questão de princípios, nunca me permiti me envolver com alunas. Porém, posteriormente namoramos e viemos a nos casar. Tivemos três filhos e até hoje, quatro netos. Passada minha formação colegial, graduei-me em Engenharia Elétrica em 1974, na Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG. Paralelamente, fui professor de Física em colégios de

prestígio em Belo Horizonte, dentre os quais, o próprio Santo Antônio.

Enquanto cursava engenharia, e dava aulas de Física em colégios, nos idos de 1972, iniciei-me na leitura de poemas do que considero o maior poeta da Língua Portuguesa, Fernando Pessoa, cujo heterônimo, Alberto Caeiro, me despertou enorme fascínio. Seus poemas tocavam-me profundamente e, confesso, fiquei muitas vezes desconcertado com a beleza, a singeleza e uma sutileza instigante deles, sem que entendesse claramente a razão daquele fascínio e, também de um profundo incômodo que me causavam alguns deles, como foi o caso do:

“Passa uma borboleta por diante de mim

E pela primeira vez no Universo eu reparo

Que as borboletas não têm cor nem movimento,

Assim como as flores não têm perfume nem cor.

A cor é que tem cor nas asas da borboleta,

No movimento da borboleta o movimento é que se move.

O perfume é que tem perfume no perfume da flor.

A borboleta é apenas borboleta

E a flor é apenas flor.”

Após me formar, iniciei um mestrado em Ciências e Técnicas Nucleares. Com a maioria dos créditos cursados, comecei a trabalhar em licenciamento de instalações nucleares, na NUCLEBRÁS, e, pouco depois, passei a dar aulas, à noite, na engenharia da PUC Minas. Em 1977, fui convidado a integrar o corpo técnico da Superintendência de Ecologia e Engenharia Ambiental, da Fundação Centro Tecnológico de Minas Gerais – CETEC, que prestava o suporte técnico-científico, para a recém-criada (1976) Secretaria de Estado de Ciência e Tecnologia formular diretrizes para a política ambiental do Estado de Minas Gerais, a qual, segundo demonstrava o primeiro Secretário, prof. José Israel Vargas, a temática demandava muito mais Ciências, do que “polícia”.

Para composição do quadro técnico-científico daquela Superintendência, o então Secretário buscou profissionais das mais variadas formações e de elevada qualificação, em diversas instituições do País, dentre as quais a NUCLEBRÁS. O grupo contava com: economistas; arquitetos; sociólogos; historiadores; psicólogos sociais; comunicadores; geógrafos; geomorfólogos; geólogos; hidrólogos; hidro geólogos; espeleólogos; engenheiros: civis, químicos, sanitaristas, florestais, agrônomos, metalúrgicos, eletricitas, de minas, e outras modalidades; analistas de sistemas; meteorologistas; pedólogos; biólogos das mais diversas especialidades: ictiólogos, botânicos, zoólogos, especialistas em avifauna, dentre outros e várias outras formações. Em geral, eram jovens, com grande potencial e muito entusiasmo.

Porém, apesar de toda a diversidade da composição da equipe, era uma época em que o termo “multidisciplinaridade” não era difundido e a questão ambiental, a que deveríamos nos dedicar, fora colocada como um problema sério para o Mundo,

na Conferência de Estocolmo em 1972, pouquíssimos anos antes e, portanto, não fazia parte dos temas correntes. Tratava-se de uma missão muitíssimo instigante para todos, mas também algo muito “misterioso” para a equipe, que, a despeito disto, não se amedrontava com o desafio. Três anos após ingressar no CETEC, coube-me liderar informalmente um grupo que elaborou uma proposta de texto para o Decreto No 21.228, de 10/03/1981; para regulamentar a primeira Lei Ambiental do Estado, No 7.772 de 9/09/1980; que não foi promulgado como a proposta que elaboramos.

Volta e meia, aquela equipe heterogênea era exposta à responsabilidade de enfrentar uma missão inusitada, como elaborar um projeto, como: “Uso Racional e Integrado dos Recursos Hídricos da Bacia do Rio Paraopeba”. Aí, juntavam-se em torno de enorme mesa, diversos “ólogos”, aos quais o problema era apresentado por um “mensageiro”, a partir do que, todos saíam da sala com a incumbência de elaborar, cada um, uma proposta de trabalho relativa à sua área de conhecimento, que era repassada, após

um prazo, a um “iluminado”, que cuidaria de “integrá-las” num único documento, para ser negociado com um agente financiador do “tal estudo integrado”. Viabilizado o financiamento, cada um realizava sua “tarefa” e encaminhava o resultado ao tal “iluminado”, que elaborava o “Relatório Final”, “integrando” as partes ...

Ora, toda aquela situação deixava-me profundamente confuso, incomodado e perplexo, pois os ditos estudos ambientais (integrados) me pareciam verdadeiras "colchas de retalhos", onde nada se casava com nada. Não conseguia mais presenciar reuniões como: entre hidrólogos, hidrogeólogos, engenheiros sanitaristas, ictiólogos, limnólogos, engenheiros químicos e outros tantos, que diziam estar trabalhando com a água e vê-los numa verdadeira "Torre de Babel", só para ficar neste simples exemplo. Eu não conseguia enxergar que todos estavam trabalhando com uma “mesma água”, e que, hoje vejo que, de fato, não o estavam! Os dizeres e os trabalhos deles não se articulavam. Não se tratava de incompetências individuais e nem de dificuldades de relacionamento

interpessoal. Quando eu tentava expressar o meu incômodo, minha fala soava como se eu estivesse criticando os autores dos “retalhos”. Isto acabava por acentuar mais meu incômodo, com as reações que provocava, pois minhas expressões não eram, de fato, compreensíveis, porque, não entendendo, tão claramente quanto hoje; que a temática ambiental é das mais “complexas” que a Humanidade, e a Ciência, se defrontou na sua História, a enorme desarticulação era inevitável. Não sendo sequer capaz de entender as razões, o que se diria então de meu despreparo para expressar com simplicidade e serenidade o incômodo. Cada um enxergava a água apenas pelo viés (pela janela) de sua disciplina, que, absolutamente, não apresentava abertura para a visão dos demais ...

Nos últimos anos da década de 1980, participei do grupo que cuidou da proposta de criação e estruturação da Fundação Estadual do Meio Ambiente – FEAM. Na sequência, foi-me incumbido cuidar de liderar a estruturação da Diretoria de Tecnologia Ambiental no CETEC. Num processo participativo, em que, intuitivamente, entendi que deveria

promover intensas conversações, com grupos, em que ia alternando continuamente suas composições, emergiu uma estrutura muitíssimo interessante, adequada e bastante coerente, inimaginada inicialmente pelos partícipes. Naquele momento, dando vazão às minhas inquietações, a intuição induziu-me a introduzir, na nova estrutura, um Núcleo de Integração e Avaliação Ambiental - NIA, a quem caberia cuidar de estudar metodologias e estratégias voltadas a buscar meios de “desfragmentar” os estudos ambientais. No fundo, sem que o entendesse claramente, caberia a este Núcleo cuidar da Filosofia da Ciência, da Epistemologia.

Ao mesmo tempo, o magistério na engenharia aguçava-me um outro profundo desconforto, com a percepção cada vez mais clara de o quanto os cursos de engenharia são tão desagradáveis e insípidos. Fazia-me lembrar quão enfadonha foi a minha graduação. Só a tinha tolerado, porque minhas atividades de magistério em colégios, nas quais promovia experimentos muito interessantes de metodologias de ensino, compensavam,

em paralelo, o que meu curso me causava, por até “lustrarem meu ego”. Nos primeiros anos da década de 90, na PUC Minas, passei a compor o, então emergente, Núcleo de Estudos e Pesquisas Multidisciplinares – NPM. A partir deste momento, conciliando e articulando interesses comuns ao NPM, ao NIA e o Instituto da Família de Belo Horizonte, liderado por minha irmã, Maria José Esteves de Vasconcellos, realizamos um evento simplesmente fantástico, denominado Nas Fronteiras da Ciência Moderna, sediado na PUC Minas, com o intuito de propiciar aos integrantes dos grupos o conhecimento dos movimentos da transição paradigmática em curso no âmbito das Ciências, do qual muito se falava, mas, poucos sabiam do que de fato se tratava.

Todas as contingências encaminharam-me inevitavelmente a me dedicar ao estudo da Epistemologia, o que, após alguns anos, me levaram a entender que o problema que me afligia, em relação aos estudos ambientais e ao ensino da engenharia, tinha uma mesma gênese: era o paradigma subjacente à Ciência Clássica - era a “fragmentação”

em áreas, que impera na Ciência Clássica (Cartesiana) que impedia a realização dos desejados estudos integrados e promovia um “esgarçamento” nos currículos de engenharia, tornando-os virtualmente sem sentido e, portanto, tão desagradáveis e insípidos. Ao passo que entendia que a razão dos incômodos residia no Paradigma Cartesiano, me encantava a emergência do Pensamento Sistêmico, um novo Paradigma Científico, voltado a transpor aquelas dificuldades. Ufa!!!

Hoje entendo por que Fernando Pessoa mexia tanto comigo. Seu poema de mais de um século, encerra uma crítica ao cartesianismo, feita com muita ironia, aliás. Senão, vejamos: quando nos referimos à cor das asas da borboleta, perdemos o belo animalzinho de perspectiva, para nos concentrar apenas na cor de suas asas e assim por diante. Para concluir, o poeta, induzindo-nos a abandonar a fragmentação e nos ater à beleza do todo, nos diz: “A borboleta e apenas borboleta E a flor apenas flor”. Além do mais, Alberto Caeiro é o heterônimo amante da natureza, rebelde ante formalismos e, ao

que parece, inconformado com a arrogância humana, em se admitir detentor de acesso privilegiado a alguma “verdade”. Não acredito que a crítica tenha sido feita com alguma fundamentação epistemológica. Resultaria da intuição intrínseca à alma do poeta e, estando em consonância com ideias adormecidas em meu subconsciente, mexia tanto comigo e muito me incomodava.

No último ano de minha graduação, fui monitor de Computação Analógica e durante vários anos de minha atuação na PUC Minas, continuei a trabalhar com ensino e pesquisa na área. Distintamente do que se possa pensar utiliza-se um equipamento muito diferente do computador digital. Eu preferia chamá-lo de Simulador Analógico, pois ele se presta exclusivamente a simular o comportamento de variáveis de sistemas dinâmicos, através de uma “construção”, feita com a interconexão de alguns de seus componentes eletrônicos, de maneira que o circuito resultante funcione de tal forma que suas variáveis se comportem, no tempo,

de maneira semelhante (ANÁLOGA) às do sistema estudado.

A busca por entender as relações entre as partes que compõem um sistema, sob o aspecto dimensional, nos remete à Matemática - identificar as relações entre as suas dimensões. Se elas variam com o tempo, trata-se de um sistema dinâmico e elas são expressas pelas chamadas equações diferenciais (aquelas que têm foco nas variações, nas diferenciações). O Simulador Analógico é um recurso extremamente interessante para se observar o comportamento das variáveis de um sistema, já traduzido pela(s) respectiva(s) equação(ões) diferencial(is). No caso de sistemas complexos, cujas relações inevitavelmente contêm não linearidades, recaímos em equações diferenciais não lineares. Infelizmente, para a grande maioria delas, o Cálculo estudado na Física Clássica e na Engenharia não apresenta métodos para a sua solução. Porém, para um Simulador Analógico não há distinção a respeito do tipo de equação que simula.

Dedicar-me tanto tempo a esta área me propiciou desenvolvimento de

uma boa habilidade de modelagem de sistemas dinâmicos, e sua análise, e um salutar hábito de raciocinar por analogias em muitas situações. Também me submeti a um Curso de Especialização em Computação Digital, nos primeiros anos da década dos anos 80. Quanto à desarticulação reinante no ensino tradicional da engenharia (cartesiana, por excelência) me veio à mente uma metáfora: tudo se passa como se juntássemos várias pessoas, que nunca se viram, para compor uma “Orquestra”, onde cada uma toca como acha que deva tocar, no instrumento que considera o mais adequado, com a afinação que julga a mais indicada, cada um a seu tempo, no seu ritmo e sem nenhum maestro, muito embora haja alguém que detenha um título de “coordenador de curso”. Nesse contexto, os estudantes representam uma plateia “perdida e desorientada” que não consegue sequer se dar conta de uma perplexidade a que está exposta e, menos ainda, das razões para aquela situação desconfortavelmente absurda. Com vistas a procurar alterar esta realidade, liderei o projeto do Curso de Engenharia de Energia da PUC Minas e o coordenei por doze anos (2007-2018),

procurando adotar uma abordagem Sistêmica, metodologia considerada disruptiva pelos avaliadores do MEC, quando do reconhecimento do Curso. Foi a primeira engenharia da PUC a alcançar nota máxima do MEC. No Núcleo de Pesquisas Multidisciplinares da PUC Minas, integrei um grupo de pesquisas, que tinha como objeto de estudos a Qualidade de Vida, onde trabalhei em um projeto negociado com a Prefeitura de Belo Horizonte, para desenvolver o Índice de Qualidade de Vida Urbana - IQVU, com vistas a diferenciar as condições que “recortes intraurbanos” poderiam propiciar à qualidade de vida, de quem viesse habitar neles. Fui responsável pelos aspectos relacionados à modelagem matemática. O projeto alcançou êxito considerável e incluiu várias metodologias inovadoras: vários “olhares” na sua configuração (administradores públicos, acadêmicos e usuários), a ideia de que o possível acesso a serviços ofertados em outros “recortes” pode melhorar as condições de um lugar, além de um software específico para a realização do sofisticado cálculo. A metodologia resultante foi aplicada para vários anos, para BH, e em outros municípios

mineiros. Como desdobramento, fomos contratados para o desenvolvimento de um índice mais amplo, para diferenciar municípios brasileiros, envolvendo uma diversidade de serviços, também incluindo a ideia da acessibilidade, considerando informações oficiais disponíveis e que fossem passivas de atualizações periódicas. O IQVU Brasil apresentou resultados muito interessantes. Porém, não foi divulgado por decisão política do Ministério das Cidades na época da conclusão do projeto.

Além dos estudos epistemológicos, entendi que me seria importante buscar algum ramo da Ciência que se me mostrasse suficientemente abrangente, para me auxiliar no exercício da articulação daquilo que percebia ser tão desconexo, o que me levou à Termodinâmica, mais especificamente, à sua Segunda Lei. Tudo leva a crer que ela é uma manifestação de um princípio bastante genérico da Ciência Factual e por isto mesmo, entendi que me dedicar a ela poderia ser decisivo para a minha carreira científica posterior. Esta foi, então, a base e o foco da minha dissertação de mestrado. A abrangência

e importância da Segunda Lei pode ser verificada pela sua frequente citação, direta, ou indireta, na maioria dos trabalhos que se referem a novos movimentos da Ciência.

A Segunda Lei traz para o âmbito da Física o incômodo da inexorabilidade da irreversibilidade dos processos reais e, portanto, do sentido único da passagem do tempo, eliminando a viabilidade do que se denomina “determinismo clássico”. Além disto, através de métodos puramente abstratos, da matemática, chega-se à demonstração da existência de uma variável de estado, a entropia, a respeito da qual me permito dizer que chega a causar vertigem, e até náuseas, quando se defronta com ela pela primeira vez, o que perdura até que se possa aceitar sua existência, sem se poder “vê-la”, “cheirá-la” ou “apalpá-la” e, mesmo assim, concordar com a sua participação nos processos e admitir os efeitos de sua variação. Como decorrência da Segunda Lei, prova-se que, em toda transformação energética, e, logo, em qualquer processo que ocorra, há uma “degradação energética” e um aumento da entropia total do Universo.

Boltzmann, incomodado com o “distanciamento” entre a Termodinâmica Clássica e a Física Clássica resolveu procurar estabelecer uma “ponte” entre as duas. Porém, só o conseguiu, inserindo entre elas, a ideia das probabilidades, ao invés de conseguir seguir o determinismo que impera na Física Clássica. Criou, então, a Termodinâmica Estatística, seguindo os princípios das distribuições de probabilidade estatística dos estados das moléculas constituintes dos sistemas, em termos dos conceitos da mecânica clássica. Para espanto geral, provou que a “misteriosa” entropia, nesta nova concepção, é proporcional à probabilidade de se encontrar o sistema na organização molecular em que se encontra. Ora, convenhamos, quanto mais desorganizadas (embaralhadas, ou “misturadas”) estiverem as moléculas, maior a probabilidade de se as encontrar daquela forma (naquele estado). Logo, concluiu que a entropia seria uma medida de “desordem molecular” de um sistema.

A Termodinâmica, que tanto me abriu horizontes, é pouquíssimo palatável aos adeptos do paradigma

cartesiano-mecanicista, pois foge de suas crenças e lhes estabelece limites.

Como também me submeti a uma Especialização em Telecomunicações, voltando à ideia de raciocínio por analogias, Shannon relacionou a quantidade de informação, contida em uma mensagem digital, com a ideia de ordem, criada por Boltzmann na Termodinâmica Estatística, ou seja, a probabilidade de se encontrar os bits, naquela organização, na mensagem. Usou a expressão matemática da entropia, para quantificar informação, que, como a energia, também tende à degradação.

Apesar de ter tido uma formação original muito racionalista e cartesiana, a minha trajetória me conduziu a perceber as sérias limitações deste paradigma para tratar das questões que interessam à vida e, em particular, como ressaltei aqui, as relativas à “complexidade”, que a Ciência Clássica, que ainda recebe credibilidade quase que absoluta da comunidade em geral, insiste em desconhecer ...

RONALDO GARCIA DIAS



Ronaldo Garcia Dias nasceu em 27 de janeiro de 1953, na cidade de Campo Belo, Minas Gerais, filho de José Garcia Dias e Geralda de Sousa Dias. Durante sua juventude, na década de 1960, participou ativamente de sua comunidade como coroinha na Paróquia do Senhor Bom Jesus. Seus anos de formação básica ocorreram no Colégio

Cônego Ulisses e no Colégio Dom Cabral, período em que já demonstrava clara vocação para a liderança, atuando como diretor da União Estudantil Campo-belense (UEC) e do Leo Clube de Campo Belo na década de 1970.

Reside em Belo Horizonte desde o final dos anos 1970. Dr. Ronaldo construiu uma sólida base familiar ao lado de Maria Regina, com quem é casado desde dezembro de 1978. Dessa união nasceram três filhos: Maíra, Ronaldo e Gustavo. O legado da família se estende não apenas aos seus dois netos, Maria Tereza e Miguel, mas também à vida profissional, com sua filha Maíra seguindo seus passos na profissão e dividindo com ele a sociedade no escritório Ronaldo Garcia Advogados.

Sua respeitada trajetória jurídica teve início com o ingresso na Faculdade de Direito da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), na capital mineira, onde concluiu o bacharelado em Direito (1977-1981). Décadas mais tarde, reforçou seu compromisso com a educação ao concluir uma pós-graduação em Docência do Ensino

Superior pela Faculdade de Ciências Humanas da FUMEC (2011).

Atuação Institucional na OAB

Sua dedicação à Ordem dos Advogados do Brasil é vasta e de alto relevo para a classe.

Atualmente, exerce a função de Consultor Especial da Presidência da OAB/MG (2025) e professor de Direito Penal e Processo Penal pela Escola Superior de Advocacia.

É Membro da Comissão Nacional de Exame de Ordem da OAB Nacional, nomeado para o período de 2022 a 2027.

Presidiu a Comissão de Exame de Ordem da OAB/MG no ano de 2007.

Atuou na diretoria da seccional mineira como Diretor Secretário Geral (2006-2009) e Diretor Secretário Geral Adjunto (2003-2006).

Foi Diretor Geral da Escola Superior de Advocacia (ESA) da OAB/MG nos anos de 1996 e 1997.

Atuou como Conselheiro Seccional da OAB/MG.

Trajetória Acadêmica e Produção Intelectual

Como professor, palestrante e autor, Dr. Ronaldo contribuiu decisivamente para a difusão do conhecimento jurídico e para a formação de diversas gerações de juristas:

É autor de vários livros e artigos jurídicos publicados em revistas especializadas, além de ministrar palestras e cursos pelo Brasil todo.

Foi professor na Faculdade de Ciências Humanas da Universidade FUMEC, em Belo Horizonte, de fevereiro de 1999 até o ano de 2012.

Integrou o corpo docente da Faculdade de Direito Milton Campos, em Nova Lima, atuando de fevereiro de 1986 até novembro de 1997.

Lecionou na Faculdade de Direito da Universidade de Itaúna de fevereiro de 1984 a novembro de 1994.

SÉRGIO LUIZ MAIA



Sérgio Luiz Maia, nascido em 9.12.1965, em Cristais MG, filho de Rui Luiz Maia e Albertina Oliveira Maia.

Casado com Claudia Albina Duque Maia em 28.12.1990, com quem tem dois filhos: Thais Duque Maia, casada com Leonardo Souza Abreu e Alexandre Luiz Maia.

Meu pai agricultor e minha mãe costureira, e filho mais novo de três, sendo minhas duas irmãs mais velhas Natércia e Roseane, ambas casadas.

Dificuldades financeiras não foram a causa de esmorecer ou de impedir de lutar. Minha mãe sempre foi o pilar e o alicerce moral na minha vida, nunca me deixando desanimar e sempre me orientando e ditando os valores da vida, honestidade, humildade e empatia.

Bom aluno, comecei mais cedo a vida estudantil para completar uma sala de aula, entrando à época com 5 anos de idade.

Conclui o primário na Escola Estadual Padre Celso Pinheiro, primeiro grau na Escola Estadual Dr. Osmar Bicalho e segundo grau no Colégio Armstrong. Me formei em direito na Faculdade de Direito de Varginha em 1986.

Trabalhei desde muito novo, como vendedor de picolé, em viveiro de café enchendo saquinhos para mudas, sendo que aos 14 anos passei no concurso do Sindicato Rural, posteriormente na empresa de Laticínios Cacisa e aos 16 anos passei no concurso da MinasCaixa, onde permaneci até o ano de 1988, quando me desliguei para integrar o escritório de advocacia Modestino Ferreira Reis, a convite do Dr. Nilson Reis, a quem tenho imensa gratidão pela oportunidade e pelo carinho que dedicou na minha formação profissional e pessoal.

Aos 28 anos decidi que queria ingressar para os quadros da magistratura, e, em outubro de 1995 deixei o escritório e me dediquei, por três meses, intensivamente aos estudos para o concurso, vindo a ser aprovado em janeiro de 1996, e assumindo o cargo em 04.03.1996.

Atuei inicialmente na comarca de Timóteo, como juiz substituto, no ano de 1996, e, em 13.02.1997, assumi a Comarca de Perdões, onde permaneci até 13.02.2015, quando fui promovido para a comarca de Lavras, onde estou lotado até hoje.

Na magistratura respondi/cooperei nas Comarcas de Oliveira, Bom Sucesso, Itumirim e Nepomuceno.

Grato a Deus por tudo o que consegui, sempre me preocupei com o próximo, o que me levou a criar e acompanhar o Projeto Vida Nova, nas cidades de Perdões, Cana Verde e Nepomuceno, dedicado à valorização de jovens em situação de vulnerabilidade, sendo que o de Perdões já está em funcionamento há 27 anos, o de Cana Verde há 15 e o de Nepomuceno há 4, com excelentes resultados.

Me preocupei também com a situação de condenados, sendo um incentivador do Método Apac nas cadeias públicas, fundamento, em 2001 uma unidade em Perdões e em 2021 outra em Nepomuceno.

Fui professor na Universidade de Alfenas, campus Campo Belo, por 8 anos, no curso de Direito. Na Universidade de Lavras. No Curso técnico em Segurança Pública junto ao 8 Batalhão de Polícia Militar em Lavras; e na Escola Judicial Desembargador Edésio Fernandes do Tribunal de Justiça de Minas Gerais.

Cidadão honorário de Perdões, Bom Sucesso e Nepomuceno.

VICENTE SOARES NETO



Nascido na cidade de Tupaciguara, Minas Gerais, em 17 de setembro de 1950, Vicente é filho do Dr. Francisco Soares Ferreira e de Dona Odete da

Rocha Soares. Ainda nos primeiros sopros de vida, com apenas três meses de idade, foi trazido para Campo Belo, cidade que não apenas o acolheu, mas que se tornaria o cenário permanente de sua formação, de suas conquistas e de sua história.

Na tessitura delicada das letras que eternizam nomes e feitos, inscreve-se com singular distinção o de Vicente Soares Neto, não apenas como um acadêmico, mas como um verdadeiro artífice da palavra e guardião sensível da memória cultural.

Foi em Campo Belo que Vicente iniciou sua jornada intelectual, realizando seus primeiros estudos no tradicional Colégio Evangélico Armstrong, onde cursou o ensino primário e secundário. Desde cedo, já se desenhava ali a figura de um jovem atento, disciplinado e movido por uma curiosidade silenciosa, porém intensa. Posteriormente, deu continuidade à sua formação no Colégio Dom Cabral, consolidando sua base educacional até concluir o Curso Científico no Colégio Universitário da Universidade Federal de Minas Gerais, etapa que marcaria a

transição entre o estudante aplicado e o profissional em formação.

Seu espírito inquieto e vocacionado para o conhecimento técnico o conduziu ao Instituto Nacional de Telecomunicações — INATEL, onde ingressou no curso superior de Engenharia de Telecomunicações, graduando-se no ano de 1972. Não se contentando com uma única vertente do saber, ampliou seus horizontes acadêmicos ao também se graduar em Engenharia Elétrica-Eletrônica pela mesma instituição, firmando, desde então, uma trajetória pautada pela excelência e pela busca constante por inovação.

No campo pessoal, sua história é igualmente marcada pela fidelidade aos afetos. Casou-se, em dezembro de 1975, com sua primeira namorada, Marlysia Botelho de Sousa Soares, união que reflete não apenas o amor, mas a permanência de valores construídos ao longo do tempo. Dessa união nasceram quatro filhos: Ana Paula, Carlos Henrique, Flávia Cristina e Patrícia Maria, que representam a continuidade de seu legado humano e familiar.

Na vida profissional, Vicente Soares Neto trilhou um caminho de notável relevância, sendo reconhecido com a honraria de Comendador pelo INATEL, em razão dos relevantes serviços prestados na área de telecomunicações, tanto no cenário nacional quanto internacional. Sua atuação ultrapassou fronteiras, levando conhecimento e contribuindo para o desenvolvimento de um setor fundamental para a modernidade.

Como escritor técnico, destacou-se pela produção de obras que, à época de seus lançamentos, desempenharam papel essencial na difusão de novas tecnologias. Seus escritos não apenas informaram, mas formaram gerações, sendo adotados em instituições de ensino superior em todo o Brasil e em diversos países da América do Sul. Sua palavra, nesse contexto, assumiu o caráter de instrumento de transformação, precisa, didática e visionária.

No seio da Academia Campo-belense de Letras, sua atuação transcende a formalidade dos encontros e das sessões solenes. Vicente representa a continuidade de um ideal: o

de que a palavra escrita é ponte entre gerações, instrumento de elevação humana e registro vivo da identidade de um povo. Sua dedicação à vida acadêmica é marcada por zelo, respeito às tradições e, sobretudo, por um compromisso inabalável com a valorização da cultura.

Mas há, também, em Vicente, o homem das relações, aquele que cultiva amizades com esmero, que reconhece no outro a importância do afeto e que compreende a convivência como uma extensão da própria arte de escrever. Seus gestos, assim como seus textos, são impregnados de consideração e elegância, refletindo uma personalidade que harmoniza firmeza e ternura.

Avô carinhoso, amigo leal, confrade presente, Vicente Soares Neto constrói, dia após dia, uma trajetória que não se mede apenas por títulos ou honrarias, mas pela marca silenciosa e profunda que deixa nos que com ele convivem e naqueles que têm o privilégio de ler suas palavras.

Neste Anuário, organizado sob a sensível coordenação do honroso Confrade João Luiz Lacerda, seu nome

não figura apenas como registro, mas como testemunho vivo de uma caminhada dedicada à cultura, à ciência, à amizade e à arte de eternizar sentimentos por meio das letras.

E assim, entre páginas que guardam histórias e celebram legados, Vicente segue escrevendo não apenas com a tinta das palavras, mas com a essência de quem compreende que viver também é, em si, uma forma sublime de literatura.

